



O VAZIO
É UMA NOVA
OPORTUNIDADE
DE SE PREENCHER.

PURO ÊXTASE

Josy Stoque





TRINTA ANOS, BONITA, BEM-SUCEDIDA,
CASADA. NÃO FALTAVA NADA NA VIDA DE
SARA.

Sim, faltava. Faltava amor, cumplicidade
e estímulo. Faltava se lembrar de que estava viva,
e o divórcio foi uma maneira dolorosa de entrar
em contato com essa verdade.

Apesar da frustração e do sentimento de derrota,
Sara se esforça para enxergar nessa mudança
a oportunidade de ver o mundo com outros olhos.
É tempo de recolher os pedaços e se reinventar.
Resgatar os amigos esquecidos, investir na carreira,
ser dona do seu futuro.

Uma noite, um bar, um estranho. Pouco a pouco,
todos os preconceitos são deixados de lado.
E todas as possibilidades de prazer se tornam reais.

Puro êxtase é o livro mais ousado de
Josy Stoque. Dispa-se dos preconceitos e venha
se surpreender com a coragem de Sara.

O VAZIO É UMA
NOVA OPORTUNIDADE
DE SE PREENCHER

PURO ÊXTASE

Josy Stoque



© 2016 Editora Alto Astral

Fica proibida a reprodução parcial ou total de qualquer texto ou imagem deste produto sem autorização prévia dos responsáveis pela publicação.

PROJETO GRÁFICO DO MIOLO: Aline Santos

FOTO DA AUTORA: arquivo pessoal

Stoque, Josy

Puro êxtase. / Josy Stoque. – 2. ed. Bauru, SP : Astral Cultural, 2016.

ISBN: 978-85-8246-261-4

1. Ficção brasileira. I. Título.

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

EDITORA ALTO ASTRAL

Rua Gustavo Maciel, 19-26, Bauru, SP, CEP 17012-110

Telefone: (14) 3235-3878 / Fax: (14) 3235-3879

contato@astralcultural.com.br

À REALIZAÇÃO,
AO DESAPEGO,
À LIBERDADE!

"FAÇA COM QUE MINHA SOLIDÃO
ME SIRVA DE COMPANHIA. FAÇA COM QUE
EU TENHA A CORAGEM DE ME ENFRENTAR.
FAÇA COM QUE EU SAIBA FICAR COM O NADA
E MESMO ASSIM ME SENTIR
COMO SE ESTIVESSE PLENA DE TUDO."

CLARICE LISPECTOR

*(Livro de Ângela,
in Um sopro de vida: pulsações)*

Sara Mello foi uma criança sonhadora e uma adolescente apaixonada. Ela só queria alguém para chamar de seu, para amar e ser amada. Na juventude, todos os seus relacionamentos se mostraram um acúmulo de decepções. Por isso, quando encontrou Luis, ela só desejava que desse certo. Fez tudo o que pôde e até o que não devia para que a relação vingasse.

Agora que acabou, ela precisa lidar com a perda de seus sonhos, a dor de ser rejeitada e o vazio que cresce em seu peito, preenchido apenas por mágoa e revolta. Sara necessita buscar novas realizações, voltar a acreditar em si mesma e se amar, afastando a culpa e a raiva que o fim deixou no lugar do amor. Ela vai ter que aprender que ainda está viva, que é atraente e desejável apesar de tudo.

Sara precisa se reencontrar antes de estar pronta para tentar novamente. As feridas vão cicatrizar, e as marcas vão ser uma lembrança dessa batalha. Sair vencedora só depende dela mesma, da vontade de se reerguer, de descobrir o que a faz feliz, de admitir os próprios erros e aprender com eles, de reconhecer sua essência.

Ela precisa se livrar do medo e deixar a vida correr. Missão nada fácil para quem não quer enfrentar o risco de sofrer tudo outra vez. Nessa jornada de autoconhecimento, nós, meros espectadores, acompanharemos a viagem ao mesmo tempo dolorosa e gratificante da protagonista.

JOSY STOQUE

O FIM

O CHÃO SUMIU SOB MEUS PÉS.
LÁGRIMAS, DOR, DÚVIDAS E DESESPERO.
O QUE EU FARIA DA MINHA VIDA AGORA?
COMO RECOMEÇAR?
POR ONDE?
SENTI QUE MINHA VIDA HAVIA ACABADO.

REERGUENDO-ME DAS CINZAS

— CHEGA! — GRITO PARA MIM MESMA,
LIMPANDO AQUELAS QUE SERÃO AS ÚLTIMAS
LÁGRIMAS POR UMA HISTÓRIA QUE ESTÁ
ACABADA DEPOIS DE DEZ ANOS.

Hoje eu preciso esquecer. Necessito não pensar. Um mês de choradeira, depressão e desemprego já está de bom tamanho. As paredes do meu novo quarto me sufocam. Me tornei claustrofóbica neste cubículo. Agarro o celular e procuro o número da Bombom. Não, não vai dar. Descarto a primeira amiga da minha lista de contatos pelo simples fato de ela ser casada e ter dois filhos; a caçula é só um bebê. E quanto a Linda? Ela não é mãe ainda, mas é apaixonada pelo maridão e superdedicada. Também não vai rolar.

Day? Claro! Está na mesma categoria que eu: trinta anos, solteira. Diferentemente de mim, Dayana nunca se casou. Ainda bem. Vai que ela tem a má sorte de se divorciar como eu. Dou *enter* quando encontro seu número na agenda do telefone e ouço o aparelho chamar. Sua voz sonolenta atende no quarto toque.

— Oi, Day, tudo bem? Te acordei? — começo a falar, sem graça.

— Não. Eu tava no Facebook. — Dayana tem o hábito de procurar paqueras em chats na internet, mas nunca consegue nada sério. — Menina, preciso te contar os últimos babados.

— Demorou! Passo aí em meia hora pra gente sair. Aonde você quer ir? Estava pensando...

— O quê? Está louca!? São dez horas da noite!

— Cadê o seu espírito jovem? Dayana, você é muito nova pra reclamar de horário. Para com isso!

— Sara, pelo-amor-de-Deus, hoje é quinta-feira! Amanhã eu trabalho cedo, tenho que levar o Felipe pra escola. — Day é babá desde a adolescência.

Solto um suspiro. Minha vida realmente não é fácil. Tá, não é justo reclamar assim. Minhas amigas têm sido uns amores desde que voltei, despedaçada, para a casa dos meus pais. Mas eu estava contando com uma mãozinha para este momento de desespero. E agora, o que eu faço?

— Tudo bem, amiga. Eu vou sozinha.

— Sa, miga, não faz assim. Não pressiona. Você sabe dos meus horários. Eu adoro sair com você, mas hoje tô quebrada.

Por que eu me sinto tão ativa? Provavelmente porque não faço nada. O dia e a noite não têm diferença para mim há semanas: o cinza simplesmente muda de tonalidade.

É nesse instante, ciente do que eu quero e preciso, que tomo a decisão mais descabida da minha vida.

— Não, Day. Pode ficar tranquila. Sério. Vai descansar. A gente conversa amanhã, tudo bem? Só preciso respirar um pouco de ar de balada, dançar, tomar um drinque pra poder relaxar... Paquerar. Sabe como é, né? Um pouco do cotidiano da vida de solteira. Vou lá, vejo um pouco do movimento e volto logo pra casa. Ficar aqui é que não dá.

Tomo fôlego ao terminar meu discurso. Não estou apenas tentando convencê-la, mas também a mim. Sei que decidi — e ainda não estou arrependida —, mas confesso que um friozinho na barriga me corrói. Balada sozinha? Totalmente inédito. Uma ação desesperada, evidente!

— Me liga a qualquer hora. Está me ouvindo, Sara? Eu preferia que você não fosse, mas, já que é isso que você precisa, vai mesmo. Quero que você pare de pensar naquele imbecil e se divirta. E isso é uma ordem, mocinha.

Caio na gargalhada. Um puxão de orelha digno.

— Obrigada, amiga. Não sei o que seria de mim sem vocês. Pode ficar sossegada. Se eu chegar na porta do bar e vir que não dá, me enfio de novo na cama e espero você amanhã. Talvez só uma volta de carro já ajude.

Nós nos despedimos. Agora não é mais o receio que me domina, mas uma vontade louca de me jogar na noite. O espasmo no estômago é de expectativa. Eu quero, eu posso, eu consigo! Abro o guarda-roupa, e o vestido curto de renda vermelha me chama a atenção imediatamente. Acabei de ganhar da minha irmã e, claro, estou doida para estrear. A desculpa perfeita para sair numa quinta à noite.

É inverno, por isso visto uma meia-calça cor da pele, que deixa minha palidez menos evidente. Calço botas nude de cano curto e salto altíssimo, que adoro, também nova aquisição. Faço uma maquiagem escura e esfumada nos olhos, passo gloss rosa-claro, blush, rímel e delineador. Confiro o resultado no espelho de corpo inteiro.

Minhas pernas são grossas e estão bonitas, evidenciadas pela saia curta. Minha silhueta magra mas sem ossos salientes está marcada pelo corte justo do vestido. Pareço mais alta que meu um metro e sessenta e cinco. Meus olhos castanhos e comuns estão brilhando, salientados pela maquiagem e pelo contraste com a pele clara.

Meu cabelo é de um tom chocolate que acho lindo. Gosto dele como está, nem escorrido nem ondulado, um pouco abaixo dos ombros. Assim, levemente bagunçado, cheio, afina meu rosto e destaca meus lábios pequenos. Até que estou bonita, mas não é só isso. Não sei se consigo definir o que estou vendo. Poxa, estou sexy, realmente sensual. Quem diria! Ele jamais diria. Crápula!

Sorrio. Meus dentes, meu orgulho — bem alinhados e brancos —, mostram a satisfação pelo que vejo. Mas falta alguma coisa. Olho para o frasco branco do perfume de que tanto gosto sobre a cômoda e borribo atrás da orelha e nos pulsos. Pego o casaquinho de manga três-quartos, meu celular, o maço de cigarros e um batom. Jogo tudo na bolsa e saio. Os

saltos tilintam no piso frio, despertando a casa.

— Aonde você vai? — interroga minha mãe.

Esta é uma das desvantagens de perder tudo: sua liberdade, sua casa e seus horários. De repente, minha vida está de pernas para o ar. Suspiro. Não é hora de me abater. É a primeira vez que vou sair para valer, sozinha, e definitivamente vou paquerar, então não vou deixar que dona Meire estrague minha noite. Hoje não!

— Vou sair. Bye.

Pego as chaves, o controle do portão eletrônico e saio para a varanda ouvindo mais do interrogatório.

— A esta hora? Quem vai com você?

— Não me espere acordada, mãe. Tchau. — Bato a porta do carro.

Essa é a atitude correta para uma mulher maior de idade, não é? O carro popular que estou tirando da garagem é meu. Neste momento, é a única coisa minha de verdade. No acordo de divórcio, não abri mão de algumas coisas importantes: o carro e o computador. Todo o resto ficou com ele. Sou viciada em rede social, já falei? Precisava ficar com o PC, mesmo lento.

Sei exatamente para onde estou indo. Apesar de não morar aqui há cinco anos, fui criada nesta cidade. Não é uma metrópole, mas com certeza é o mais próximo disso que conheço. Que saudade de andar nestas ruas! Não sei como suportei morar tanto tempo em cidade pequena!

Dirijo pela margem do rio. O trânsito está calmo. Não tem ninguém com pressa a esta hora, nem há muito movimento. O fluxo de carros e gente aumenta quando me aproximo do pub. O frio na barriga é congelante. Procuro uma vaga para estacionar. Paro. Desligo o motor. Encaro meu próprio rosto no retrovisor central.

Sara, tem certeza do que está fazendo?, questiono-me mentalmente. Minha face continua impassível no espelho, mas posso ver um leve

temor. Retoco o batom, puro nervosismo. Respiro curto e fundo e, resoluta, me repreendo. Não seja covarde. O que pode acontecer? Na pior das hipóteses, você não vai curtir e vai querer ir embora cedo.

Desço do automóvel e autorizo o flanelinha a vigiá-lo. Não que alguém queira roubar isto aqui, mas é meu, e eu valorizo minhas conquistas. Sigo em frente, confiante, ainda que minhas pernas tremulem de leve. Apenas uma quadra e estou na porta do bar. Tem fila para entrar. Uma moça confere uma lista. E agora? Não reservei mesa.

Talvez seja o destino conspirando a favor do meu medo. Aguardo minha vez. Reparo que não tem ninguém sozinho e me encolho. Casais, grupos de amigos, homens ou mulheres, mas ninguém só, como eu. Tudo bem. Eu peço uma bebida e vou ficar ótima. Sim, perfeitamente bêbada e nada incomodada.

A música está rolando solta. São vários gêneros tocados aleatoriamente. A banda é boa, logo reconheço pelo cartaz e pelo estilo. Uau! Adoro dançar! Tiro o maço de cigarros da bolsa, acendo e dou uma longa tragada. Ah! Já me sinto melhor. Nicotina! Por que não pensei nisso antes?

Chega a minha vez, e eu preciso jogar o cigarro fora ainda pela metade. Basta pagar a entrada e pronto. Meu cadastro é conferido — já que ainda tenho —, e eu recebo um cartão magnético para consumação. A porta de vidro se abre, e parece que entrei em outro mundo. Sou uma extraterrestre.

O que mais explica o fato de todos — se eu disse todos, é porque são todos mesmo — estarem me olhando? Bem, exagerei um pouquinho. Somente os que estão sentados perto da porta. No segundo ambiente, ao redor do palco, há um aglomerado de pessoas dançando e cantando. Sento-me na primeira mesa vaga que encontro.

Um garçom se apresenta e eu faço meu pedido. Dou outra geral no lugar, iluminado por uma meia-luz que me deixa um pouco cega. Os

rostos ficam mais misteriosos e, confesso, mais interessantes. Não dá para ter certeza se são lindos ou feios. Todos parecem bem: arrumados, animados e descontraídos. Encontro olhares e resolvo fazer alguma coisa com as mãos enquanto a bebida não chega.

Meu celular vai salvar a noite. Confiro as notificações nas redes sociais e respondo algumas mensagens. A bebida chega, me obrigando a erguer novamente a cabeça. Olhos masculinos ainda me observam. Estão fantasiando sobre mim? “Quem será essa menina de vermelho? Provocante!” Ain, que viagem! Tiro uma foto do copo (pedi uma nevada) e posto no Instagram. Só então eu provo. Ritual, sabe?

Beberico no meu canudo. Está gelado para caramba, mas o bar está quente e lotado. Tive sorte de achar uma mesa. Meus olhos passeiam novamente. Não posso ver nada além do mar de gente que se remexe na pista. Que vontade! Mas sozinha não dá, né? Ainda não estou desinibida o suficiente para arriscar. Talvez depois.

Um rapaz me encara duas mesas adiante e sorri quando retribuo seu olhar. Não consigo ver suas feições direito, mas tento. Ele se levanta e caminha em minha direção. Meu coração dispara. Noto que tem o corpo grande, largo e forte. O cabelo curto está um pouco arrepiado. Seu andar é seguro e firme; o sorriso, constante.

— Oi. Sou o Márcio. Qual é o seu nome? — Eu me apresento acima da música alta. Ele se dobra, o corpão fazendo sombra sobre mim, e me beija demoradamente no rosto. — Muito prazer, Sara. Quer dançar?

É exatamente o que eu quero. A abordagem e o pedido são bem clichês, mas... quer saber? Não vim aqui para viver um conto de fadas. Estou neste bar para me divertir, beber, paquerar, beijar e dançar. Aceito o convite, e Márcio me estende a mão. Seguro nela e me levanto. Ele me leva para perto de sua mesa, que está mais próxima do palco, mas nos mantém seguros, longe do empurra-empurra.

Sua mão é tão grande que toma toda a base da minha coluna. É quente e

logo queima a pele que o tecido não protege. Márcio puxa meu corpo junto ao seu, dando fim ao espaço entre nós. Seus pés me guiam no ritmo da música, e eu vou reconhecendo os passos enquanto presto atenção ao movimento de seu corpo. Eu me deixo guiar por sua notória habilidade.

A música acaba cedo demais. Estava bom sentir outro em meus braços. Há quanto tempo eu não ficava tão perto de um estranho! Mesmo antes de me prender a um homem só por amor, nunca fui de beijar vários em uma noite. Sempre procurei uma relação estável. A diversão não fez parte de minha adolescência.

— Por que uma moça bonita como você está sozinha em um bar? — ele pergunta assim que suas mãos se afastam.

Dou de ombros.

— Não encontrei companhia.

Márcio abre os braços e sorri.

— Agora você tem. Vem sentar comigo.

— Você também está sozinho?

— Não, mas o meu amigo está perdido na pista de dança.

Eu sorrio. O charme dele é irresistível. Vou até minha mesa buscar a bebida.

— Você dança bem demais pra ficar aqui escondido — digo ao me sentar à sua frente.

— Obrigado, mas eu sou tímido. — Seu sorriso quase me engana. De perto, não é muito alto, mas é forte. Os olhos cor de mel se estreitam quando ele sorri, e a boca é bem desenhada e atraente. Tem o rosto expressivo e quadrado. Cabelo loiro-escuro. — Você também manda bem. Nem pisou no meu pé.

Dou uma gargalhada alta. Estou curtindo o papo descontraído.

— Não sou profissional como você, mas gosto muito de dançar.

— Ah, quem me dera! Sou representante comercial. Título grande, muito trabalho, viagens e clientes chorões. O de sempre.

— A parte dos clientes eu conheço bem, mas no momento sou uma advogada desempregada. Uma vida sem emoção. Muito diferente da sua.

— E o namorado, coitado? Não tem importância?

Meu sorriso some do rosto. Há um mês não consigo parar de contar o que houve. Disseram que ia me fazer bem, afinal pensar tanto no porquê pode enlouquecer uma pessoa. Talvez eu tenha falado demais e alimentado a raiva e a mágoa que me corroem a alma.

— Sou divorciada. — Opto pelo resumo.

— Ah, sinto muito. Posso perguntar o que aconteceu?

Suspiro alto. Detalhes são desnecessários para um estranho.

— Incompatibilidade, objetivos diferentes, falta de amor e de diálogo. Sinceramente, não lamente. Na hora eu não enxerguei assim, claro, mas foi a melhor coisa que me aconteceu. Ele não merecia nada do que eu fiz por ele.

— Essa frase parece de alguém que ainda ama.

— Não. Tenho certeza de que não sinto mais nada. A última atitude dele teve o poder de apagar tudo de bom que um dia nós tivemos juntos. Na minha lembrança só sobraram as frustrações, os defeitos, a verdade sobre uma relação fadada ao fracasso que só durou dez anos porque eu a carreguei sozinha. Eu nunca voltaria para alguém que não vale a pena e não me faz falta.

— Tem filhos?

— Nunca tive certeza cem por cento de que queria ser mãe. Por um ano eu até tentei, preocupação boba de estar chegando aos trinta, mas não aconteceu. Deus não permitiu porque sabia o que ia acontecer. Filho não é sonho nem prioridade para mim. Tem tanta coisa que eu ainda quero realizar! Tenho muito tempo pra viver minha nova vida. Estou recomeçando.

— Com balada, bebida e dança? — ele pergunta, sorridente.

— Eu tinha que começar por algum lugar e de uma forma diferente.

— Então vamos aproveitar o primeiro dia da sua nova vida.

Márcio ergue o copo, me convidando para o brinde. Depois do gole, outra música animada começa, e ele me puxa para fora da mesa. Percebo que prefere as sertanejas e deixo meu corpo embalar no ritmo, me soltando cada vez mais conforme ele arrisca uns passos ousados.

— Você gosta deste estilo — comento com ele, ao pé do ouvido. A pele calorosa faz cócegas na ponta do meu nariz.

— Eu canto em uma dupla sertaneja na minha cidade. Hobby de final de semana.

— Poxa, que bacana! Isso me faz lembrar que antigamente eu tocava piano, mas estou enferrujada.

Depois dessa revelação, ele passa a cantar junto com a banda. Sua voz grave e afinada me envolve como um abraço. Fecho os olhos, e as sensações tomam conta de mim. A pele na minha, o hálito no meu pescoço, o encaixe do corpo no meu. Aperto minha mão suada contra sua nuca.

Um arrepio e um misto de calor me sobem pela coluna.

SENTINDO ALGO NOVO

SÓ PERCEBO QUE A MÚSICA MUDOU QUANDO NOSSAS PERNAS SE ENCAIXAM E MÁRCIO MOVE MEU QUADRIL COM O DELE EM UM SEMICÍRCULO.

O movimento é pra lá de sensual. Fico presa, envolvida pela dança, que mais me parece um ritual de acasalamento. Um rodopio inesperado e o choque no encontro de nossos corpos.

Ele agarra meu cabelo na base da nuca, puxando minha cabeça para trás. Seus lábios roçam minha orelha, seu hálito me causa frio no baixo-ventre. Meu Deus, o que é isso? O bar parece vazio enquanto sua voz preenche algo dentro de mim.

— *Peguei no seu cabelo, você disse: fiquei louca. Falei no ouvidinho: vou beijar a sua boca.*

Dois passos pra lá e dois pra cá depois, tomo consciência de seu ombro largo e firme sob minha mão. Nossas pernas se entrelaçam, se afastam, um rodopio e eu estou de volta ao calor de seu abraço. Uma rebolada para a frente, outra para trás. Um giro sob seu braço e eu volto a me encaixar nele.

A mão que está em minhas costas desliza agilmente até meu quadril, puxando-o contra o dele em três batidas intercaladas com uma requebrada. O passo finaliza em arremetidas diretas, minhas pernas entre as dele, esquerda, direita, esquerda. Uau! Não estou mais pensando, apenas sentindo.

A música repete o refrão, e eu já sei os movimentos que a letra, o ritmo e Márcio incitam. Minha mão espalma seu ombro, buscando mais corpo

para apertar. O calor me devora a alma, aquecendo uma existência que não vivia paixão havia muito tempo. Eu ainda tenho vida, objetivo e desejo.

A música acaba tão abrupta quanto a maneira como nossos corpos colaram. Ele está ofegante. Seus olhos brilham na semiluminosidade e se prendem em meus lábios entreabertos. Também perdi o fôlego, e não apenas pela dança. A mão enorme me guia até seus lábios, tão sedentos quanto os meus.

O beijo esquentava minha boca, a língua lambe meus lábios como uma labareda. O vazio em mim se preenche de seu calor. As chamas se espalham pelas minhas veias e minha pele, o fogo consumindo meu vestido. Márcio me afasta, abrindo meus olhos para a realidade.

— Vamos dar uma volta?

Estamos em um lugar público. Entrei em uma espécie de transe e perdi a capacidade de raciocinar e responder. Apenas aceno com a cabeça.

— Está de carro? — ele pergunta e eu balanço a cabeça de novo. — Você me deixa no hotel? Tô de carona com meu amigo.

Ele sai. Eu me sento com as pernas bambas e viro o restante da bebida, que não refresca. Que calor! Sair dali juntos só me diz uma coisa, mas meu corpo quer e muito. Eu soube no momento em que a dança sedutora me embalou no ritmo do desejo, da paixão, da linguagem universal do sexo.

Márcio volta com a conta paga e envolve minha mão. Tão quente e grande! Tenho pensamentos lascivos. Eu o guio até o local onde deixei o carro. Ele sorri e bate papo, deixando o momento leve apesar do calor palpável queimando entre nós. Dirijo seguindo instintos que desconheço.

Paro sob uma enorme árvore centenária, que faz uma sombra gigante na rua deserta. É inverno, e, apesar do calor que me envolve, mantenho erguidos os vidros escuros. Procuro no pen drive a minha seleção musical preferida. Quero mostrar a um sertanejo o legítimo rock.

— Sério que você vai me fazer ouvir...

— Olha o que você vai dizer! Eu dancei arrocha, não foi? — interrompo, encontrando a discografia da banda Muse. — Eu acho esta música muito sensual.

Paro de prestar atenção quando ele me toma em seus braços e seus lábios envolvem minha boca com gula. Sinto a pele ferver em resposta, a pulsação gritando em minha têmpora. Sua mão acaricia meu corpo em movimentos precisos. Ele é um artista me ensinando a coreografia do desejo. Meu corpo vibra de tesão. As línguas ensaiam os movimentos de nossa dança.

A música cresce, fazendo daquele ambiente apertado nossa nova e exclusiva pista. Sou puxada para seu colo, no banco do passageiro, nossos corpos se encaixando como no bar. Habilmente, seus dedos encontram o zíper em minhas costas, fazendo do movimento um gesto ensaiado, descendo com uma calma que não corresponde à pressa de seu beijo. Estou tão envolvida que deixo a canção inspirar meu corpo.

Enlouqueço com um tesão que parece maior do que posso suportar. Márcio puxa meu vestido pela cabeça, e meus seios nus saltam. Suas palmas quentes cobrem e apertam cada um deles, e sua língua se aventura nessa dança sexy, criando um ritmo forte. Rebolo sobre ele, sentindo-o duro, a música retumbando junto com meu coração.

De vez em quando, um farol passa pela rua e ilumina a semiescuridão no interior do carro. A película no vidro garante privacidade, mas está muito quente. Minha nuca umedece como eu. Estou à flor da pele. O desejo e a liberdade se unindo no momento insano. Os corpos dançando, regidos pelo prazer sem limites. Não tenho nada para pensar agora, apenas sentir.

Suas mãos deslizam pela minha cintura, encontrando a meia-calça. Nossa dança está caminhando para o auge. Ele desce alguns centímetros pelo cócs, ao mesmo tempo em que escorrega a boca em meu rosto e chupa

o lóbulo de minha orelha. Estremeço, juntando meus dedos aos dele para retirar a peça.

— Linda — sussurra, arrepiando os fios sobre minha pele sensível.

O banco do motorista é inclinado, sua boca traçando um caminho imaginário do meu queixo até o cócs da meia, enrolando-a e fazendo-a descer pelas minhas pernas numa carícia que me deixa sem fôlego. Márcio tira meus sapatos, e eu fico só de calcinha, contemplando-o ainda totalmente vestido. Pulo de volta para seu colo. É tanta vontade!

Beijo-o com desespero enquanto minhas mãos puxam sua camiseta com urgência. O mp3 player mudou de faixa, mas a dança continua em um ritmo que só me faz querer mais e mais. Ele sorri quando nossas mãos se encontram no botão da calça jeans e me deixa despi-lo. Sua pele desliza ao meu toque. Mordo o lábio, contendo meu desejo.

Estico-me e tiro a camisinha da bolsa. Rasgo o envelope enquanto me movo contra ele; uma fina camada de tecido nos separa. Márcio aperta minhas coxas, eu puxo seu pênis para fora da cueca e o visto. Ele pulsa na minha mão. A pausa na música é o prelúdio da próxima.

Uma mão me agarra pelo pescoço, puxando-me contra ele, e a outra desliza minha calcinha para o lado, encaixando-nos. Abro a boca em expectativa quando Márcio força meu quadril contra o dele. Ah! Está dentro de mim, pulsando vivamente, e eu me movo com naturalidade enquanto suas mãos ditam um ritmo acelerado e forte. O ritmo da nossa música, sensual e libertadora.

Não há espaço para respirar. O ar escapa de meus pulmões contendo o grito que desejo liberar. Finco as unhas em seus ombros, sentindo o sangue ferver, borbulhando sob minha pele. Meu peito queima, minha vagina pulsa, meu joelho arde... Márcio enrosca seus dedos em meus cabelos, puxando minha cabeça para trás, e revela meu rosto suado.

— Gostosa, vamos para o banco de trás.

Concordo, a respiração acelerada, sentindo-me toda latejar. Pulo

através da abertura, me livro da calcinha e fico totalmente nua. Ele me segue, segurando meu quadril. Noto que os vidros estão embaçados e sorrio feito uma boba. Ele me pressiona contra o encosto, provocando um frenesi de expectativa. Queremos mais espaço, mais música, mais dança.

Fico de quatro para recebê-lo e sou jogada de volta ao ritmo do compasso impossível de bemóis e sustenidos, da canção que nossos corpos coreografam. O tempo não passa, cada segundo parece um milhão de anos. Ofegante, as sensações me levam, me roubam, me anulam. Sou toda sentidos, pele e êxtase. Puro êxtase...

Estou à mercê do desejo, do meu, do dele. Deito-me de barriga para cima no assento e ergo o quadril para que seu pênis me penetre fundo. Grito sem pensar. O vaivém me transporta, o mundo fica mudo, só a música que nossos corpos tocam faz meu corpo dançar. Fica impossível suportar por mais tempo, e a coreografia me leva.

— Shhh — ele me pede silêncio. Nem percebo que gritei de novo.

Márcio se senta ao meu lado e me puxa pelos braços para seu colo. Nossas testas se encontram, eu fecho os olhos e me deixo ficar, enquanto tento recuperar o fôlego, o coração batendo descompassado. Ele passa as pontas dos dedos pela minha coluna lisa.

— Você fica mais linda assim, toda descabelada.

Sorrio sem jeito. Já falei que não me acho bonita, não é mesmo? Seus carinhos não cessam, e eu me sinto satisfeita de um jeito pleno. Confesso que não sei o que dizer, se devo elogiar ou mudar de assunto. Nunca fiz sexo com um desconhecido antes.

— Sara, fica comigo de novo quando eu voltar pra cá? Vamos trocar telefone. Eu te ligo.

Não sei. Não pensei nisso ainda, mas, agora que ele falou, sinto repulsa à menção de compromisso.

— Não quero nenhum relacionamento sério por algum tempo. Estou solteira há um mês. Preciso aproveitar mais. — Sorrio com malícia agora.

— Confesso que não estou nem um pouco a fim de ir embora, apesar de ter que acordar cedo amanhã.

— Então não vai. — E o beijo que lhe dou faz a música voltar a tocar.

...

O cheiro de sexo em meu corpo, o gosto salgado do suor em minha boca, a lembrança de sua pegada em minha pele... Eu me acendo de expectativa por uma nova experiência. Era quase de manhã quando entrei em casa, nas pontas dos pés.

Levanto-me da cama, cansada de rolar, e vou até o espelho. Vestida com meu baby-doll, sinto o desejo de ficar nua de novo. Sorrio para a imagem feliz que vejo refletida. Esta mulher é bonita. Os olhos dela brilham. O esforço físico faz sua pele ficar mais bonita. Eu conheço todos os defeitos dela, mas ser amada loucamente me faz ignorá-los.

As mãos dele despertaram sensações em meu corpo que ansiavam por uma oportunidade para se manifestar. Não quero voltar a me sentir um lixo humano, rejeitada, não querida. Quero me sentir assim, espontânea, feliz, de bem comigo mesma. E me amando completamente, mesmo com minhas imperfeições.

Quando as pesquisas dizem que sexo faz bem, estão falando a verdade. Eu me sinto mais do que amada: me sinto desejada, sexy, poderosa... E ao mesmo tempo me sinto fraca, inevitavelmente seduzida e embriagada em meu desejo. E no dele... Vou parar de me deter nos detalhes e aproveitar o todo, que é muito mais interessante.

Tenho só uma fraqueza agora: desejo por sexo, por ser tomada, cobiçada, sem esperar, sem ter o direito. E ainda assim estou disposta a arrancar suspiros, a despertar o interesse, a ser atraente. Que mulher não gosta de conquistar elogios quando se arruma? Esse encontro inesperado causou uma revolução dentro de mim.

É o despertar de minha própria sexualidade, de minha feminilidade e

prazer. Quero me sentir sempre assim, dona de mim, de meus sentimentos, de meu corpo, nas rédeas de minha própria vida. Uma lista de objetivos se enumera em minha mente. Ser sensual não é ser perfeita, mas é dar evidência a minhas qualidades.

Noto uma machinha vermelha em meu joelho esquerdo, e toda a cena no carro se desenrola em minha mente, ao som de Muse. A outra, no reflexo, sorri de forma tão linda que fico olhando como se não acreditasse que ela pudesse sorrir assim de novo. Esta noite deixou marcas não só em minha pele, mas também em minha alma.

Ele despertou em mim uma sede que estou disposta a saciar.

MUDANDO POR DENTRO

COM A LISTA DE OBJETIVOS EM MENTE, ESTOU NO SHOPPING COM MEU PRIMEIRO SALÁRIO NA BOLSA.

Um perigo! Mas calma: estou apenas namorando as vitrines e comemorando meu novo emprego. Tenho direito a um almoço especial e um sorvete. Combinei de encontrar Valentina na praça de alimentação. Ela acaba de voltar dos Estados Unidos.

— Amiga, que saudade! — Me abraça assim que me aproximo de sua mesa. Afasta-se e me analisa. Xi! — Você está... maravilhosa! O que você anda fazendo, menina?

Gargalho. O que será que ela esperava? Que eu estivesse descabelada e em farrapos?

— Trabalhando e cuidando da vida, sua linda! Quanto tempo não nos vemos? Um ano? Os ares estrangeiros te fizeram bem.

— A maresia de Miami nem se compara ao que conhecemos do litoral aqui, mas você sabe que eu não estava lá a passeio... apesar de a diversão fazer parte.

— Eu sei, eu sei. E confesso que estou morrendo de curiosidade pra ver tudo, amiga! O que você trouxe?

— Perfumes, lingerie, maquiagem, cremes... Você vai enlouquecer!

— Já estou pirando! Preciso renovar tudo!

— Tenho exatamente o que você precisa para esta nova fase. Até produtos de sex shop.

Valentina sabe tudo sobre os primeiros dois meses de mudança radical

que estou vivendo. Sempre nos falamos por Skype, e, assim que seu avião pousou na cidade, ela me ligou. É uma amiga que me entende bem, apesar de ter largado a carreira promissora de advogada para ser apenas mãe e esposa. Agora é sacoleira VIP. Traz marcas importadas dos Estados Unidos.

— Mas e os peguetes? — pergunta, na lata.

Percebo que minhas amigas morrem de curiosidade sobre meus encontros, querem sempre detalhes — e os mais sórdidos possíveis. Rio, bem moleca. Gosto de falar de sexo — gosto mais de fazer, claro —, e as últimas semanas foram bastante intensas.

...

— Conheci um cara novo. Meu apelido pra ele é Bis.

Minha amiga cai na risada de minha imaginação fértil.

— Bis por quê? — Valentina questiona, em meio ao riso.

— Porque eu sempre quero mais, e ele não para nunca.

— Nunca? — desacredita.

— Até a exaustão, amiga, para os dois. E são várias, acredite em mim. Foi a primeira vez que eu vi um cara gozar mais de uma vez.

— Em uma noite?

— Sim, na mesma transa, sem aquele tempo pra recuperar o fôlego.

— Mas... Ah, deixa para lá. Melhor não me aprofundar. — Valentina fica vermelha. Tem um casamento e uma filha. Apesar de curtir minhas histórias, o excesso de franqueza às vezes a deixa encabulada. Sem contar o agravante de estarmos em público. — Você vai ver esse cara de novo?

— Sim, hoje à noite. Por isso eu preciso de umas coisinhas novas. Prometi uma surpresa que ainda não sei qual é.

— Não sabe? Duvido!

— Na verdade eu sei. Você vai entender quando me mostrar os itens eróticos do seu sacolão.

— E o trabalho?

Passamos o restante do almoço falando sobre meu novo emprego. Mostro para ela, no celular, o quanto o meu chefe quarentão é bonito. Ela baba. Um sorriso de orelha a orelha é o destaque na foto de Henrique no Facebook. Nós duas suspiramos. Pena que este eu não possa paquerar.

— Mas ele tem namorada? — Valentina fica interessada demais.

— Tem. E também é divorciado.

— Ih, que chato!

— Amiga, eu aprendi a duras penas que onde se ganha o pão não se come a carne.

— Opa, é verdade. Retiro o que disse.

Faço comentários breves sobre os colegas. O escritório de advocacia onde trabalho é um local predominantemente masculino. Cheira a testosterona. Dos quase dez funcionários, sem contar a recepcionista e a faxineira, sou a única mulher, e fui ter afinidade logo com um dos homens, claro.

— Nós trabalhamos juntos em um caso. Na verdade, o Cássio precisava de uma mãozinha, e eu tinha que me familiarizar com os processos em andamento, por isso o Henrique me pediu para ajudá-lo. Daí, nós viramos amigos de cara — explico.

— Só amigos mesmo? — Faço cara de brava, e ela ergue uma mão. — Tá bom, já entendi.

...

Depois da refeição, partimos para a casa de minha amiga. Prosseguimos com o bate-papo sobre meus planos agora que me reencontrei. Palavras de Valentina: estou louca. Nossa diferença é apenas uma: tenho coragem de fazer qualquer coisa que me venha à mente, e ela fica só fantasiando. Paciência. Sou mais livre e feliz do que ela.

— Amiga, você não entende — tenta se explicar, mas me convence cada

vez menos. — Sou casada e tenho uma filha.

— E daí? Família tem que ser sinônimo de felicidade, não de prisão domiciliar. — Eu me viro para ela e a encaro firme. — Preste atenção ao que eu vou falar, Valentina. Eu não era feliz no casamento, mas achava que estava bom daquele jeito. Resolvi aceitar. Tipo, fazer o quê? Eu pensava: agora que casei, vou ficar com ele mesmo não sendo o cara que mereço. Não, amiga. Não tem que ser assim. Não estou falando pra você se divorciar também. É uma experiência muito traumática, e não recomendo a ninguém. Estou dizendo pra não se calar diante do que te faz mal. Bota pra fora, conversa. Tenta dar um giro na sua relação. Conta pra ele os seus anseios, divide os seus sonhos com ele. Ele precisa perceber que mesmice é só pra relógio. Todo mundo precisa de novidade e de apimentar a vida. Nenhum amor sobrevive à rotina. Ninguém e nada é perfeito como nos contos de fadas, jamais. A gente tem que entrar em uma relação consciente disso, mas os dois têm que fazer a sua parte pra que todo mundo saia satisfeito.

— Caraca! Tô passada agora. Falou tudo, amiga.

— Eu não penso em namorar por um bom tempo. Estou amando a minha liberdade e quero focar na minha carreira. A minha meta é passar no concurso pra juiz.

— O quê?

Eu ainda não havia compartilhado minha decisão com ninguém, e sabia que a reação seria essa. A escolha da carreira é polêmica.

— Eu quero ajudar as pessoas e trabalhar pela justiça. Uma meta social e profissional em uma só.

— Ficou louca, só pode! É uma puta responsabilidade, Sara. Um erro e vão cair matando em você. Fora que é muito difícil passar.

— A responsabilidade não é diferente, Valentina, em qualquer profissão. Eu sei que posso dirigir uma vara, dar sentenças e orientar advogados. Só preciso me preparar. É uma meta a longo prazo, não se

preocupe. Mas eu sei que vou chegar lá.

— Não duvido, mas não sei... Você não tem medo?

Respiro fundo e penso. Claro que tenho medo. Todo risco que corro me dá um friozinho na barriga, mas não tenho que me deter diante dele.

— Tenho mais medo de não seguir em frente, de me perder em tormentas desnecessárias, de parar no tempo. Eu me sinto aberta a tudo. Qualquer nova experiência e oportunidade que surgir, não vou evitar. É por causa dessa quebra de paradigmas que eu escolhi esse cargo como alvo profissional.

O poder já corre pelas minhas veias, vibrando sem parar. Preciso externá-lo.

— Tudo bem, então, amiga. Vou te ajudar. Uma vez eu me interessei por esse concurso, pouco antes de desistir da carreira, por isso eu sei o melhor caminho. Mas não deixa de ser complicado.

— Ah, jura, Val? Nunca nem sonhei que esse cargo passou pela sua cabeça.

— Eu tinha dois planos em mente: ou focava na carreira ou me dedicava a ser mãe. As duas não daria para conciliar. Foi aí que eu escolhi ter a Samanta e desistir do direito.

— Poxa vida. Deve ter sido difícil pra você; mais do que eu pensei.

Ela suspirou ruidosamente.

— Minha filha vem sempre em primeiro lugar, e eu não me arrependo. Você vai entender quando começar a luta para chegar ao cargo. Nessa hora, você vai ter que fazer a sua escolha também.

Eu sorrio largamente.

— Pois bem. Pra quem já se sacrificou tanto pelos outros, não pode ser tão difícil fazer o mesmo por mim mesma e pelo que eu desejo.

— Espero sinceramente que não, amiga, porque o melhor que você tem a fazer é juntar títulos. Eles somam pontos e experiência na sua carreira pra que você possa se candidatar um dia.

Um dia parece tempo demais, mas estou disposta a fazer o que é necessário, sem a ansiedade frustrada de uma adolescente.

— Certo!

...

Saio da casa de Valentina com meus importados. Um corpete fantástico da Victoria's Secret — duas peças, branco com renda preta. Base e pó M.A.C., perfeitos para deixar a pele natural, bonita e protegida. E um perfume afrodisíaco viciante da Dior, cuja embalagem parece uma maçã vermelha. O cheiro de flores com baunilha é... Hum... Sedutor, fascinante e inesquecível.

Gastei horrores! Ainda bem que não tenho contas altas fixas, mas pretendo ir atrás de um apartamento para morar sozinha. Não dá para ficar de novo na casa da mãe depois de estar acostumada com meu espaço. É complicado demais, muita intromissão, e ainda tem os problemas dos meus irmãos o tempo todo. Estudar para concurso fica impossível assim.

Tenho outra novidade, e acho que Valentina nem notou. Também, faz tanto tempo que ela não me vê, coitada. Parei de fumar. Aquela noite, no bar, foi minha última tragada. Na manhã seguinte, o maço foi para o lixo, e nunca mais pus um cigarro na boca. Por causa da abstinência, tenho comido mais, e meu próximo passo é entrar para a academia.

Passo em frente a uma no caminho para casa e paro para ver os preços, as aulas e o lugar. É bem agradável e moderno. Gostei muito. Sou apresentada pela recepcionista a um personal. Corpo malhado, cabelo preto batido, olhos verdes ferinos e um sorriso de arrasar quarteirão.

— Prazer, Sara. Eu sou o Caio. Posso te ajudar?

— Eu gostaria de conhecer as aulas que a academia oferece e os horários.

Fazemos um pequeno tour pelas salas. A academia está bem calma.

Sábado à tarde a maioria nem abre. Gostei mais ainda desta por estar em funcionamento exatamente quando eu mais precisava. Vejo algo que me chama a atenção em um canto. Quase passou despercebido.

— É um poste de pole dance? — interrompo a explicação de Caio.

— Sim, nós temos aulas toda quarta e sexta.

— Quanto é?

Sempre gostei de dançar, e essa aula é exótica, me atrai demais. Faço a matrícula e marco uma avaliação com Caio. Estou no paraíso! Quando entro no carro, o celular toca. Acho que é o alarme para não esquecer o anticoncepcional, que voltei a tomar, mas, quando encontro o aparelho nas profundezas da enorme bolsa, sorrio para o visor de LED.

Oi, linda, ansioso pelas 10 h,
para receber minha surpresa. Bjs Lucas

MODIFICANDO POR FORA

— NOSSA!

Essa é a única palavra que Lucas consegue dizer assim que entro em sua casa. Estou vestindo um tubinho preto colado e curto, meias sete-oitavos e salto agulha. Ele me prensa contra a parede, ainda na entrada da sala. Seus dedos me desembrulham com pressa, como quando estamos empolgados com um presente e queremos abri-lo logo. O vestido sobe alguns centímetros, revelando a liga. A surpresa sou eu.

— Acho que a gente não vai sair daqui hoje e tenho a impressão de que essa sempre foi a sua intenção.

Sorrio e mordo o lábio, entregando minha artimanha. Puxo a alça da bolsa e tiro de dentro dela uma garrafa de Absolut.

— Seja bonzinho e eu prometo que você não vai se arrepender.

Seus olhos ardem, e eu estremeço de expectativa. Sua pele morena me lembra chocolate e o apelido que lhe dei. O cabelo preto cai sobre a testa, e uma tatuagem dá a volta em seu braço direito definido. Eu quero bis com este homem, sem parar. O cara é bonito, tem um charme no jeito que sorri, único e bem safado.

E quando me pega deste jeito... Que se danem o sábado à noite e os amigos que nos aguardam. Nossa ânsia é mais relevante e precisa ser saciada imediatamente. Enquanto ele avisa a galera de que não vamos mais ao encontro do grupo, encho dois copos com vodca e refrigerante. A noite não é uma criança, mas sim um adulto em busca de prazer.

Ele pega um copo quando desliga o telefone, e toma um generoso gole. Eu o imito, sentindo o álcool me queimar por dentro. Lucas alisa minhas pernas, que escorregam na meia, me olhando fixamente. A bebida fica

esquecida.

— Que mais eu vou descobrir quando for desembulhar a minha surpresa, linda?

— Seja paciente e você vai ser recompensado.

Ele ri alto e me pega desprevenida. Seus dedos agarram meu cabelo e sua boca gruda na minha. Seu sabor derrete em minha língua como chocolate, causando um frenesi que se espalha pelo meu corpo. Afasta-se, ofegante, com o olhar mais safado de todos os tempos. Sinto uma parte de mim pingar.

— Mostre — Lucas pede.

A sala está iluminada apenas pela televisão ligada, e ele se senta no colchão de casal, estendido no chão à minha espera. Não fico tímida. Dou um passo à frente para aproveitar melhor o espaço e a iluminação e, bem lentamente, subo o vestido, relevando minha lingerie nova. Quando me livro da peça, seu queixo está caído.

Não espero que se mova. Ainda de salto, caminho rebolando em sua direção e piso em seu peito, forçando-o. Ele segura meu tornozelo, uma careta de dor e prazer transfigurando seu rosto, e se deita, rendido a minha vontade. Está gostando, percebo que se desmancha sob meu domínio.

— Bom menino.

Seus olhos estão hipnotizados, presos à calcinha minúscula que pouco cobre. Sorrio, me sentindo poderosa. Vê-lo nessa posição, sob meus pés literalmente, me causa um êxtase novo. Deslizo o pé pela camiseta branca, que fica marcada, e enfio o bico arredondado do sapato no meio de suas pernas, fazendo-o gemer.

— Tira a camisa e a calça. Eu quero ver você.

Ele me obedece, fascinado. Uma marionete a meu dispor. Gosto de minha ousadia. Sei que ele é o tipo que topa tudo na hora do sexo e quis testar meus próprios limites e poderes. Não é a primeira vez que nós

transamos; na outra ocasião, a iniciativa foi dele. Hoje, é minha. Sua cor me faz lambear os lábios e recordar o seu gosto.

Lucas é mais velho do que eu alguns anos. Solteiro, não tem filhos e gosta de cuidar do corpo. Ao contrário de Márcio, é amante do bom e velho rock, como eu, mas hoje não é dia de música: só quero me lambuzar em seu sabor. Seu cabelo bagunça quando ele tira a peça de cima, e o pau está saliente na cueca boxer branca. Adoro esse contraste.

— Deite no meio do colchão — ordeno, sem me perder da personagem.

Minha mão escorrega com facilidade dos tornozelos aos joelhos em sua pele lisa. Minha língua umedece o caminho da loucura para o qual desejo levá-lo, do interior da coxa até a virilha. Primeiro uma, depois outra perna. Levanto o olhar quando ele geme, e um sorriso sacana desenha meus lábios.

Deixo a fita e a renda fina do corpete roçarem de leve em seu abdômen enquanto me curvo para sugar seus mamilos. Eles se eriçam, arrepiados, entregues aos estímulos. Seus músculos se contraem. Lucas não resiste à provocação e pousa as duas mãos grandes em minha bunda, apertando-a.

— Que gostosa!

Escorrego os dedos até o cócs da cueca, esfrego o nariz em seu peito e puxo o elástico para baixo, lambendo a pele que estava protegida pelo tecido. Ele vai ao delírio. Sinto o cheiro inebriante de sexo me abrir o apetite. Tiro a cueca em um único puxão e abocanho a cabeça de seu pênis com vontade.

— Caraca, você vai me fazer pirar hoje.

Um gemido o cala. Os movimentos de sucção e o vaivém de minha mão o levam a um estado de submissão total. Enfio a mão livre por baixo, acariciando seu saco. Estou apenas me aquecendo e me excitando com o prazer que provooco nele. Este homem vai fazer tudo por mim hoje. Ah, vai! Paro. Ainda é muito cedo para acabar.

Ele ergue o tronco em uma velocidade impressionante. Suas pernas me

envolvem e me prendem contra seu corpo. Sua boca captura a minha, e eu só consigo pensar em chocolate. Como um garoto ansioso por abrir seu presente, ele desfaz o laço da calcinha com uma mão; com a outra, desabotoa as primeiras casas do espartilho. Sua boca lambuza minha pele. Saliva com sabor de desejo. Chocolate com gosto de vício.

Estou sem fôlego. Minhas unhas compridas se enfiam na pele de seu braço. Estou de joelhos, latejando e desejando mais, mais e mais. Meus seios estão livres, à mercê de sua língua atrevida. Seus dedos escorregam para dentro de mim com facilidade. Uma sensação provoca a outra, e me deixa sob seu controle.

— O que você quer? Diz pra mim, gostosa — pergunta, a voz encorpada, também representando seu personagem: meu servo.

— Quero sentir um prazer novo. Quero você em mim, em toda parte. Sou inteirinha sua. Foi pra isso que eu vim.

— Inteirinha? — Uma sobrelha grossa se ergue.

Sorrio maliciosamente.

— Sim. Se você também quiser, estou aqui pra provar um sabor proibido.

Faço sinal na direção de minha bolsa, que ele alcança para mim, e tiro de dentro dela um lubrificante e camisinhas. A exultação preenche seus lábios. Volta a me atacar, jogando-me contra o colchão e me cobrindo com seu corpo. Fico com as meias sete-oitavos, o corpete meio aberto e os sapatos. Sua língua destila veneno em mim. Ousa me provocar, lambendo entre os seios, mas se desviando deles.

Depois desce para minha virilha, me intoxicando. Quando penso que vai continuar a tortura, mergulha a língua agressiva em minha fenda, melando-se, melando-me. Escorrega em mim mais e mais, vasculhando um lugar ainda virgem. Enfia os saltos em suas costas. Cacete!

Ele me lambe de cima a baixo, de baixo para cima, me proporcionando espasmos involuntários. Retorço-me sob sua habilidosa sedução,

puxando seus cabelos. Lucas se detém em meu clitóris e enfia um dedo em minha vagina. Mais um entra e sai, enquanto suga com força e me leva a uma expectativa crescente pelo orgasmo. De repente, desliza um dos dedos mais para baixo e o insere devagar.

Não tenho tempo de pensar se é certo ou errado, se estou pronta. Existem três pontos pulsando em mim, estimulados ao mesmo tempo, confundindo-me completamente. Relaxo. A sensação é nova mas intensa, impossível descrever. Nem consigo me concentrar o suficiente para isso. Derreto-me sob seus dedos, lábios e língua.

Entrego-me ao orgasmo duplo. Caramba! Isso é novo, muito novo. Imagino quando não forem apenas dedos, e sim seu pênis grosso e delicioso, me fazendo desmanchar sob a sensação plena de preenchimento. Quero e preciso provar mais! Vejo quando ele se veste, pronto para me possuir de todas as maneiras que meu desejo pede.

Ainda delirando sob o efeito do primeiro e sensacional gozo, Lucas mete fundo, deslizando com facilidade para dentro de mim. Fode com força e com a pressa da vontade viciante que o consome e me abstrai. Não demoro a chegar lá de novo, de novo e de novo, agora sucumbindo a orgasmos múltiplos.

— Goza, gostosa. Goza no meu pau. Isso! — sussurra no meu ouvido.

Ele me leva à exaustão. Paro de contar quando me perco em mais orgasmos. Então, me vira de lado. Vem por trás, e seus dedos estão gelados quando os introduz dentro de mim de novo; percebo que é lubrificante. Meu desejo está longe de acabar.

— Relaxa, gostosa. Isso vai ser novo e muito bom.

Inspiro fundo e me concentro nas sensações naquela região tão inexplorada do meu corpo. Chego a me sentir uma juvenzinha outra vez, tremendo de tesão e expectativa diante da novidade que meu corpo tanto quer provar. Ele se encaixa em mim e escorrega lentamente para dentro, conquistando-me.

— Tudo bem? — pergunta, preocupado.

— Sim.

Bem demais. Ao contrário do que eu pensava, a sensação não é estranha. É sensacional! Ele entra e sai de mim. É bom! Prazeroso! O maior tesão! Avança os dedos entre minhas pernas até alcançar meu clitóris e o estimula. Fecho os olhos, me deixando levar pela experiência plena. É como se cada parte de meu corpo fosse potencialmente uma zona erógena que só precisa ser explorada da maneira certa.

Sinto-o aumentar o ritmo, e seu gemido me confirma que está tão envolvido quanto eu. Sua mão me força a uma nova explosão erótica. Fica impossível acompanhar. Estou pronta para me esvair em um orgasmo duplo fodástico. Seus dedos não param, e eu gozo de novo, mais intensamente que da primeira vez.

Lucas segura firme o meu quadril, partindo comigo para o estado pleno de prazer que nossos corpos alcançam. Estou suada e exausta, mas extremamente feliz. Realizei uma fantasia antiga, e foi incrível! Agora eu sei com o que preencher minhas noites e minha cama vazia. Este é o meu novo vício. Vou experimentar tudo que tiver vontade.

ALIMENTANDO O DESEJO NÃO É EXATAMENTE MAU HUMOR.

Desde que conheci Márcio e mudei de vida, não me sinto mais triste. Estou realmente bem e sorrio para o mundo, que se apresenta novo e fantástico para mim. Apesar do trabalho, não tenho motivos para estresse; nem a TPM me abate. Não quero que o sorriso suma de minha face, porque meu olhar se alterou. Não é o externo que importa, e sim o jeito como eu vejo a situação que se apresenta.

Enxergo tudo lindo e colorido, uma oportunidade a mais, um aprendizado, uma segunda chance. É como se eu tivesse morrido — aquela boboca que fazia tudo pelo cara que amava e não recebia nada em troca, que vivia frustrada, sozinha e sonhando com um conto de fadas, faleceu! — e Deus tivesse me dado uma nova oportunidade de ser feliz. E o melhor: ser feliz comigo mesma, me amando e me realizando.

Uma coisa esse desastre emocional me ensinou: não se deve depositar expectativas no outro. Não importa quem seja: namorado, noivo, marido, pai, mãe, filho, irmão, amigo, chefe, colega. Só tenho domínio sobre o que eu penso e sinto; não posso controlar os sentimentos e as vontades dos outros. Jamais! Preciso acreditar em mim, estar satisfeita comigo mesma, lutar pelos meus sonhos.

Aprendi que, se eu não me valorizar, não me cuidar, não me amar, ninguém mais vai. Não preciso de alguém me dizendo que vou conseguir, que sou linda e gostosa. Tenho espelho, força de vontade e uma sede de viver que desconhecia. Acredito em mim, tenho autoconfiança e autocrítica suficientes para fazer tudo o que quiser. E por que não? Por que meu pai e meu ex um dia me disseram que eu não era capaz?

Meu lema agora tem base nos quatro efes: Fé, Foco, Força e Foda-se! Que se dane a opinião deles! Nunca mais vou permitir que quem quer que seja me ofenda e humilhe, menospreze minha capacidade, caçoe de meus objetivos, controle o que eu posso ou não fazer, absorva tudo que tenho de bom e me abandone vazia e triste. Isso deveria ser crime! Inafiançável!

Ninguém tem o direito de destruir a autoimagem de uma pessoa. Ninguém tem o direito de pisotear os sonhos do outro. Ninguém tem o direito de dizer o que quiser sem pesar as consequências. Ninguém tem o direito de colocar defeito no outro como se não tivesse nenhum. Eu me livre de um homem que me sugava a vitalidade, o amor, a autoestima.

Já estava no fundo do poço quando ele pediu o divórcio. Mas sabe o que é mais trágico? Eu não sabia que nadava na lama. Enganada, iludida, acomodada sobre pré-conceitos, vivia o pior dos relacionamentos e nem sequer enxergava isso. Claro que não! Ele dizia que eu era um lixo, e eu acreditava! Eu devia estar feliz pelo fato de alguém como ele, “tão superior”, estar comigo!

Ah, por favor! Como eu fui idiota! Aceitava ofensas gratuitas dia e noite e não vi os sinais de que o “amor” que ele tinha por mim minguava pouco a pouco. Sempre fui uma escrava e fiz tudo o que ele queria. No dia em que resolvi lembrar que também tenho sonhos e vontades, ele me deu um pé na bunda. É isso que dá viver em prol do outro e se esquecer de si mesma. Toma, sua burra!

Mas quer saber? O pontapé me levou para a frente, enquanto ele continua lá atrás, vivendo uma vidinha medíocre com a outra — sim, ele arrumou uma baranga poucos dias depois que eu fui embora; tão previsível, meu Deus! —, trabalhando feito um condenado e se divertindo nas horas vagas com os “muy” amigos. É, eu tenho o mau hábito de bisbilhotar o Facebook alheio.

Estou muito bem sozinha, quero dizer, solteira, porque, desde o Márcio, não passo um fim de semana em casa. Muita diversão, balada, dança,

bebida e sexo. Uma vida descomplicada. Meu compromisso é comigo mesma. Não quero me prender a ninguém tão cedo. Vou mais é aproveitar minha boa fase e solteirice. Ainda sou nova, linda, simpática, batalhadora e tenho uma vida inteira adiante.

Ufa, que desabafo! Acho que sei o que tenho! Claustrofobia, só pode! Estou presa neste quadrado com divisórias que chamam de sala no escritório e me sinto sufocar. Talvez seja ansiedade pela falta do cigarro, mas me recuso a dar uma tragada sequer. Sabe quem foi que me ensinou a fumar? Adivinhou quem disse o traste do ex. Levanto da cadeira e tento circular no pequeno espaço, porém mal dou dois passos.

Abro a bolsa, e o cheiro de menta do chiclete e do Halls invade minhas narinas e me acalma. Mergulho uma bala na boca e aprecio a sensação de refrescância, o aroma adocicado, a textura firme se desfazendo na saliva. Nossa, nunca foi tão prazeroso devorar um doce. Então, eu compreendo. Meu olfato, meu paladar e meus sentidos estão mais aguçados.

O bombardeio de aromas e sabores me atordoa. Estou sempre alerta, atenta a qualquer gesto, precavida. Algum tipo de paranoia ou vício, sei lá. Pode ser também por causa do cigarro, que havia destruído os cheiros e gostos para mim. E também porque eu não passo mais despercebida pela existência. E a vida também não passa em preto para mim. Tudo tem muita cor.

Encontro o frasco do fruto proibido — como apelidei meu perfume importado afrodisíaco — na bolsa e decido borrifar na minúscula sala. Ergo a cabeça e fecho os olhos, esperando as gotículas caírem sobre meu rosto. Inspiro fundo, deixando as sensações me dominarem. Relaxo de imediato, sentindo-me em casa, dona de mim e extremamente bem.

Em um minuto a aura sedutora me cerca e me domina. Cruzo as pernas de maneira sensual, e o gesto ergue a saia, relevando parte de minha coxa sob a mesa. O sorriso não escapa de meus lábios. Jogo o cabelo para o lado, a fim de afastá-lo do rosto, no exato instante em que Cássio invade o

cubículo depois de bater. Ele para na porta, a boca aberta, a mão na maçaneta, os olhos presos em mim.

Encaro-o firme. Não é meu tipo, mas é interessante. Seu papo cabeça me absorve. Adoro nossos almoços. Seu olhar tem intensidade. Seus gestos são naturais. Sua pele negra é delicada e sedosa. Seu sorriso é infantil, doce, agradável. É bom estar com ele. Cássio sabe admirar e respeitar uma pessoa, e aceitá-la como ela é.

— Eu... É... Hum...

Está sem fala. Rio, tentando conter a sensualidade espontânea em meus modos. Adoro provocar. É um vício novo e irresistível. Preciso ser profissional, estou no meu trabalho, poxa. Diminuo o sorriso e fico parada para não me deixar levar pelo poder de minha feminilidade.

— Você precisa de alguma coisa do processo?

O caso em que estamos trabalhando só se complica com o passar do tempo. Cada dia uma novidade, uma descoberta desagradável. É um conglomerado com mais de cinco mil funcionários, mas os relatórios são confusos e não batem. As ações trabalhistas só crescem. Precisamos encontrar as falhas para tapar os buracos e salvar a empresa da falência.

— Não... Sim... — Ele raspa a garganta. — Sara, vem até a minha sala, por favor.

Quando o sigo, entendo o alvoroço. As divisórias não chegam até o teto, e, na verdade ficamos amontoados na mesma sala, separados por finas placas de madeira. Meu cheiro está por toda parte, perturbando todos os homens, inclusive os clientes. Fico espantada com a força do perfume. O aroma impregna, infiltra, desestabiliza. É o canto da sereia.

Cássio respira fundo e ruidosamente quando entramos em seu quadrado. Fico parada diante dele, aguardando suas instruções. Não ousar sentar. A tentação de cruzar as pernas e causar uma ereção me detém antes que eu ceda ao capricho. O clima está deixando todos à flor da pele e, confesso, a mim também.

— Sua sala está intoxicando a gente. — Ele tosse ruidosamente. — Sara, você é perigosa. Que tipo de veneno você espalhou no ar?

Caio em uma gargalha impossível de conter. Que loucura é essa? Pelo amor de Deus, é só um perfume inofensivo. Talvez fatal no sentido erótico da palavra, mas morrer de tesão não é ruim. Pelo menos eu não acho. Paro de rir quando seus lábios grossos se contraem com desgosto. Está falando sério, percebo.

— Tinha uns cheiros me incomodando, então eu espirrei um pouco do meu perfume pra cima. Não pensei que...

— O quê? Enlouqueceu, Sara? Você usa um perfume afrodisíaco fortíssimo que deixa um rastro quando passa. Agora o ar-condicionado está contaminado e vai jogar esse cheiro na gente o dia todo. Assim fica impossível trabalhar!

Gosto disso nele. Sinceridade transpirando pelos poros.

— Você está exagerando. — Mas sei que não.

Seu cenho franze, provocando uma careta muito cômica. Seguro o riso.

— Desculpa, Cássio. Eu não pretendia perturbar ninguém. Sinto muito.

— Mentirosa. Você está adorando!

Rio torto, sem responder verbalmente.

— Ainda precisa de mim?

— Sai daqui antes que eu te jogue na parede.

Ui, entendido! Viro de costas e juro, juro mesmo, que tento não rebolar. Meu corpo gosta de ser admirado. Os cubículos estão abertos enquanto caminho com elegância, um passo na frente do outro, o quadril quebrando da direita para a esquerda na saia justa, o cabelo balançando e acariciando minhas costas. Antes de entrar em meu quadrado, vejo o pescoço de meu chefe se esticando. Sorrio.

...

À noite, decido correr ao ar livre no parque central — preciso de

endorfina para acalmar a tensão do dia. Foi prazeroso e perturbador. Mordi os lábios várias vezes enquanto tentava conter pensamentos lascivos que me dispersavam do trabalho. Correr cansaria meu corpo e acalmaria minha alma. E eu também precisava me exhibir mais um pouco em meu short de lycra minúsculo.

Os aromas me confundem por onde passo. Cigarro — eca! —, perfume, suor, comida, doce, planta, fumaça, piche, tinta, chuva, cachorro, fezes, chocolate, fritura. É um bombardeio. Estou hipersensível. Só o cheiro da sedução não me aflige. É em mais um momento insano que decido.

Vou direto para a casa de Valentina e compro a coleção da Dior, na mesma linha do meu. Poison. Veneno. O nome me faz lembrar as palavras de Cássio. Como ele conseguiu identificar o aroma? Incrível a fixação desse perfume. Já tenho o vermelho, e agora comprei o branco e o azul. Um para cada ocasião... Vou estrear o Midnight hoje e deixar um rastro de sensualidade por onde passar.

OUVINDO A VOZ

É DURO TER AMIGAS CASADAS E SOLTEIRAS E NENHUMA PARA FAZER COMPANHIA NA BALADA EM UMA QUINTA-FEIRA À NOITE.

Pô! Por que eu tenho que deixar de ir? Só porque vou sozinha, não significa que vou continuar o tempo todo assim. Tá legal, eu vim para pegar mesmo. Quinta é quando o fim de semana começa, e todos os solteiros estão disponíveis. Os comprometidos também, mas isso não vem ao caso.

A melhor balada para solteiros é na quinta, todo mundo sabe. Não vou me privar porque minhas amigas têm compromisso. Tenho disposição suficiente para sair e aproveitar a noite. Está ficando corriqueiro, mas não me importo. Hoje estou em um bar de rock fantástico, com um balcão lotado de gente bonita e dois palcos com shows. O secundário já está tocando rock nacional. No principal, será Aerosmith.

Claro que são bandas locais, covers, mas já está valendo. As mesas estão lotadas, por isso me contento em me encostar no balcão, espremida por corpos que tentam chegar ao barman e fazer seus pedidos. As coxinhas deste lugar são famosas, mas não vou prová-las hoje. Uma caipiroska de morango vai servir por enquanto.

Estou com uma saia verde justa e curta e uma blusa de ombro caído, soltinha, preta, arrasando sobre um sapato meia pata florido de quinze centímetros — espetacular. É. Acho que passei do um metro e setenta graças a ele. Adoro salto alto, já falei isso? Acho que não. Sinto-me poderosa!

O burburinho é ensurdecedor, e estou longe de conseguir entender a letra da música, mas está legal. Beberico a batida enquanto meu pé tenta marcar o ritmo do compasso. Preciso voltar a tocar piano. Gosto tanto de música! Outro talento sufocado por causa do ex. Esqueço o que estou pensando quando meus olhos cruzam com os dele.

Uau! Sobrancelhas grossas sobre olhos amendoados, um sorriso que salienta o queixo, alto, magro, definido, pele morena clara que contrasta com o cabelo castanho e farto. Sinto o músculo do baixo-ventre contrair diante da visão do paraíso. Baixo o olhar para suas mãos. Nada de aliança.

Continuo observando enquanto ele se aproxima na fila. Está sorrindo e conversando com um amigo, provavelmente. Nem percebo que tomo o restante da caipiroska de uma sugada no canudo. Minhas mãos transpiram, e eu me sinto uma adolescente apaixonada. Mas eu sei bem que não é amor o que sinto. É tesão — e dos mais intensos!

Eu quero este homem que se aproxima distraído e nem percebe meu olhar devorador. Sua risada é tão sexy que me sinto contrair de novo. Quando se encosta ao balcão para fazer seu pedido, sua voz cala fundo em mim, melando a fenda que implora por ser invadida por aquele deus.

Nunca me senti assim antes diante de um desconhecido, que nem tinha a intenção de me seduzir. É uma primeira vez atordoante. Nossos olhares se encontram, e o tempo para. As vozes cessam. As notas não se interpõem mais entre meus ouvidos e seu lábio inferior cheio, que me dá vontade de morder.

— Oi, tudo bem? — Ele falou comigo!

Paro de respirar. A voz grave reverbera no oco que me consome. Fome! Desejo! Loucura! Eu quero!

— Tudo bem. E você? — Consigo responder com um sorriso; as palavras possuem o tom certo da sensualidade que emana de mim.

— Melhor agora. — Clichê.

O chope dele é servido. O cara me dá uma piscadinha e sai

acompanhado do amigo. O que foi aquilo? Ele sabe que é lindo e que mexe com a mulherada, assim como eu conheço meu poder de sedução. Mas por que não ficou? Disfarço para não dar bandeira, mas em alguns minutos o procuro acima das cabeças. Na mesa a que está sentado há duas garotas loiras, aguadas e sem graça.

Ah, ele está acompanhado. Mas que pena! Antes que eu me frustrasse totalmente, seus olhos castanhos encontram os meus, e eu me derreto no segundo em que sorri para mim discretamente. Para tudo! Ele está me dando o maior mole. Peço outra caipiroska e bebo feito uma insana. Não tenho olhos para mais ninguém neste bar. A bebida acaba de novo. Sinto necessidade de me alterar — e rápido.

— Ei, moço! — chamo o garçom que se aproxima do outro lado do balcão. — Você tem Jose Cuervo Ouro?

— Sim, senhorita.

— Me traz uma dose, por favor.

O bar para. Todos os homens a meu redor, com seus chopes e cervejas, me encaram incrédulos. Sorrio e dou de ombros. Qual é? Uma mulher não pode virar uma tequila? O copo chega rápido, lotado até a borda com a bebida dourada e translúcida. No pratinho, sal e limão. Procedo ao ritual enquanto ouço alguém falar que vai ficar só para ver. Ignoro e viro a dose para dentro sem aquele gesto ridículo que fazemos quando estamos trêbados. Desce suave, acolhedora, quente. Nem faço careta. O limão ameniza o sabor forte.

— Meu Deus, mulher! Parabéns!

Até o garçom assistiu. O que tem de extraordinário em tomar tequila? Eu, hein! Sorrio para todos e procuro o gato, sentindo o meu interior queimar. Como se eu precisasse de mais estímulo. Realmente não preciso, mas o álcool me deixa mais leve, mais solta, mais ousada ainda. Lá está ele, a três passos de mim.

Ele me encara. Teria visto? Não me importo. Sorrio de volta. Ele aponta

para meu copo vazio. Pego-o e ergo um brinde imaginário. Seu sorriso vira uma gargalhada sonora e irresistível. Todos os meus sentidos prestam atenção, até mesmo os ocultos. Minhas entranhas se remexem ao som de sua voz. Seu corpo paira a meu lado como uma muralha... Alta e intransponível.

Seu perfume me invade, me confunde, me atordoa. Seus olhos se prendem aos meus, tão perto, tão abrasadores. Os segundos parecem horas presa neste homem, atraída, entregue. Ele se inclina, tomando todo o meu ar para si. Seu nariz se infiltra em meus cabelos e roça minha orelha, aspirando. Ele sente meu perfume!

— Prazer. Meu nome é Rodrigo.

— Eu me chamo Sara — resfolego.

Volta a me encarar, os olhos brilhantes. O sorriso é uma nota a mais em sua beleza. Pisca de novo, sedutor, e sai com sua bebida. Hoje eu morro! Vou ter um troço se não pegar esta delícia. Mas como? Não dava para sugerir algo. Talvez na próxima vez que ele vier. Estou contando com uma forcinha do destino. Por favor!

Alguém sobe ao palco principal para anunciar a banda que tanto aguardo. Ih, vou aproveitar e ir ao banheiro antes de o show começar. Tem fila, claro, mas ela anda depressa. Quem não quer ver Aerosmith, ainda que cover? Antes de sair, me encaro brevemente no espelho, e retoco o batom.

Na porta, dou de cara com ele. Não sei se há mais alguém; só vejo uma pessoa. Os acordes de “Dream On” vibram nas caixas de som, e eu me sinto a protagonista da música, sonhando até acontecer. Lá está o meu sonho de consumo no momento. Rodrigo. Lindo demais! Seu sorriso se transformou em uma linha concentrada, rígida e ainda mais sensual para mim.

— Sara... — Meu nome em sua boca me atrai mais do que qualquer artifício.

Aerosmith fala por nós. “O passado se foi, passou como do nascer ao pôr do sol.”

“The past is gone
It went by like dusk to dawn”

Um passo para a frente e estamos colados. As mãos enlaçando os corpos. As bocas grudadas. Não sei como aconteceu, talvez a tequila, ou o perfume, ou o tesão, simples e fácil, mas o fato é que estamos nos beijando, nos agarrando, sob a meia-luz provocada pelo início do show. Bendito seja o destino! *É necessário perder para saber vencer.*

“You got to lose to know how to win”

Rodrigo me empurra de volta para dentro do banheiro, sem me soltar, e eu me deixo guiar. Tranca a porta sem me largar e me choca contra a pia. Ergue-me no colo e me coloca sentada sobre o mármore frio. Ficamos na mesma altura, seu quadril entre minhas pernas abertas, invadindo um espaço feito para ele. Cruzo os tornozelos em suas costas, puxando-o mais contra meu corpo. Meus braços enlaçam seu pescoço, e seu perfume me invade. Os acordes graves da música retumbam dentro de mim, me guiando em seu ritmo. *Cante comigo, mesmo que só por hoje; pode ser que amanhã o bom Senhor o leve.*

“Sing with me, if it's just for today
Maybe tomorrow the good Lord will take you away”

Meu Deus do Céu! Suas mãos deslizam pela minha saia, erguendo, sentindo, arrepiando minha pele. Seus lábios, com sabor de tesão, me devoram com desespero. Sobem pela minha cintura, alcançando meus

seios, e suas palmas se preenchem deles. É tanta pressa, tanto desejo! Abro a bolsinha com habilidade e tiro uma camisinha de dentro dela. Sempre saio de casa preparada.

Descendo de seus ombros, apalpo seu tórax duro e modelado. Meu sangue ferve. Alcanço a calça e encho a mão sobre o jeans. Está enorme. Não há tempo para degustá-lo. Sua boca me engole, a língua e seus dedos vasculham minha calcinha. Abro seu cinto, abaixo o zíper e invado seu calor, que me incendeia. Com a outra mão, sinto seu peitoral por baixo da camiseta.

Rodrigo puxa minha calcinha de lado, deixando seus dedos se lambuzarem com minha excitação. Imito-o, puxando seu pau para fora da abertura e movendo a mão em sua pele quente. Rasgo o pacote da camisinha e o cubro sem olhar. Encaixo meu quadril contra o dele com as mãos e deslizo em sua direção, segurando-o pelo ombro.

Seu pênis entra em mim como se já conhecesse o caminho. O ritmo é insano, alucinógeno, embriagante. É fácil me deixar levar pelo momento. Era isso que eu queria, que ele também quis, e agora estamos aqui, encaixados, embriagados um no outro, provando do fruto proibido sem culpa, sem remorso. Um sonho possível. *Sonhe, sonhe, sonhe, sonhe até que se realize.*

“Dream on, dream on, dream on
Dream until your dream comes true”

O fruto proibido tem sabor de tequila com limão e sal. Estou preenchida, minha excitação crescendo em decibéis que me fazem implodir em milhares de notas. Move meu sangue e a endorfina, bombardeando por todo o meu corpo. Vibro contra ele, que estremece no próprio prazer, a onda de seu gemido captada pela minha boca. *Sonhe! Sonhe! Sonhe! Sonhe! Sonhe! Sonhe!*

"Dream on! Dream on! Dream on!
Dream on! Dream on! Dream on! Dream on!"

Um último beijo sem fôlego, uma despedida tímida ao pé do ouvido, e o sonho finda, aticando todos os meus desejos e fantasias mais íntimos.

ENCARANDO O PASSADO

SEXO BEM-FEITO PERIODICAMENTE É UM SANTO REMÉDIO!

Olha a minha pele! Clara, lisa e sedosa como a de um bebê. Pareço até mais jovem! Os carinhas da balada sempre acham que eu tenho vinte, vinte e poucos anos, e isso é demais para mim. Acho que para qualquer mulher com mais de trinta.

Não foi só o meu corpo que melhorou: meu humor também. Parei de roer as unhas e de fumar. A TPM transcorre sem sobressaltos — e o melhor: sem chocolate. A endorfina de que preciso para me sentir bem vem do sexo e dos exercícios que pratico regularmente. Fora a disposição, que aumentou muito. Tenho a energia de uma criança. Não paro!

Agora, por exemplo, são 18h22 e eu estou estacionando em frente à academia. Hum... Estou adiantada para minha avaliação com o gostoso do Caio. E vou ter minha primeira aula de pole dance. Estou ansiosa para começar, mas é uma ansiedade saudável, que fique claro. Nunca mais vou me descabelar em vão.

Para o dia de hoje escolhi o Pure, da minha coleção afrodisíaca da Dior. Ele é mais suave, mas nem por isso menos cativante. Os homens lá do escritório agradeceram pela mudança — palavras de Cássio. Quero rir na cara do meu colega quando me fala essas coisas, mas ele fica tão puto que não tenho coragem. Seu mau humor impera quando estou por perto. Estranho.

Na recepção, sou encaminhada pela secretária até a sala do personal mais gostoso da academia. Um cheiro de perfume masculino, daqueles fortes e marcantes, me recebe no pequeno cômodo. Realizamos os

exercícios chatíssimos de praxe, e nossos aromas se misturam. Gosto da combinação e fico imaginando os dois corpos juntos e suados.

Sete horas. A aula vai começar. Atencioso, Caio me deixa na porta da sala. Falamos apenas de minhas experiências com exercícios físicos. Ele fica feliz por saber que eu corro de vez em quando, mas não gosta quando admito que detesto malhar o braço. Diz que vou mudar de ideia com o pole ou vou desistir dessa dança. Não entendo o que ele quer dizer, por isso entro na sala e me posiciono diante de uma barra.

As alunas entram depressa, sorrindo e brincando. Fico assustada com o tamanho delas. São realmente saradas. Grandes. Pernas grossas e braços definidos. Xi, tô ferrada! Molenga do jeito que sou... Não, Sara, nada de pensamento negativo. Você vai se esforçar e vai arrasar, garota. Respiro fundo e confiro os modelitos. Ainda bem que tenho vários shortinhos.

Depois de uma apresentação rápida, a professora ensina o primeiro movimento. De maneira simples, ela mostra como devemos segurar a barra e mover os pés. Eu já quero subir! Sei que vai ser mais difícil, mas quero tentar e sentir o meu grau de dificuldade.

O segundo movimento consiste em girar com os dois joelhos na barra. Presos nela. Ai! Segurando com os braços, encaixo um joelho; o outro é mais difícil. Sustentar meu peso faz as juntas doerem; as mãos queimam. Mesmo travando um pouco o giro por apertar demais as pernas, consigo realizá-lo. Ufa!

Pé no chão de novo e nem tenho tempo de descansar. O terceiro movimento me deixa de boca aberta. Para o primeiro dia, o básico está sendo muito complexo. Aff! Jelhos presos na barra, desta vez uma na frente e outro atrás dela, formando um X esticado. Medo de me estatelar no chão! Depois de várias tentativas frustradas, consigo! Que orgulho de mim!

O restante da aula é um repeteco dos três primeiros movimentos. Moleza! Depois, dança sensual, com música, para encerrar! Agora estou

em casa. A professora explica quando devemos usar os movimentos aprendidos ou apenas dançar ao redor da barra. Confesso que sou a melhor aluna neste momento.

Saio da sala suando muito. Vou fazer só musculação, e o personal me orienta a seguir a ficha. Menos séries e mais repetições. Quero adquirir mais força nos braços e nas pernas para suportar o pole dance. Caio por perto é uma tentação saborosa, mas ele evita conversar.

Às oito horas eu acabo. O vestiário está lotado. Ouço vozes masculinas pelos vidros abertos no alto. Hum... Tomo banho imaginando Caio todo molhado sob a ducha. Está ficando platônico. Eu, hein! Não preciso disso. Sigo para meu carro e mando uma mensagem para Day.

Amiga, saindo da academia. Te pego às 9. Beijos

...

Hoje tem jogo do tricolor na nossa cidade. Uma coisa rara para quem mora no interior, portanto imperdível! Ainda bem que Dayana não pulou fora desta vez. Também, eu fiz a maior pressão. Ela está de sacanagem; não pode ficar me dando o cano para sempre. É minha amiga ou não é? A “seleção” vai jogar, poxa! Doida para ir ao estádio. Vamos, meu tricolor!

Já de banho tomado, é só escolher a roupa. Shortinho jeans e baby look do meu time do coração. Prefiro jantar em casa. No estádio não rola bebida, mas nem por isso vou esperar até a meia-noite para comer. Estou faminta. O lanche da tarde só me fez suportar o treino.

Passo na casa de Day pontualmente. Ela está usando um modelito parecido, mas o seu short é mais comprido. Day começa a me contar do carinha que conheceu no chat, mas não presto atenção ao nome dele. Eles mudam o tempo todo; não vale a pena gastar memória.

— Já está se achando meu namorado. Me liga de uma em uma hora e

manda mensagem de cinco em cinco minutos — ela conta, sorridente.

— Como você suporta?

— Sara, você pode ter desistido dos homens, mas eu quero namorar.

— Eu não desisti dos homens...

— Corrigindo: você pode ter desistido dos relacionamentos, mas eu não.

Não tenho coragem de dizer em voz alta que, se eu fosse ela, nem tentava. Day tem uma beleza comum, assim como eu. Sardas no rosto, cabelos encaracolados escuros, cheinha. Normalmente os garotões que saem com ela só querem sexo fácil e nada mais. Quando encontra uns caras menos babacas, são pegajosos. Homem é bicho complicado, e ainda dizem que nós é que somos.

— Já te falei que talvez a internet não seja o melhor lugar para encontrar um cara legal? — começo.

— Não concordo. Eu sempre conheço caras bacanas.

— Bacanas desse jeito aí eu esbarro toda semana na balada.

— O que você quer dizer?

— Exatamente o que eu disse: se você está procurando um cara pra namorar, está buscando no lugar errado, Day. Balada não é, nem internet. Na rede só tem os estranhos, aqueles que ninguém quer por algum motivo que você também não vai querer. Muda de emprego, vai fazer exercícios e começa a frequentar lugares menos badalados e mais propensos a um bom papo.

— Ainda bem que você tem consciência disso! — ela se surpreende.

— Ao contrário do que você pensa, eu saio pra balada pra me divertir, não pra arranjar um relacionamento.

— Sara, não começa, pelo amor de Deus!

— Depois que você casar, a gente conversa de novo.

— Você teve um casamento ruim, mas nem por isso todo mundo vai ter.

— Provavelmente esse foi o meu problema, mas quem casa de novo é porque ainda está procurando alguma coisa que eu não acredito mais que

exista. Day, nós, humanos, somos egoístas, e esse amor que nós procuramos viver, que nós achamos que vai ser a nossa felicidade eterna, não existe. Me diz: como colocar nossa felicidade na mão de outra pessoa? É uma exigência grande demais, não acha? A felicidade não vem de fora, e sim de dentro.

— Você não foi feliz no seu casamento, Sara?

Paro para refletir e tento encontrar algum momento em que eu tenha afirmado que estava feliz. Não consigo me recordar. Dou de ombros.

— Acho que só no dia do meu casamento. E sabe por quê? Porque nesse dia eu fui a princesa escolhida pelo príncipe, fui amada. Aquilo foi mágico. No dia seguinte, quando nós acordamos, ele voltou a ser o sapo, e eu, a gata borralheira.

— Cruzes!

— Fato, amiga: nenhum casamento resiste à rotina. O que dura é o amor, o respeito, a amizade. Sem força de vontade para reacender a paixão de vez em quando, qualquer amor acaba. Foi o que aconteceu com o meu relacionamento. Já reparou que as pessoas entram despreparadas nas relações, sonhando com um conto de fadas? Ele não existe... A vida real é muito mais crua e sem emoção. São as pessoas que fazem a diferença. Uma relação se rega todo dia, com amor, paciência e companheirismo.

Falar sobre isso não dói mais, mas também não me deixa feliz. Nada feliz.

O passado se foi, como disse Aerosmith, e não tenho por que retomá-lo. Saí daquela merda de cidade com os documentos todos assinados. Nem tenho mais motivo para olhar na cara do imbecil. Day me distrai pedindo uma descrição detalhada da minha ficada fantástica no banheiro do bar. Entregamos nossos bilhetes na entrada.

O primeiro tempo é fácil. Só não é goleada, acho, porque o tricolor está com dó dos donos da casa. Um time que subiu este ano para a primeira

divisão do campeonato, coitado. Minha amiga e eu cantamos junto com a torcida organizada, incentivando o time.

No intervalo, preciso ir ao banheiro. Day desce a arquibancada comigo a fim de comprar alguma coisa para beber. Nós nos separamos na entrada do campo. É tanta gente circulando que sou facilmente jogada de cá para lá. Na primeira porta que encontro, entro e quase morro. Vestiário masculino. E eu sonhando com isso hoje! Lá estão eles, em carne, osso e músculos. É o vestiário dos jogadores do tricolor.

Como vim parar aqui eu não sei, mas os seguranças não me deixam surtar e me arrancam logo do lugar. Não quero sair, mas sou arrastada, literalmente. Então, o pesadelo começa. A encarnação do mal, aquele que fez nascer em mim sentimentos duros e frios, está diante de meus olhos. Cara e barriga de sapo! Meu ex em carne, osso e banha. Aff. Como pude me casar com isto?

Agora acredito na célebre frase: o amor é cego. Luis está acompanhado da baranga oficial. Coitada, como é feia e desarrumada. Sem sal nem açúcar. Estou em um momento de surto psicótico. A raiva explode e sinaliza um vermelho gigante em meus olhos injetados. Não dá para desviar; eles já me viram. Os seguranças me soltam quando me debato. O idiota me mede de cima a baixo.

— Nossa, Sara. Virou Maria Chuteira e está invadindo o vestiário? Eu sempre pensei o que seria de você sem mim, e se cumpriu o que eu temia: virou uma periguetete, e aposto que está enchendo a cara.

Canalha! Como ousa? Quem é vadia e alcoólatra aqui?

— Escuta aqui, seu idiota. Aquela porra de papel que nós assinamos há meses me deu o direito de me livrar do seu sarcasmo e, principalmente, de encher a sua cara de porrada se continuar me ofendendo. Graças a Deus você não tem mais nada a ver com a minha vida. — Olhei para a cara espantada da baranga. — Espero que você, filhinha, não goste de sexo, porque esse aí é brocha.

Saio pisando duro. É mentira; ele nunca brochou comigo. Só era meia bomba quando estava muito bêbado. Mas ele já me rejeitou, acredita? Ficávamos sem fazer sexo por meses. Eu perdia as contas e enlouquecia de vontade. Não era ninfomaníaca; só queria que fosse com mais frequência.

Aí, sabe o que acontecia? Ele ficava pilhado também, e no fim o nosso sexo era malfeito, corrido e insatisfatório. Antes dele, não tive muitas experiências. Acredito que tenha perdido a virgindade comigo mesma. Depois brinquei com uns caras, mas ser penetrada e gozar, só com o Luis. Cheguei a ter orgasmos múltiplos em nosso namoro, mas depois esfriamos demais.

Como um turbilhão, toda a mágoa e raiva reviram dentro de mim, corroendo minha carne até os ossos. Que ódio! Mas é muito abusado mesmo! Sempre foi assim. Dizia o que queria, sem medir palavras. Naquela época eu não era obrigada a suportar; hoje, muito menos. Que azar encontrar o Luis no meio desta multidão! Muito azar!

É pra acabar com a minha noite, só pode! Desgraçado, filho da mãe. Por que não ficou enfiado no buraco onde estava? Mas não vou deixar que ele acabe com minha diversão. Sinto uma mão me puxando e luto para me soltar. Que ousadia! Quem é...?

— O que você quer? — Sim, é ele!

— Olha aqui, sua biscate, retire o que disse. Está tão louca que resolveu me difamar para os quatro cantos? Está vendo por que o nosso casamento não deu certo, sua doida?

— Escuta aqui você, seu ridículo! Não quero saber desse seu pintinho. Você pode não ser brocha, mas isso não quer dizer que seja bom de cama. O nosso casamento acabou porque você — enfio o indicador na cara redonda dele, encarando de frente o monstro do meu passado — não sabe que num relacionamento existe troca e esforço dos dois lados. Sorte que, pelo tamanho da sua atual, você não vai ter dificuldade para sugá-la. Mas

eu duvido que ela vai ter tanta paciência quanto eu tive com o seu egoísmo.

— Ela pode ser gorda, Sara, mas me faz mais feliz do que você!

Putá que pariu, que belo soco no estômago. O ódio queima minha pele como brasa. Perdi totalmente a razão!

— Cala a boca, Luis! Não pronuncie o meu nome com essa boca imunda! Eu vim aqui pra ver o jogo e você está me fazendo perder tempo, como me fez desperdiçar dez anos da minha vida! Não tenho mais nenhuma obrigação com você. Vai se foder! Quem sabe você gosta e sai do armário de uma vez? — Viro as costas para encerrar a discussão e me lembro de uma coisa. — Ah, mande lembranças para aquele seu amigo do trabalho que te aconselhou a me largar porque estava louco pra dar pra você!

Deixo as palavras no ar e ando a passos largos entre o empurra-empurra.

VIVENDO O PRESENTE

AQUELE DESGRAÇADO CONSEGUIU ACABAR COM MINHA PAZ. POR QUE ELE AINDA EXERCE ALGUM EFEITO SOBRE MIM?

Eu devia ser indiferente a qualquer coisa que ele dissesse, mas não pude suportar a intromissão. Jurei a mim mesma que nunca mais alguém ia falar daquele jeito nojento comigo, não jurei? Até que foi bom despejar toda aquela merda na cara dele.

Agora, mais calma, sinto vontade de rir, mesmo que ele tenha me dado uma cutucada funda. Ele ficou tão desorientado, com cara de idiota. Foi muito engraçado. Mereceu cada palavra que eu disse. Não retiro nada. Fui até legal em comparação com as asneiras que ele me falou nos últimos dez anos. Ele merecia ouvir muito mais! E a cara da outra? Gente, é sério. Vou morrer de rir aqui! Tenho dó, coitada!

Fez bem para meu ego vê-la de perto. A garota é tão feia, tão esquisita, que não consigo me sentir exatamente trocada. Eles combinam, e eu consigo entender por que ele está mais feliz com ela do que comigo. Dois esquisitos. Foram feitos um para o outro. Eu que não tinha nada a ver com o Luis. Como, meu Deus, eu nunca percebi antes? Como? Falta de amor próprio é mesmo uma droga. A gente se apaixona por cada lixo humano!

Tive um sono agitado após o jogo. Meu tricolor venceu de goleada e me deixou radiante. Fiquei tentada a voltar ao vestiário para comemorar com os jogadores, mas Day me segurou. Conteí tudo para ela, óbvio. Sou transparente feito água, e ela logo percebeu que algo havia acontecido.

Ela ria de rolar. Quase dei uns tabefes na sua cara só para aliviar meu estresse, mas eu a amo!

Sabe, minha família é meio torta — acho que nenhuma é perfeita —, mas eu sei que cada um deles me ama de verdade. Minha mãe, dona Meire, é mandona e controladora. Meu pai, seu Jorge, é um homem de poucas palavras e muita atitude. Meu irmão do meio, Sérgio, é meio amalucado e na dele. E a caçula, Simone, é toda explosiva e romântica. Eles me receberam de volta de braços abertos, e eu vou ser grata para sempre por isso.

As malucas das minhas amigas são uma família à parte. Já diz o velho ditado: quem tem amigos nunca está sozinho. E eu tenho poucos, mas posso contar com eles para tudo. Ou quase tudo, né? Para a balada não dá, mas o apoio é total! Esse amor que nós cultivamos me faz tão bem que a distância não é capaz de diminuí-lo. Então, por que, me diz, tenho que deixá-los para viver com um total estranho?

Casamento não deixa de ser isso. Você se afasta da família e dos amigos para viver somente para uma pessoa. É realmente muito egoísta e injusto. Sinceramente. Para que formar uma família? Alguém pode me responder? Tudo bem que não nascemos para viver só, mas você não acha que o planeta já está superpovoado? Tá bom, eu sei que estou doida, mas, para mim, as ideias românticas caíram por terra.

Porque casamento e filhos são passados como se fossem a coisa mais sublime do mundo, mas na prática não é nada disso. Não acho que a instituição casamento deveria acabar, mas a mistificação dele sim, e imediatamente. A real é que o casamento tem o objetivo de povoar a terra e só. Se você pensa em casar e ter filhos para não ficar sozinho, é o maior egoísta. Só acho!

Afinal, amigos e família servem para quê? Medo de ficar sozinho é para os fracos e iludidos com o romantismo imperativo e tradicional, que não passa de manipulação pura. Você é menina? Nasceu para casar e ter

filhos. Você é menino? Nasceu para trabalhar e prover a família. Ah, por favor! E se eu quiser ser apenas uma mulher bem-sucedida, sem marido nem filhos? O que me impede?

Os estereótipos me irritam! Nem vou entrar em outros méritos, como escolhas sexuais. Meu pai queria que eu voltasse para o Luis. Vê se pode! Minha mãe não, mas ela fala que eu vou sair de casa só quando me casar de novo. Nem morta! Já estou procurando um apartamento para mim. Agora que conquistei minha liberdade, não quero perdê-la tão cedo!

A manhã no escritório passou arrastada. Fiquei trancada em minha sala, tentando esquecer o que causou meu mau humor repentino. Não queria continuar assim, mas a agitação foi inevitável. Até Cássio percebeu, e na hora do almoço não pude fugir de sua abordagem.

— O que foi, Sarita? — Já estamos mesmo íntimos! — Nunca te vi de mau humor. TPM?

Seria a explicação mais fácil, já que eu não queria muita conversa, mas o interesse sincero dele me convidou a falar. Conteí tudinho.

— Poxa, você é uma baixinha invocada.

Homens! Eu ri.

— Foi um desabafo, mas sabe quando as palavras ficam rondando a cabeça?

— Sim, se repetindo como eco.

— Exatamente. O que ele me disse não sai da minha mente. Eu não consigo esquecer, e isso me deixa irritada. Não quero ficar assim.

— Você precisa de um sorvete.

Aceito a oferta, pensando que mais tarde vou para a academia mesmo. Pretendo extravasar a raiva, deixar a endorfina fazer seu trabalho e limpar meu sangue daquela adrenalina toda. Acordei dolorida por causa da aula de ontem. Dói tudo: braços, peitos, costas, abdômen, coxas e panturrilhas. Acho que vou ter que pegar leve hoje.

Ao longo da tarde, Dayana me liga para saber se estou melhor. Meu

celular não para mais depois que desligo. Bombom quer saber tudo sobre o “evento”. Linda arranja cinco minutos no trabalho para saber mais detalhes também. Todas estão eufóricas com minha atitude, e isso levanta um pouco meu astral.

Quando chego à academia, fico muito melhor. Caio e seus olhos verdes. Só aquela visão tem poder sobre meus hormônios — melhor dizer feromônios. A atração que sinto por ele hoje está batendo no vermelho. Tornou-se uma necessidade. Talvez tenha a ver com meu estado de espírito, mas não penso nisso neste momento.

Os músculos de seus braços sobressaem na regata enquanto ele ajuda uma aluna com a mesa flexora. Que distração maravilhosa! Vou para a esteira em velocidade baixa para aquecer e escolho uma que facilite a visão do paraíso. Fico seguindo Caio com os olhos enquanto aumento a velocidade e começo a correr. Minhas pernas reclamam, mas eu as ignoro.

Assim fica fácil correr meia hora. Não preciso de muito mais. Agora é o momento de ser tocada por ele acidentalmente. Vou para o primeiro aparelho, perto de onde Caio está, e finjo dificuldade com minha ficha. Ele se aproxima, solícito e sorridente, para me ajudar com os pesos. Para variar, não fica por perto o suficiente para travarmos uma conversa.

Resolvo mudar de tática e o ignoro, provocando com gestos pequenos, porém insinuantes o bastante para mexerem com sua imaginação. Uma jogada de cabelo, uma lambida nos lábios, uma empinada na bunda, uma rebolada básica. Com o passar do tempo, percebo que ele já está me secando. Faço minhas sessões com calma, sem pressa, deixando os músculos queimarem. Agora ele me procura para bater papo.

— Gostou da aula de pole dance ontem, Sara?

— Amei. Mas é tão difícil quanto eu imaginava. Estou com dores no corpo todo, mas sei que vai valer a pena.

— Pegue leve com os pesos, então. Não force muito os seus músculos e

tome um relaxante muscular para aliviar o mal-estar quando chegar em casa. Você vai ver quando sair daqui roxa.

— Acontece muito?

— Sim, principalmente no começo, quando as alunas estão se adaptando ao poste.

— Adorei a dança sensual.

— A professora disse que você leva jeito.

— Disse?

Ele meneia a cabeça, confirmando. Caio conversou com a professora de pole sobre mim? Estou ganhando essa e nem saquei. Como pude ser tão distraída?

— Eu gosto de dançar.

— Por isso escolheu essa aula?

— Também, mas acho que o que pesou mais foi a sensualidade. Imagine as possibilidades.

O personal fica de boca aberta, sem fala. Mais um ponto para mim. Outra aluna o chama, e eu volto a me concentrar nos exercícios como se minhas palavras não tivessem sido proferidas com segundas intenções. Seduzir é um jogo perigoso. Jogo com todas as cartas que tenho, mesmo ciente de que posso perder. Engraçado, mas nunca perdi, mesmo quando achei que iria.

As peças continuam se mexendo como se o peão não quisesse comer a rainha. Mas lá está ele, cercando, se aproximando, dando todos os sinais para meus olhos atentos. Termino meu treino mais tarde do que de costume. Caminho para o vestiário quando vejo Caio me procurando. Entro e o ambiente está em silêncio. Acho que todas já foram embora. Ouço barulho no masculino e estremeço. Eu deveria ir direto para casa, inclusive sem tomar banho.

Não olho para trás quando abro a mochila e pego uma camisinha. Fico de costas para a porta e tiro o macacão cavado. Ouço um gemido, e a

tranca gira. Ignoro. Continuo me despindo com cuidado. Fico nua e entro no primeiro boxe que encontro. Abro a torneira e deixo a água refrescar minha pele, ainda que por dentro não faça efeito. Esse jogo de sedução sobre mim é abrasador.

O vidro abre e range ao fechar. Sou tomada por trás, com força. Meu corpo é pequeno em seus braços grandes e fortes. Suspiro ruidosamente. Caio me prensa contra a parede, e sua pele nua escorrega na minha, úmida. Seus lábios roçam minha orelha sem cuidado. Seu membro está rijo contra mim. Ele puxa meu cabelo para trás com ferocidade. Minha cabeça repousa em seu ombro.

— Achou que podia me provocar e sair impune, gostosa? — Me esfrego contra ele, sem medo da ameaça velada. — Como você consegue ser tão safada?

Forço as mãos em suas coxas, enfiando as unhas.

— Cala a boca, Caio — ofego.

Suas mãos deslizam pela minha pele molhada até alcançar meus seios, que ele aperta gostoso, acariciando os dois bicos ao mesmo tempo. Retorço-me, mantendo sua posição de domínio. Ele só está aqui porque eu quis. Ainda sou a rainha e acabei de ganhar mais uma partida.

Sua ereção lateja contra minha bunda. Também estou pulsando em resposta a seus estímulos. Os gemidos abafados provocam frio em minhas entranhas. Puxo o cabelo de Caio, forçando sua cabeça para baixo. Sua língua escorrega pelo meu ombro, sobe pelo pescoço e me invade o ouvido. Gemo quando seus dentes agarram o lóbulo e puxam com força.

— Você é gostosa demais. É insuportável!

Cara, que tesão! Parece um pedido de desculpas pelo seu descontrole, então resolvo recompensá-lo. Viro-me de frente e sorrio. Beijo-o com vontade, dando autorização para que suas mãos continuem experimentando minha pele. E ele o faz, descendo pela minha coluna até

meu bumbum e o agarrando entre os dedos. Acho que quer arrancar um pedaço.

É a minha vez de explorar seu corpo, senti-lo sob meus dedos, meus lábios, meus seios. Vou descendo pelo seu tórax, beijando, lambendo e mordicando até chegar ao pênis ereto. Tomo-o nas mãos e o engulo, chupando a cabeça vermelha e reluzente já protegida pelo preservativo. Que pena! Adoro sentir o gosto!

Lambo o saco, minha língua incendiando sua pele sensível, e o enfio ao máximo dentro da boca. Seu prazer é meu, e eu me sinto de novo no controle da situação. Caio enlouquece, me fazendo olhar para ele. Seus olhos brilham, sua respiração está acelerada, seu coração bate forte e barulhento.

— Quero você, gostosa.

Ergo-me enquanto ele me pega com a boca novamente, mordendo meu lábio inferior com violência. Com a outra mão, desliza os dedos pela minha fenda melada, me deixando maluca. Um deles escorrega para dentro, abrindo passagem para outro entrar, me alargando, se movendo em círculos.

Ele me vira de costas novamente, encaixando-nos por trás. Desliza para dentro com tudo, facilmente, e chega tão fundo! Ah! Suas mãos controlam o ritmo, segurando meus peitos, enquanto me escoro na parede lisa. Estou transpondo o nível de excitação, impossível deter. Agora somos eu e ele em uma aventura arriscada que pode lhe custar o emprego.

Chego ao primeiro orgasmo depressa, estimulada pela adrenalina e pelo proibido, e o ouço evoluir atrás de mim. O segundo vem colado ao primeiro, com uma intensidade delirante. Perco o ar, mas ele não para. Movo o quadril contra o dele, fora de mim, prolongando a sensação orgástica e deixando o próximo extravasar em um gemido rouco e baixo, que me tira de vez desta existência.

Sinto-me como uma rainha. Xeque-mate!

SABOREANDO A CONQUISTA

ESTA É A MELHOR SEXTA-FEIRA DA MINHA VIDA PROFISSIONAL.

Henrique nos recepciona ansioso. Cássio e eu nos entreolhamos, satisfeitos, e o chefe comemora, saboreando nossa vitória no tribunal. Estou tão feliz, mas tão feliz, que sinto um magnetismo diferente fluir em mim. Parece que saltei degraus até um sonho impossível.

— Ainda não acredito que conseguimos — afirma meu colega.

— Você vai acreditar quando o valor da comissão cair na sua conta — ironiza o chefinho.

— Sabe, Henrique, não teria dado certo se você não tivesse colocado a Sara no caso. Ela amarrou todas as pontas soltas e fez o processo ficar consistente.

— É verdade, mas eu confesso: temi que não tivesse jeito. A empresa estava afundada na lama. Seria fácil demais quebrá-la. Estou muito satisfeito com o trabalho de vocês. Parabéns! Vou pensar em uma bonificação.

Pensar não é bem o que esperamos, mas a conquista é mais gratificante. Nasci para argumentar em uma corte. Quando estou entre aquelas paredes, sentindo o cheiro da madeira e aspirando o ar de poder, me transformo no que tenho de ser para sair vencedora. E utilizo todas as armas que tenho, bombardeando o adversário e o deixando sem saída.

O segredo é ter sempre um plano B ou C. E usá-los no tempo certo para dar a cartada final e o outro não ter chance de se reerguer. Pesquisa e conhecimento profundo do caso me dão total domínio sobre as possibilidades. Basta enumerá-las e listá-las em ordem de importância.

Quanto mais difícil o processo, mais tempo levo na pesquisa, mais me aprofundo, mais estudo. Sempre há uma saída. É ela que eu preciso encontrar. Sinto que a experiência emocional que tive há alguns meses me tornou uma profissional melhor. Menos insegura, menos oscilante, menos perdida.

Agora tenho foco e autoconfiança, e minha percepção está mais aguçada. A emoção, no meu trabalho, é um fator decisivo para a derrota. O bom advogado trabalha com os fatos e com a lei do lado dele, ainda que tudo se mostre contra. Encara a situação de forma objetiva, e não subjetiva. Se eu tivesse pena dos funcionários enganados, jamais ganharia a causa.

Justiça seja feita: a empresa também não precisa fechar por conta de seus erros. Pesei os prós e os contras. Com a falência, os ex-empregados não veriam um centavo sequer. Já com o acordo, podem não levar tudo o que merecem, mas não vão ficar de mãos abanando; o ganha-pão de muitos está garantido. Sabedoria do rei Salomão. O homem tinha tanta lábia que teve mil mulheres.

Sempre tive tino para o direito, mas nunca o exerci com vontade. Meu ex me consumia muito, e, quando nos mudamos daqui, demorei algum tempo para me estabelecer em um mercado em que não tinha contatos. Levei um ano longo e torturante para arranjar um emprego respeitável na área. Luis queria que eu desistisse e me tornasse caixa de supermercado.

Ele queria que eu jogasse meu diploma na lata do lixo? Não tenho nada contra quem trabalha em supermercado, só que estudei cinco anos para ser advogada e não desistiria de minha carreira só porque ele bancava a casa sozinho. Ele trabalhava no único escritório grande e de renome da nossa cidade. Não havia chance de eu entrar lá também. Não era o ideal.

O pequeno escritório para o qual entrei conquistou uma conta que poderia ser sua ruína ou sua glória. Todos os quatro funcionários,

incluindo eu, trabalhamos exclusiva e exaustivamente para esse cliente por três longos meses. Cheguei a ficar até tarde trabalhando e a perder a folga nos fins de semana. Mas o esforço foi recompensado.

A cidadezinha se tornou o centro do país durante o julgamento do homem acusado de poluir a nascente de um dos rios mais importantes do nosso estado com produtos de sua indústria química. Uma tonelada de peixes havia morrido no leito. Pescadores desempregados, famílias ribeirinhas sem-teto, o caos imperando.

A imprensa nos equiparou ao réu, vasculhando nossas vidas e as expondo nos telejornais. Luis ficou louco quando nossa intimidade se tornou pública. Já não tínhamos muito tempo juntos, e isso foi destrinchado por alguns jornais. A ruína do meu casamento começou ali, e eu demorei a perceber.

Ganhar aquele processo era uma faca de dois gumes. Por um lado, a grande vitória; por outro, a derrota de ter inocentado um homem culpado e ainda por cima ter negligenciado meu casamento por nada. Não que realmente eu seja a única culpada, mas tenho consciência de minha participação. Que mal havia em desejar crescer como profissional?

Eu não queria acreditar naquelas palavras mesquinhas, que me diminuía o tempo todo, me acusando até de ser uma advogada meia-boca. Agora percebo que ele tinha inveja. O trabalho dele era tranquilo. Suas contas eram cotidianas, e não marcantes como as minhas. Eu estava em evidência, e ele não.

Por fim, nossa vitória foi comovente. O réu chorou no tribunal, inconsolável por ser inocente. Foi humilhante, mas benéfico. Além de provarmos sua inocência com laudos técnicos, apontamos o concorrente como possível sabotador.

Foi a maior confusão. O empresário que acusamos foi preso, julgado e condenado a pagar uma indenização milionária, tanto para meu cliente quanto para o governo, em prol da revitalização do rio. Estremeço só de

lembrar dessa conquista surpreendente. Bem, surpreendente também foi a reação de Luis. Ele me deu um pé na bunda histórico.

No sábado após a minha vitória, fomos jantar fora. Ele já havia reclamado que eu só falava nisso, mas era meu trabalho. Ele também falava do dele, e tinha colegas de escritório que viviam lá em casa. Sempre respeitei tudo isso, inclusive seus horários quando ele precisava ficar até mais tarde trabalhando. Não havia motivo para tanta discussão, afinal ele também era advogado.

Depois de fazermos os pedidos, ele disse que queria falar comigo sobre uma decisão que havia tomado. Esperei que falasse. Parecia desconcertado, não sei bem.

— Sara, andei perguntando, conversando com meus amigos, e as opiniões foram divergentes, mas eu decidi pelo que achei melhor pra nós dois.

Um nó se formou em minha garganta.

— Eu quero o divórcio.

— Por quê? — sussurrei, espantada.

— Você não vive mais o nosso casamento.

— Peraí.

— Me deixa terminar, Sara. Você só pensa na sua carreira.

— Não é verdade, mas ela é importante pra mim. Você sabe que eu quero me estabelecer e até me apoiou.

— Mas eu acho que você extrapolou todos os limites aceitáveis.

— Não concordo.

— Sara, eu não te amo mais.

Toda a nossa vida nos últimos cinco anos passou pela minha mente, e eu enxerguei seu afastamento, sua insatisfação, sua rabugice, a ausência de carinho, de sexo. Os sinais estavam todos lá havia tempos, e eu fui cega. Acomodada na condição de casada, e daí? Daí que existe o divórcio. Foi repentino, torturante e a pior experiência da minha vida.

Mas a nova vitória no emprego atual só me trouxe a lembrança da outra como comparativo. A felicidade desta conquista nem se compara à anterior. Dividir com alguém? Bobagem! Luis nunca foi um marido cem por cento comprometido. Ele sempre era o mais importante em nossa relação. Tola fui eu em valorizá-lo acima de mim mesma.

O desfecho deste caso tem sabor de independência, de sonho, de capacidade, de força, de futuro. Não preciso comemorar meus feitos com um marido que nunca me compreendeu. Ou com minhas amigas que nada sabem sobre direito. A comemoração tem que ser no escritório, com meu colega de caso. Cássio e eu fomos incríveis! Merecemos um brinde. Invado a sala dele depois da euforia passada e o íntimo.

— Cássio, hoje, happy hour.

— Enlouqueceu, Sara? Eu não bebo.

— Mas hoje você vai!

Ele ri de forma inocente. Cássio é um cara totalmente diferente de mim. Discreto e calado. Vê-se nos olhos dele que é sincero em suas convicções e em suas palavras. Não estou aqui para desviá-lo do bom caminho, mas um brinde não vai fazer mal algum. Faço cara de cachorro sem dono. Não de cachorra, que fique claro!

— Está bem, está bem! — ele se rende.

Dou pulinhos infantis de alegria, abraço Cássio inesperadamente, rodopiando-o pela saleta, e estalo um beijo em sua bochecha. Acho que, se ele fosse branco, sua pele estaria vermelha, porque parece muito envergonhado, apesar de que ninguém pode nos ver aqui em seu cubículo.

— Você não vai se arrepender.

...

Cássio me enganou com um copo de batida de frutas não alcoólico, mas nosso brinde valeu. Estamos no pub há meia hora, e minha felicidade quer extravasar por todos os poros. A música sai pelos alto-falantes, e

meu corpo não resiste ao ritmo, remexendo-se na cadeira como se tivesse vontade própria.

— Sara, por favor.

— O que eu fiz?

Ele suspira ruidosamente, e eu ouço um alarme soar em minha mente. Seus olhos me prendem, negros, profundos, um pouco insanos.

— Para de se mexer desse jeito.

Não paro. Sorrio abertamente e finjo timidez.

— Deste jeito?

Continuo cantando e dançando sentada. Em forma de fenda, seu olhar ainda me vigia com uma intensidade assustadora, mas apenas me concentro na vaidade por ser desejada. Minha vontade é levantar, mas não seria apropriado.

— Preciso comprar um piano. Estou prometendo há um tempão e nunca faço — anuncio, recordando meus dons enterrados.

Seus lábios se repuxam em um sorriso irônico.

— Você sempre me surpreende — admite.

— Por quê?

Cássio pigarreja, desconfortável, mas decide continuar.

— Você é linda, sexy, boa profissional, aposto que dança superbem e ainda toca. Você não é só um rostinho bonito.

Ah, não mesmo! Sou muito mais, amor; corpo, cérebro e poder.

— Vou levar como um elogio.

— Talvez eu não tenha me expressado bem, desculpe. Eu não quis dizer que as mulheres bonitas não podem ser tudo isso e muito mais.

— Não se preocupe, Cássio. A maneira como as pessoas me veem não faz diferença pra mim. Só quero continuar a ser cem por cento eu mesma, sem me impor limites.

— É isso que mais me impressiona. Enquanto a maioria das pessoas se afeta com o que o outro está pensando, você nem ouve. Eu admiro. Você é

autêntica e faz tudo o que quer, não se perde em futilidade.

Sorrio de volta. Acho que não sei lidar bem com elogios tão efusivos. Cássio estende a mão por cima da mesa e pousa sobre a minha, que descansa ali, despreocupada. Seu polegar acaricia o dorso, e eu encaro o movimento, surpresa. Para quem era tímido há poucos instantes, ele está meio atrevido.

— Sara — Cássio faz uma pausa; parece indeciso. — Eu quero provar você.

Ah! Um gemido entala em minha garganta. Não posso viver tudo de novo.

— Não, Cássio. Por favor...

— Por que não? — Sua voz vacila, mas continua. — Você é livre, eu também. O que nos impede?

— Não estou aberta a relacionamentos.

Suas sobrancelhas erguem.

— E você não quer se divertir comigo? Sem compromisso, sem promessas.

Ele pouco sabe sobre minhas saídas, o bastante para fazer a última pergunta. Como fazê-lo entender? Estou acostumada a não me apegar aos caras com quem saio. Não quero vê-los no dia seguinte. Sei que fiquei com Caio, mas ambos estávamos cientes de que era só uma ficada, um momento de loucura, tesão simplesmente. Cássio é o tipo de homem para ser levado a sério.

— Porque nós trabalhamos juntos, e isso pode afetar o nosso desempenho. — É a melhor resposta que tenho para não ofendê-lo. — Acredite em mim: conheci o meu ex dentro de um escritório de advocacia, e sei do que estou falando.

Ele suspira, dá um tapinha amistoso em minha mão e um sorriso de derrota.

CUIDANDO DE MIM

ESTOU CERCADA. LUCAS, DE FRENTE PARA MIM, MOSTRA UM SORRISO SAFADO.

Penso imediatamente em chocolate, seu sabor derretendo em minha língua, causando frenesi antes mesmo de me tocar. Seu corpo nu transluz sob a penumbra do quarto.

Mordo o lábio inferior, desejando me aproximar e saboreá-lo. À minha esquerda, a pele pálida me chama a atenção. Sua estrutura larga e grande preenche meus olhos, deixando-os satisfeitos. Os cabelos loiros são levemente compridos, caindo sobre os olhos de forma misteriosa. Uma contração no baixo-ventre me toma quando vejo seu pênis ereto.

Um risinho à minha direita me faz virar a cabeça, e eu me deparo com um lindo e irresistível mestiço. Sua estatura é bem menor, os são músculos pequenos, porém marcados sob a pele parda. Os cabelos de um tom castanho-avermelhado estão arrepiados. Os olhos levemente puxados me prendem.

Parece a cena de um filme pornô de quinta, mas sinto tesão verdadeiro pelos três homens que me comem com os olhos. Os três tipos me atraem para uma armadilha de sedução. Sou admirada, nua e ativa diante deles. Sinto-me uma deusa do sexo, com servos ao meu dispor, ao meu prazer. Lucas, o único deles que conheço, dá um passo à frente, e a magia acontece.

Seis mãos me tocam, e eu me perco na sensação, que me envolve como uma névoa asfixiante. Aspiro e me intoxico. Três bocas deslizam pelo meu corpo. São tantos pontos, tantas erupções simultâneas, que fica difícil saber quem está fazendo o quê. O moreno chocolate, o Bis, invade

meus lábios com a língua, e o resto é resto. Fecho os olhos e me entrego.

Alguém toma minha mão e chupa meus dedos, um por um. Sua língua inflamada queima minha pele. Não sabia que algo tão comum poderia ser tão tentador. Às minhas costas, outro desliza partes de seu próprio corpo, arrepiando cada fio de cabelo que tenho. Nariz, lábios, dentes, dedos, tórax, pênis. Enquanto me beija com ferocidade, Lucas afaga meus seios e minha fenda, que mela.

Não consigo me mexer, paralisada de desejo e expectativa do que mais está por vir. Minha outra mão é tomada, e a mesma boca flamejante lambe o dorso, depois a palma, repetindo a tortura prazerosa com cada dedo. Uau! Lucas se afasta, e, antes que eu abra os olhos, uma venda os cobre. Sou carregada gentilmente até a cama. Sinto os lençóis suaves.

Meu gato moreno volta a me beijar; reconheço seu gosto na língua. Seus dedos estimulam meus mamilos. Agora meus pés são massageados, lambidos, e cada dedo recebe atenção especial. Quem será? Não posso ver, e a ansiedade pelo desconhecido faz meu coração bater forte. Minhas pernas são abertas, e uma língua queima meu centro.

Solto uma exclamação de surpresa e de tesão. É muita coisa para assimilar. Lucas para de me beijar e se dedica a meus seios, chupando, lambendo, deixando-os intumescidos e doloridos. Outra língua me invade quando entreabro os lábios, sufocando meu gemido. O beijo é quente, envolvente e profundo. Um dedo escorrega para dentro de mim, e eu contraio os músculos involuntariamente.

Sinto que posso morrer de tesão a qualquer instante. Porra! Isto é demais! Parece música: eles são notas harmônicas, cada qual tocando em seu momento, e o objetivo é me encantar, me seduzir e me proporcionar um prazer indescritível. Eu sou o instrumento no qual a música é reproduzida. A melodia cresce, me envolve e chega ao auge. É o refrão. Estou perto do ápice!

Então, muda o compasso, e nós voltamos à estrofe. A língua e o dedo em

minha fenda somem, minha boca é deixada, e meus seios, abandonados. O quê? Agora que eu ia gozar? Mas então o refrão volta, e eu percebo que é o fim da música. Uma nova boca me beija, meus mamilos são estimulados por outra língua, e aquela pegada... Conheço bem. Lucas me penetra fundo, de uma vez, extraíndo de mim um grito interno.

Abro os olhos e me vejo deitada em minha cama... Sozinha. Foi apenas um sonho erótico. Meu Deus! Três caras de uma vez seria desse jeito? Eu já havia imaginado com dois. Acho que meu inconsciente é mais perverso do que eu pensava. Rio sozinha, frustrada pela falta do orgasmo. Ainda estou excitada e preciso de um banho para me refrescar.

...

O calor e a umidade fazem cócegas em minha pele quando paro nua em frente à cômoda, o cabelo molhado formando gotas no piso. Gosto de me sentir livre, leve, fresca. A mente voa para os planos que em breve vão tornar estes momentos muito mais agradáveis. A expectativa pelo desconhecido, mas desejado, me excita.

Pego meu hidratante e despejo uma boa quantidade na palma da mão. O cheiro de baunilha invade meus pulmões, e eu adoro pensar que essa agora é minha marca. Ergo uma perna sobre a cama e começo a esparramar a loção viscosa a partir do tornozelo. O toque frio contra o corpo quente me causa um arrepio na espinha.

Esfrego as mãos até os joelhos, suavizando dores musculares em uma massagem prazerosa, até o creme ser absorvido. O atrito me esquenta, aumentando o contraste da temperatura. Aliso sem pressa a coxa, sentindo a pele lisa, firme e macia sob minhas mãos. Meu dedo escorrega pela virilha, e eu me encaro perplexa no espelho.

A mulher despida no reflexo é linda e exala sensualidade, ainda que isso impressione só a mim mesma. A pele brilha, a face tem as bochechas coradas, os cabelos ao natural lhe dão um ar sexy. Uau! Eu ferver,

adorando-me com minhas próprias mãos.

Recomeço pela outra perna, ciente de que apenas eu posso cuidar de mim mesma de forma profunda e satisfatória e que ser negligente comigo é um pecado que não posso atribuir a outra pessoa. Seria duplamente errado. Se eu quero ver a mulher no espelho feliz, preciso amá-la, mesmo com seus defeitos. Preciso tirar sempre um tempo para mim mesma.

A loção escorrega pela pele depilada, as veias azuis formam rios que se cruzam. Os contornos se avolumam conforme eu subo ao longo da perna. Os efeitos dos exercícios periódicos já são notáveis, e eu fico satisfeita que meu esforço esteja dando resultado. Os músculos estão firmes e bem torneados.

Deslizo a mão pela virilha, e desta vez eu a deixo seguir seu próprio trajeto. O indicador toca acidentalmente o clitóris e — nossa! — queima. Sinto-o intumescer imediatamente, como se pedisse mais. Ignoro o latejar insistente, apreciando as sensações que me provoco.

Abasteço-me da essência de baunilha que perfuma meu corpo e meu quarto, fazendo-me admirar o momento também através de outros sentidos. Aliso os braços, demorando-me em pontos não erógenos e antecipando a sensação de prazer que me darão.

Do pescoço, desço pelos seios, tomando-os nas palmas das mãos ferventes, que me arrancam um suspiro involuntário. Os mamilos respondem, endurecendo. Fecho os olhos e deixo o creme derreter sobre a pele. Cada toque se intensificando ao outro, reconhecendo quem sou.

Aliso-os em círculos, guiada pelo hidratante. Faço o contorno do corpo pela lateral até a cintura, sentindo as curvas acentuadas, elas que me fazem desejável, linda e mulher. Passam pela barriga, ao redor do umbigo. Do quadril, vão até o bumbum, desenhando sua forma. Aspiro fundo o ar impregnado de volúpia. Jogo a cabeça para trás e deixo os dedos testarem meu desejo.

O calor não me assusta desta vez quando me toco. Estou excitada,

misturando o perfume do creme com o cheiro inebriante de sexo. O clitóris pulsa contra os dedos que ousam provocá-lo. Preciso de mais, mais, mais... A pele úmida encontra a colcha da cama, e eu estremeço ao me entregar completamente à sedução. Venero-me, adoro-me, amo-me.

Estupidamente intenso, o orgasmo chega, me deixando sem chão, mas eu me sinto bem. Sorrio jogada, satisfeita e aliviada. Liberdade, seja bem-vinda! Sinto o coração batendo a um zilhão e olho fixamente para o teto branco. Não tem jeito melhor de começar um dia. Na verdade, tem. Ainda nua, pego o celular no criado-mudo.

— Valentina? Preciso de um produto de sex shop.

...

Experimentar é a palavra de ordem. Quero testar meus próprios limites e ultrapassar as barreiras, me desfazer de preconceitos e recomeçar do zero. Devidamente vestida, com maquiagem leve, unhas feitas e cabelo escovado, bato à porta de minha amiga sacoleira.

— Oi, doida! — Valentina me recepciona.

— Oi, Val! Conseguiu, flor?

— Sim, mas você tem certeza de que quer isso?

— Claro que tenho. Qual é o problema?

— Você não precisa disso, Sara. Já provou que pode ter qualquer homem que quiser.

— Mas o que eu vou fazer quando não tiver?

Deixo-a sem palavras. Ponto para mim. Por que ela tem que questionar meus motivos?

— Valentina, como você pode ter preconceito se vende esse tipo de... produto?

Ela se esquia, olhando para os lados como se quisesse ter certeza de que estamos sozinhas. A sala está vazia, e eu ouço sua filha brincando no quintal com o cachorro.

— Eu tenho um — confessa.

Caio na gargalhada. É claro que tem. Como fui boba de pensar que ela é antiquada.

— E aí? Me conta tudo, menina — incentivo.

— Você sabe, o Robson viaja bastante, então eu preciso de uma mãozinha nas noites solitárias. Mas o melhor mesmo, amiga, e você vai adorar isso, é usar junto com ele.

— Não me diga que vocês já brincaram juntos!

— É só deixar a imaginação guiar.

Nosso papo erótico não dura muito: somos interrompidas pela pequena Samanta e seu pet. Saio da casa de minha amiga com a certeza de que fiz uma ótima aquisição e que em breve haverá novas compras para fazer. Minha curiosidade não tem fim.

CONSTRUINDO SONHOS

A MANHÃ NO TRABALHO ESTÁ TRANQUILA QUANDO O CELULAR TOCA, ME ASSUSTANDO.

Reconheço o número, e meu coração acelera perigosamente. Que sejam boas notícias!

— Oi, Murilo, tudo bem?

— Oi, Sara. Tudo bem, e com você? Espero não estar atrapalhando.

— Estou ótima. Não se preocupe, eu posso falar agora. Tem novidades?

— Sim. Encontrei o lugar perfeito para você.

— Onde?

Murilo me passa o endereço, e mal posso esperar até a hora do almoço para ver com meus próprios olhos. Mais uma etapa de meus sonhos se concretizando. Tijolo por tijolo, estou reconstruindo minha vida. Não tem nada mais prazeroso do que realizar com as próprias mãos e com muita força de vontade. Só o sexo supera ou se iguala a esta sensação.

Percebo que a manhã voou quando Cássio vem me chamar para almoçarmos juntos. Desde sua tentativa de ficar comigo, ele está cheio de dedos, como se quisesse manter o clima leve, mas tem falhado terrivelmente. Não mudei em nada, mas ele está sem saber como agir, e isso é evidente.

— Desculpe, Cássio. Não posso ficar hoje. Tenho um compromisso.

Decidi não dividir a novidade com ninguém até ter certeza de que é realmente meu. Estou muito otimista! Murilo conhece minhas condições e esteve por algum tempo procurando sem nem me incomodar com propostas que não me agradariam. Achar um profissional como ele foi a melhor coisa que fiz desde que voltei para minha cidade natal.

Cássio sai sem graça do meu cubículo. Será que está pensando que o estou evitando de propósito? Bem, isso não importa agora. Pego minha bolsa e o celular, coloco um chiclete sem açúcar na boca e vou até o carro. Digito o endereço no GPS; ainda me confundo um pouco com as ruas da cidade, que cresceu desde que fui embora. Paro em frente a um condomínio com seis torres de apartamentos. Murilo vem me cumprimentar assim que coloco o pé na calçada.

— Sara! Estou muito animado com este. Tenho certeza de que você vai amar, e está dentro de todas as suas condições.

— Então me mostra logo. Estou ansiosa!

Enquanto passamos pelo portão com a chave reserva, Murilo não para de falar.

— É um dos últimos apartamentos vagos neste condomínio. Aqui tem área de lazer completa, academia e pista de corrida. Tem uma vaga na garagem, dois quartos e sacada. Está totalmente dentro de seu orçamento e pronto para morar.

Minha expectativa cresce. Subimos pelo elevador social até o décimo andar. Já gostei da altura. Está tudo novo no prédio, que foi decorado com bom gosto. O apartamento é aconchegante, pequeno, adequado para quem mora sozinho. Cozinha americana, sala com dois ambientes, dois quartos, um banheiro. Já estou imaginando minhas coisas espalhadas por aqui. A sacada fica de frente para a avenida de acesso, e já consigo me ver ali todo dia.

— É perfeito! — digo antes de saber o preço.

Murilo se anima e me explica os trâmites burocráticos. O valor está realmente dentro do que posso pagar, e eu não tenho dúvidas: encontrei o apartamento dos meus sonhos. Levo a papelada para analisar no escritório antes de assinar os cheques. Algo me diz que a procura acabou e que vou ter minha privacidade de volta. Não é ruim morar na casa da mãe, mas também não é bom.

Tenho trinta anos, um emprego e estou acostumada com minha independência. Voltar para a casa dos pais não é a coisa mais agradável, nem para mim nem para eles. Sei que minha mãe é contra. Ela é um pouco arcaica, acha que moça de família só sai de casa para morar com o marido, mas os tempos são outros. Se eu posso pagar, não tem por que não adquirir. E o melhor: vai ser a minha casa.

...

Não tenho muita coisa para levar para o apê novo. Cabe tudo no carro. Estou tão feliz! Hoje é o dia da mudança; na verdade, o dia em que as coisas chegam das lojas. Não comprei muitos móveis, até porque tive de dar uma entrada e financiar o restante. Adeus, bonificação e comissão! Mas tenho o estritamente necessário.

Cama de casal e guarda-roupa, fogão, geladeira, micro-ondas e armário de cozinha, máquina de lavar, ferro e tábua de passar, duas banquetas para o balcão que separa a cozinha da sala de jantar. O resto eu compro depois. Dá para viver assim por um tempo; o importante é estar aqui. Minha mãe ficou emburrada e me ofereceu a sala de estar completa, que eu recusei.

Se não puder me virar sozinha, que tipo de adulta eu sou? Sei de suas boas intenções, mas quero realizar meus sonhos conforme posso. Se ela me der, não vou ter conquistado. Ainda assim, aceitei umas coisas que ela insistiu em me dar. Utensílios de cozinha, objetos de decoração, toalhas e panos de prato. Mamãe tem muito bom gosto. Ficou tudo lindo!

Minhas amigas estão elétricas, e deixaram minúsculo o já pequeno apartamento. Bombom trouxe com ela as duas filhas, gatinhas da titia babona. Linda foi deixada pelo marido, que não podia ficar; ela está tão animada! Valentina e Samanta também vieram. E Dayana conseguiu uma brecha em sua função de babá. Até meus irmãos estão aqui: Sérgio, Simone e seus respectivos companheiros.

A risada das crianças brincando na sacada é música para mim. Meus sobrinhos se enturmaram rápido com as filhas de minhas amigas. São os únicos meninos, e eu os amo demais. Meu pai está supervisionando a montagem do meu quarto. Está pegando no pé dos montadores de móveis. Coitados! Não consigo parar de sorrir.

Está tudo de pernas para o ar, mas não podia ser mais perfeito. Família, amigos, todo mundo junto, me apoiando nesta nova fase. O namorado da minha irmã sugere um churrasco, e não é que ele tinha uma grelha no porta-malas do carro estacionado lá na rua? A mudança se transforma em uma festa.

Dona Meire tem que se mostrar útil, então vai cozinhar o arroz; Simone tempera o vinagrete. Sentamos no chão mesmo para comer. Dou graças a Deus pela falta de televisão, assim podemos conversar à vontade. Coloco minha setlist preferida para tocar no notebook, mas a bagunça sobrepõe o som agradável. O dia não tem hora para acabar.

— Tia — meu sobrinho mais velho vem falar comigo —, a gente pode nadar na piscina?

— Claro, Pietro. Mas você tem que falar com seu pai antes.

— Pai, a tia Sara deixou! — grita.

Meu irmão olha para mim furioso e eu dou de ombros. São só crianças, deixe que se divirtam. A mudança nos planos divide os visitantes. Minha família desce para aproveitar a área de lazer, então descubro que todos vieram preparados para usar minha piscina. Família... Minhas amigas ficam comigo. Despeço-me dos montadores. Meu quarto está pronto! Nós cinco nos jogamos sobre a cama queen, que fica pequena.

— Uau, Sarita! Ficou demais! — Dayana exclama, maravilhada.

Tenho para mim que ela adoraria esse tipo de independência. Eu a compreendo.

— Estou tão feliz, meninas. Minha bochecha vai começar a doer já de tanto que estou rindo.

— Deu pra notar! — Valentina está rindo também. — É contagiante, amiga.

— Você deu a volta por cima de um jeito maravilhoso, Sara — acrescenta Bombom. — Estou muito orgulhosa!

— Está vivendo, não se entregou à mágoa e ao rancor — Linda completa.

Elas sabem de tudo por que passei nos últimos meses e reconhecem o que estas paredes brancas significam para mim. Mas não existe nada neste mundo que me tire mais o chão do que essas garotas empoleiradas na minha cama. Estas amigas, tão diferentes de mim e entre si, que tiveram um papel crucial para que eu pudesse me reerguer.

— Nada disto teria importância se eu não tivesse vocês aqui, agora, comemorando comigo e me ajudando a permanecer sempre de pé. Eu amo vocês, suas lindas.

Elas fazem montinho em mim, e eu me sinto de novo uma adolescente.

— Tudo bem, garotas. Não precisam me sufocar — reclamo, rindo muito.

— A gente sempre soube que, por baixo desta mulher durona que você faz questão de mostrar o tempo todo, ainda existe a Sara sentimental que nós conhecemos há tanto tempo — afirma Val, com uma certeza que me abala.

— Valentina, eu...

— Nem adianta rebater, dona Sara — intromete-se Day. — Nós conhecemos você, e amar não é errado.

— Amar quem merece não é mesmo — não consigo ficar quieta.

— Não, Sara. Só amar, não importa a quem — fala Linda.

Elas querem mexer comigo, estas malucas.

— Tudo bem, gatinhas. Nem discuto.

— Você não tem mesmo que discutir, só aceitar que não pode se fechar para o amor desse jeito — arremata Bombom.

Pronto, a terapia começa. Meus olhos estão ardendo. As lágrimas

querem banhar minha face.

— Por favor, meninas. Agora não.

— Que horas então, Sara? — Val se altera. — Quando você estiver triste e amargurada e for tarde demais para abrir os olhos?

— Você é nova, amiga — acrescenta Dayana. — Ainda pode realizar muitas coisas. Todos os seus sonhos.

— É sério, meninas. Não preciso de homem pra completar uma vida que está perfeita.

— Papo furado! — retruca Linda. — Então por que você sai todo fim de semana com um cara diferente?

— Porque eu tenho necessidades físicas.

— Não aja como se fosse uma mulher fria — Bombom bate o pé.

— Você não é!

— Sério que vocês pretendem me levar a crer que casamento é essencial? Então por que eu não sinto falta de ter alguém para dividir minhas conquistas, por exemplo?

— Porque você ainda está machucada — assegura Valentina.

— Não estou!

— Está sim. Já esqueceu do encontro com o Luis no estádio? — lembra Day.

Bufo. Não tenho resposta para isso.

— Amiga, só pense com carinho — aconselha Linda.

— Nenhum relacionamento é igual a outro, e você amadureceu e aprendeu algumas coisas que vão fazer toda a diferença — Bombom completa.

— Eu não estou pronta pra me abrir ainda, amigas. Eu não posso!

E não quero! Penso em gritar, frustrada, mas respeito a opinião delas. Esquivo-me indo até a cozinha para buscar copos e uma garrafa de vinho que estava gelando.

— Um brinde a uma vida nova e feliz!

O tilintar dos copos repara minha alma machucada.

EXPERIMENTANDO ALGO DIFERENTE

MINHA ROTINA NÃO MUDOU NADA COM O NOVO APARTAMENTO.

Só tenho sossego e paz quando chego em casa. Quer dizer, passei a ser visitada sempre. Os parentes querem aproveitar as mordomias do condomínio onde moro, mas eu não reclamo. Eles me aguentaram a vida toda e depois que me separei. Nada mais justo do que recebê-los.

No trabalho, os colegas estão doidinhos por um happy hour no meu apê, mas, como não tenho sala ainda, não botei pilha nem disse que não faria. Só respondi: vamos combinar sim. Nove homens enfiados naquele espaço minúsculo vai ser no mínimo interessante. Será que Henrique vai também? Seriam dez. Hum...

Minha mente divaga em possibilidades malucas. Na semana passada e no fim de semana não saí com ninguém. Com a mudança e os parentes se aproveitando de meus benefícios e tranquilidade, não deu para marcar com nenhum peguete. Acho que estou sentindo falta de sexo. O jeito é me acabar na academia depois do expediente.

Quando subo na esteira, Caio me nota, e eu começo a correr feito louca, a adrenalina pulsando em minha veia. Como um tigre se preparando para abocanhar a presa, ele vem. Seus passos são medidos, mas seguem em minha direção. É tão sensual que quase perco o ritmo na esteira. Só de olhar, me vem à mente a lembrança daquele dia no chuveiro. Delícia!

Meu sangue ferve, e eu sinto outras partes de meu corpo responderem ao pensamento lascivo. Nunca pensei que pudesse ficar tão mexida com sexo, puro sexo, sem o tal do amor envolvido. Meu corpo tem reagido tão naturalmente que para mim já é fácil e cotidiano. Estranho seria se eu

fosse uma pedra de gelo, como muitas mulheres por aí.

— Oi, Sara.

Impressão minha ou seu jeito mudou ao falar comigo? Um risinho safado repuxa o canto de sua boca, e eu me lembro de seu sabor. Hum... Estou precisando de uma reprise. Não seria nada mau: ele é gostoso e tem pegada... Preciso me concentrar em uma conversa normal! Por favor!

— Oi, Caio. Como foi o seu fim de semana?

Minha voz também soa grave e cheia de promessas proibidas. Vai ser difícil agir naturalmente depois do sexo selvagem no vestiário da academia.

— Foi cansativo. Lembra da corrida que te falei? Foi no sábado.

— Ah, é. Tinha esquecido. E como foi?

— Nós vencemos com um competidor.

— Parabéns! Você é um bom técnico — começo a ofegar.

— E você?

— Eu me mudei para o meu apartamento. Também tive bastante trabalho!

— Poxa, que legal! Parabéns pela conquista! Estamos os dois bem, não é?

Eu só consigo balançar a cabeça. Minha corrida corta nosso bate-papo.

— Não vou mais atrapalhar seu treino. Precisando, é só me chamar. — E pisca para mim.

Ai, meu coração! Não pode vacilar agora. Vai, Sara, inspira, expira. Na saída do vestiário, mais tarde, me deparo com ele em frente à porta, me esperando, os olhos faiscando. As memórias me assaltam, e seu hálito alcança minha pele, me queimando quando se inclina sobre mim.

— Quando é que eu vou conhecer seu apartamento? — ele sussurra. Praticamente leio seus lábios.

Ok, hora de morrer! Ele quer uma reprise!

— Quando você quiser. — Sorrio abertamente.

A eletricidade zune entre nós, e eu me sinto tola, frágil, presa a seu olhar cheio de significado. Ele se inclina, a mão apoiada contra a parede, seu perfume invadindo meu espaço, me envolvendo e inebriando. É tão másculo que dá um nó no meu baixo-ventre. Estou mesmo precisando de sexo. Levá-lo para minha casa agora seria ousado demais?

— Vou cobrar — seu hálito me deixa zozza.

— Já está convidado.

— Eu sei onde conseguir seu endereço e seu telefone. Eu te aviso.

Uau! Esse gostoso ainda me quer. Que pena que não pode ser hoje. Poxa, acho que falhei terrivelmente em seduzi-lo. Na verdade, não tentei. Apenas fiquei abalada com sua aproximação. Que burra. Vou para o carro com as pernas bambas e pulsando de desejo. Frustração define!

...

O banho frio não aplacou minha vontade. Posso ligar para alguém, mas não consigo pensar em ninguém que esteja livre no meio da semana. Nestas horas faz falta um relacionamento sério, porque eu teria para quem telefonar e com quem ficar. Afasto o pensamento e ligo o notebook. As redes sociais me esperam.

Tem um pedido de amizade no Facebook, e, quando acesso o perfil, quase caio de costas. É um amigo de infância; estudamos juntos desde a primeira série até o ginásio em uma escola particular. Está bonitão! Olho as fotos e vejo imagens dele em monumentos históricos de outros países. Hum... Interessante. Mal aceito e ele me chama no chat.

Gabriel Oliveira

E aí, blz?

Sara Mello

Td bem e c/vc?

Gabriel Oliveira

Td blz. E aí, novidades? Fiquei sabendo que está de volta à cidade

Sara Mello

Voltei. Muita coisa aconteceu!

Gabriel Oliveira

Kkkkk é verdade. Mas me conta, o que está fazendo de bom?

Sara Mello

Trabalhando e aproveitando um pouco a vida

Gabriel Oliveira

Ah eh? Você é casada?

Sara Mello

Era, mas me divorciei. E vc?

Gabriel Oliveira

Ainda não arranjei nenhuma doida que quisesse casar comigo

kkkkkk

Sara Mello

Está difícil mesmo! rsrsrs

Gabriel Oliveira

Quanto tempo faz?

Sara Mello

Uns seis meses.

Gabriel Oliveira

Ah, é recente. Mas aposto que já está namorando

Sara Mello

Nem pensar, estou curtindo minha solteirice hehehehehe

Gabriel Oliveira

Hummmm tem saído bastante?

Sara Mello

Tenho sim

Gabriel Oliveira

Posso te convidar para um cinema um dia desses?

Sara Mello

Claro, faz tempo que não vou ao cinema

Gabriel Oliveira

Que tipo de programas costuma fazer?

Sara Mello

Vou muito a barzinhos

Gabriel Oliveira

Ah está pegando bastante então rsrs

Sara Mello

Como disse antes, estou me divertindo rsrs

Gabriel Oliveira

Me passa seu celular. Pode ligar a cam?

Sara Mello

Claro 9999-9999 e conectando...

Não sei bem o que estou fazendo, mas me deixo levar. Vamos ver como ele está. Demora alguns segundos para conectar, mas, quando sua imagem surge, eu perco a respiração. É um loiro gato, sarado, o peito nu cheio de gomos para eu devorar, olhos verdes, pele bronzeada. Um tesão.

— Você está muito bem. Não tem muitas fotos no seu face — ele elogia, sorrindo.

— Obrigada. Não tenho muitas fotos boas pra colocar aqui. E você não está nada mal.

Excluí todas as fotos daquele passado que só quero esquecer. Ele sorri.

— Entrei pra era fitness. Aqui no litoral, é quase uma exigência fazer exercício no calçadão.

— Ah, você não está mais morando aqui.

Putz, a vida pode ser injusta.

— Não, eu mudei na mesma época que você. Volto uma vez por mês pra ver a família, mais ou menos.

— Ah, por isso o nosso desencontro — sorrio.

— Você está morando com seus pais?

— Não, acabei de me mudar pra um apartamento. Nova aquisição. Ainda estou comemorando.

— Parabéns! Espero conhecer.

— Vamos fazer um tour rapidinho — sugiro.

Pego o notebook e o levo pelos cômodos, apresentando-os. Deixo meu quarto por último.

— Uau, que cama enorme para uma solteira.

— Solteira, sim; sozinha, nunca. — Sento-me no colchão.

Um sorriso malicioso puxa um lado de sua boca.

— Eu acredito nisso. Você está bem gostosa.

Direto! Gosto de caras assim.

— Obrigada! Também acabei ficando fitness.

— Garota malhada... Hum, essa eu quero ver de perto.

— Não está perto o suficiente para você? — começo a provocar.

— Não. Tem uma tela entre nós e alguns quilômetros também.

Sento no centro da cama, apoiando-me nos travesseiros, e puxo o notebook entre minhas pernas. Posso ver bastante de mim mesma na tela do chat.

— Assim melhorou? — pergunto.

— Só um pouquinho.

Desço a alça do baby-doll e espio. Gabriel se aproxima da tela, ansioso pelos meus movimentos. Repito o gesto com o outro ombro. Se eu soltar o tecido, ele vai escorregar até a cintura. Olho bem para ele e sorrio, deixando o incidente acontecer. Seus olhos se arregalam diante de minha nudez.

— Você é linda!

— Eu não podia deixar só você me mostrar alguma coisa.

— Hum... Você gostou do que viu, então.

— Demais — sussurro.

— Eu gostei tanto do que você está fazendo que veja só como eu fiquei.

Ele vira a câmera para baixo e está completamente nu, deitado em sua cama, o pênis ereto.

— Você tem o hábito de ficar pelado em casa? — questiono, rindo.

— Essa é uma vantagem de morar sozinho.

— Ainda bem que está calor.

— Aqui é difícil fazer frio.

Ele começa a se tocar, sem aviso, e eu fico vidrada no vídeo. É excitante ver alguém sentindo prazer, se estimulando. Sinto-me pulsar, e o desejo de imitá-lo cresce. Estou tão frustrada sexualmente que aquilo é melhor do que nada. Só por hoje.

— Deixa eu ver como você se dá prazer, gata.

Mordo o lábio e continuo assistindo. Nós dois estamos na tela, nus, excitados, e não há mais volta para o que comecei a fazer. Tomo meus seios nas palmas quentes e acaricio meus próprios mamilos. Eles se eriçam. É sexy fazer e ver ao mesmo tempo. Deixo uma mão escorregar para dentro do short e... nossa! Estou sensível.

— Como você está? — ele me pergunta.

— Molhadinha.

— Goza comigo, gata. Estou me imaginando transando com você. Gostosa, vou chupar esses seus peitos deliciosos e você todinha até gozar na minha língua.

— Ah — gemo, enquanto meus dedos escorregam cada vez mais rápido.

Fica impossível acompanhar quando me entrego a minha própria excitação. Ele percebe e se apressa para alcançarmos juntos o orgasmo. Quando ele chega, ouvimos a exclamação de prazer um do outro, ainda que não estejamos no mesmo quarto. Uau! Tem intensidade ver sem ser tocada.

— Isso foi... diferente! — suspiro.

— Seria muito melhor se eu estivesse aí para nós transarmos a noite toda. Quero te fazer gozar muito.

— Quando vier pra cá, me liga.

— Já estou ansioso pelo nosso encontro, gostosa.

É uma sensação meio vazia — falta o preenchimento, o toque, o beijo —, mas é uma experiência nova, por isso não pude me negar a ela. Nem me lembro de tirar meu brinquedinho do criado-mudo, mas, como ainda estou insatisfeita, ele vai servir.

SENDO PERSEGUIDA

FINALMENTE CONSEGUI SAIR COM MINHAS
AMIGAS DURANTE A SEMANA! MILAGRE!

Hoje é quinta, para mim é quando começa o fim de semana, e estamos em um barzinho que eu adoro e frequento sempre. Bombom e Linda estão um arraso com roupa de balada. Eu estava com saudades de quando éramos adolescentes e isso era cotidiano, agora tão raro. Não está certo, mas pelo menos elas dividem o tempo comigo.

Estamos sentadas a uma mesa em frente ao bar lotado. O corredor está vazio, muito diferente do que estou acostumada a enfrentar após as dez da noite. Tivemos que vir mais cedo, mas não faz mal. O importante é que estamos aqui, juntas. Uma banda toca rock clássico no palco secundário. No principal, para meu deleite, vai tocar Bon Jovi — cover, claro.

As amigas que me perdoem, mas vou esticar a balada até a madrugada. Não perco esse show por nada no mundo. Elas me salvaram. Eu estava entediada em casa hoje.

— Estou feliz por vocês terem vindo comigo, suas lindas — exclamo, contente.

— Somos suas amigas. Você sabe que pode contar com a gente sempre.
— Bombom pisca.

— É, Sara. Não tem por que se sentir sozinha.

Estreito os olhos, estranhando suas palavras.

— Sozinha? Do que você está falando, Linda?

As duas se entreolham, e eu fecho a cara, pronta para dar uma bronca.

— Podem desembuchar de uma vez!

Elas engolem seco, mas é Bombom quem tenta salvar a noite. As duas

são tão diferentes! Bombom é uma mulata de fechar o trânsito, do tipo tanajura, lábios carnudos, um avião. Linda, por sua vez, é magra e delicada, esguia e comedida.

— Sara, você sabe que a gente se preocupa, né?

— Sim, mas o que vocês querem dizer, afinal? Não estou entendendo.

— A gente estava com medo de você ter uma recaída — dispara Linda.

— Recaída? Como assim?

Estou a ponto de começar a brigar para valer. O que essas duas doidas estão pensando?

— Calma, Sara — Linda diz.

— Não precisa fazer tempestade em copo d'água também. Você sabe que amor dá direito a proteção.

— Mas proteção de quê, santo Deus? Vocês não acham que eu vou querer voltar com o Luis, né? Porque, se for isso, eu juro que...

— Não! — as duas gritam juntas, me assustando.

— A gente teve medo de você se sentir sozinha e cair em depressão novamente — solta Bombom, na lata.

Caramba! Paro de boca aberta, irritada, mas sem saber o que dizer para minhas amigas malucas que me amam demais.

— Aquilo nunca mais vai acontecer — respondo, ainda taciturna, porém menos nervosa.

— Nós acreditamos em você — me conforta Linda. Depois sussurra para Bombom, mas eu ouço. — Eu disse que você estava exagerando.

— Ah, tá bom! — grita a outra amiga. — Querem saber a verdade? Eu queria ter uma noitada de solteira de novo com as minhas amigas lindas que eu amo tanto. Sem filhas e sem marido. Eu posso?

Caímos na gargalhada e nos abraçamos.

— Um brinde! — grito, me soltando delas.

Cada uma pega seu copo. Hoje é dia de provar todas as batidas.

— Às melhores amigas do mundo!

A noite não podia estar melhor. Que loucura boa! Paqueramos bastante. Elas são comprometidas, mas não são cegas! E eu as respeito e não as deixo para ficar com ninguém. É a noite das amigas! Mais tarde, quando ficar sozinha, vai ser outra história. Agora estou aproveitando cada segundo com elas. Um garçom se aproxima com um bilhete e uma garrafa de champanhe.

— Sara?

— Sim? — Como ele sabe meu nome?

— Aquele rapaz mandou este presente.

Olho para a mesa que o garçom apontou e demoro uns segundos para reconhecer. Meu Deus do céu! Ele está tão... diferente! Mas continua lindo de morrer. Acho que, mesmo sujo e maltrapilho, ainda seria um deus grego. Ele ergue o copo em minha direção em um cumprimento, como naquela noite. Nunca trocamos telefone, mas como fui relapsa!

— Sara?

— Sim, claro! Repasse a ele meu agradecimento, por gentileza.

Quando o garçom sai, minhas amigas estão histéricas.

— Quem é o gato? — sussurra Linda.

— Não me diga que você pegou aquele deus! — Bombom quase berra.
Meu Deus, elas vão ter um treco.

— É o Rodrigo, o cara daquele dia, no banheiro.

— Na academia? — espanta-se a mulata.

— Não, aqui no bar, durante o show do Aerosmith — reviro os olhos.

— Ah!!! — suspira Linda.

— Puta que pariu, Sara! Sua sortuda! — Bombom não tem jeito.

Volto a encará-lo, e ele parece inquieto. Não para de me olhar. Está sozinho em um canto, mas sua posição é estratégica e dá visão privilegiada de minha mesa. Fico hipnotizada, como na primeira vez que o vi. Como pode existir alguém tão bonito? E como pude esquecê-lo nestes meses todos? Estou mesmo me tornando fria?

Leio o bilhete, e a canção “Dream On” me embala novamente. Ele também ouviu. *Dance comigo, cante pelos anos, cante pelo riso e também pelas lágrimas, cante comigo mesmo que só por hoje, pode ser que amanhã o bom Senhor o leve. Sonhe, sonhe, sonhe, sonhe até que se realize.* E ele assina como Aerosmith em uma letra caprichada.

Bombom serve o champanhe nas taças, se esbaldando, e propõe um brinde a Rodrigo. Tilintamos os cristais juntas e olhamos para ele sorrindo. De lá, ele sorri, tímido. Por que não se aproxima? Será que é porque eu não estou sozinha? Ele parece ansioso. Seu jeito largado é tão distante da lembrança que tenho dele. Barba por fazer, bermuda, sandália, camiseta e o cabelo bagunçado.

Não evito um suspiro. Rodrigo continua sexy, o que acende a vontade em mim. Será que vamos ter reprise hoje? Meu baixo-ventre se contrai em expectativa. Não seria nada, nada mau. Eu podia estrear minha cama queen. Não vejo a hora! Para que serve morar sozinha se até hoje não levei ninguém para o apê? A banda continua tocando corajosamente, apesar de ninguém prestar atenção.

Ouçó as batidas vibrarem no meu peito. Meu coração pulsa forte, ciente do olhar ininterrupto daquele homem irresistível do outro lado do bar. Estou ficando paranoica e lisonjeada, com tesão e medo ao mesmo tempo. Mordo o lábio, tentando controlar as emoções que me confundem.

Levanto-me para ir ao banheiro com o coração disparado. O déjà vu parece dar corda em minha pulsação. Lanço um olhar vago na direção dele, que está cem por cento atento a meus movimentos. Seria constrangedor se eu não estivesse tão excitada. Mas, antes de chegar à porta, sou barrada por uma muralha de músculos e testosterona. Meu ar falta. Seu perfume me atinge e asfixia.

— Sara... — Sua voz me causa vertigem, não consigo pensar direito, mas sei que tem algo diferente.

Desespero... Seus olhos estão vidrados em mim de um jeito... Insano.

— Rodrigo? — balbucio, trêmula.

Seu corpo me prensa contra a parede mais próxima. A música para. O chão some. Sua boca na minha causa reações pelo meu corpo. Arrepio, suor, desejo. Ele me solta de repente, pega minha mão e me puxa pelo corredor, que começa a lotar.

— O que você está fazendo? — pergunto, gritando.

Ele para e se volta para mim de um jeito meio animalesco. As pessoas têm que desviar de nós para seguir adiante, mas nem me importo. Seus olhos invadem os meus de um jeito que me faz prisioneira. Preciso voltar a ter controle sobre meu raciocínio. Assim não vai rolar uma conversa; vai ser como naquele dia.

— Eu... preciso de você! — Ele vacila, mas dispara a verdade em seguida, me assombrando. Suas mãos voam para meu rosto, acariciando minhas bochechas. Ele chega tão perto que seus lábios quase tocam os meus quando fala. — Passei os últimos meses te procurando. Fui um idiota em não ter pegado o seu telefone... Tudo seria mais simples.

— O que aconteceu com você? Está... diferente. — Não consigo achar uma definição melhor, mais adequada ou menos ofensiva.

Seus olhos se fecham momentaneamente e ele suspira, o hálito em minha face, quente.

— Não fui mais o mesmo depois daquela noite. Minha namorada me deixou quando eu admiti que não queria mais... que não conseguia... — Seus olhos se arregalam como se ele fosse um louco, o maluco que eu estava com medo de encarar e não queria admitir. — Não sei o que você fez comigo, Sara, mas eu virei um brocha!

— Você o quê? — me assusto.

A suavidade volta a seu rosto.

— Eu não consegui mais transar com ela. Só pensava em você e no quanto foi mágico. — Mas se transforma outra vez no homem instável

que vi há pouco. — Não sei que droga, feitiço ou veneno você me deu, mas estou totalmente viciado em você! Preciso da sua ajuda. O meu corpo está implorando pelo seu. — E sorri feito um bobo.

Ah, então eu entendo.

— Você quer dizer que ficou excitado comigo?

— Estou excitado desde a hora em que te avistei naquela mesa. É você que o meu corpo pede, Sara. Nenhuma outra vai servir.

— Não, Rodrigo — baixo a cabeça, desolada.

— Mas você também me quer! Eu senti! — ele se exalta.

Franzo o cenho, mas conservo o tom tranquilizador.

— Você não precisa de mim, só acha que sim.

Terapia intensiva.

— Você está questionando meus sentimentos? Estou louco por você!

— O que nós tivemos foi novo, bom e intenso, sim, mas você não pode desistir da sua vida por minha causa. É loucura, Rodrigo.

— Mas...

Acaricio seu rosto, e ele se cala.

— Não quero que você me esqueça. Você foi especial pra mim e ainda é. Gosto de pessoas que me provocam grandes emoções e adoro lembrar o momento intenso que nós dividimos. Mas você não pode se permitir essa dependência. Isso é uma coisa que você colocou na cabeça e que acabou atrapalhando a sua vida e o seu relacionamento. Sinto muito. Eu não queria estragar tudo.

Tento me esquivar, mas ele me segura pelo pulso com firmeza.

— Não, Sara! Você não entende! Você despertou em mim uma fome, me fez ver que a minha vida estava sem graça, vazia, sem sal. Você é a minha musa, a minha inspiração. A sua entrega aquele dia foi tão libertadora! Pra mim! Você soltou as correntes que me amarravam a uma vida que eu não queria mais viver, mas eu não conhecia outra vida. Agora você tem em mim um admirador eterno. Você não é uma mulher vazia. Eu posso

ver nos seus olhos e nas palavras que você me disse agora. Você tem algo mais, e é isso que te torna tão interessante.

Meu queixo cai. Ele está falando de mim? Não pode ser!

— Rodrigo, eu não posso... me envolver mais.

Ele fica parado, como se tentasse entender ou acreditar no que eu disse.

— Você é maravilhoso. Claro que eu morro de vontade de ficar com você outra vez... A culpa não é sua! Eu que estou em uma fase meio complicada da minha vida e não quero me relacionar com ninguém agora. Eu sei pelo que você está passando. Eu acabei de me salvar de um barco furado também.

Suas sobranceiras se erguem, surpresas.

— Eu entendo. — Beija minhas mãos demoradamente, em uma atitude de adoração. — Eu nunca vou te esquecer e espero que nesta nova vida eu possa te encontrar novamente, em algum momento.

— Eu também espero, muito... acredite — sussurro.

Seus lábios não resistem aos meus, e ele me beija, uma despedida mais doce do que a primeira. Não trocamos telefones. Vamos deixar o destino fazer o papel dele. Quando volto à mesa, minhas amigas estão em crise. Acompanho as costas largas de Rodrigo, que sai do bar de cabeça erguida.

— O que ele queria, Sara? — pergunta Linda.

— Nós vimos vocês dois juntos e... uau!!! — brinca Bombom.

Ele some atrás da porta, e um aperto em meu peito me diz que foi a última vez que o vi. Suspiro e respondo, sem olhar para elas.

— Recomeçar.

ESBARRANDO NA VIDA

BOMBOM GRITOU COMIGO O RESTO DO TEMPO
EM QUE FICAMOS NO BAR, MAS NÃO DEIXEI
AQUILO ME ABALAR.

Ela não se conforma por eu ter dispensado o “tremendo gato”. Será que ela não consegue ver que não seria uma relação saudável? Estou amadurecendo emocionalmente, e ele precisa passar por esse processo também. Seríamos um perfeito desastre juntos, e não estou a fim de me machucar outra vez.

Tá, tudo bem. Talvez esteja pensando demais, mas que se dane! Essa é minha decisão, vou ter que conviver com ela — e a Bombom também. Já prevejo uma semana turbulenta. Ela vai me ligar todo dia para me dizer que fui uma estúpida. Eu a amo, mas ela sabe ser um porre às vezes. Viro o último gole da batida de uma vez para espantar esses pensamentos. Foi Linda quem me salvou, levando a louca descontrolada embora.

— Sara? — alguém grita meu nome acima das vozes no bar.

Quando me viro, dou de cara com um colega de trabalho das antigas. Não lembrava que era tão gostoso naquela época. Quando mais jovem, ele era até um pouco raquítico, apesar de alto. Agora está forte, braços e pernas grossos. Uau! Sua cor me incendeia. Acho que tenho uma quedona por negros.

— Rafael?

Ele se aproxima e me toma nos braços, onde me perco em minha pequenez. Que homem grande! Gosto ainda mais por sentir sob meus dedos parte de seus músculos salientes. O cheiro de Halls me envolve, e

meu paladar pede para provar de sua boca doce. Antecipo a sensação de esquentar e resfriar que a bala proporciona. Hum... até chupar bala é erótico para mim? Aonde fui parar?

— Aceita? — ele me oferece, como se pudesse ler meus pensamentos.

— Claro, obrigada! — agradeço e pego o drops de sua mão.

Seu olhar é intenso e analítico sobre mim. No que está pensando?

— Não lembrava que você era fã do Bon Jovi — provoco.

A bala e a menta se misturam em minha boca, e rir proporciona uma sensação de frio na língua. Meu sorriso é enorme, no clima da brincadeira.

— Ah, não mesmo. Mas eu sou fã da cerveja daqui.

— Você e a cidade toda! — gargalho.

— Também curte?

— Na verdade, eu prefiro bebidas adocicadas.

— Hum... Você não gosta de contraste? Doce e amargo, gelado e quente, preto e branco?

Um frio percorre minha coluna, ao mesmo tempo em que sinto queimar dentro de mim.

— Você recomenda? — rebato. — Vale a pena experimentar?

Ele se inclina, e seu hálito sopra frescor no meu ouvido.

— Não se for com qualquer um.

— E quem não seria qualquer um? Você?

Ele ri, os ombros grandes se movendo para cima e para baixo em um ritmo contagiante. Conversamos um pouco sobre nossas carreiras, sem tocar no assunto passado. Fico feliz que ele tenha ficado lá atrás, esquecido em um momento que não volta mais. Estou bem com o presente que me é dado todos os dias. Ouço o inconfundível acorde de “It’s My Life” e me esqueço do papo.

— Quer ver o show? — ele pergunta, sob as batidas da música.

Sinto vontade de chutar o ar como uma roqueira.

— Eu gostaria. Na verdade, eu vou lá.

— Tudo bem se eu te acompanhar?

Concordo, e ele me segue enquanto abro passagem pelo mar de gente com certa dificuldade. Todo o bar parece infestar a pista diante do palco principal. Eu adoro esta música; ela me inspira nesta nova fase. Paro o mais perto do palco que consigo, imaginando John cantando para mim. Fisicamente, o cover não tem nada dele, mas sabe imitar bem a sua voz. Rafael pousa as duas mãos grandes sobre meus ombros e sussurra em meu ouvido.

— Não é bem como estar num show do Bon Jovi.

Nem tento responder. Só chacoalho a cabeça, concordando. Enquanto canto junto e tento me mexer no espaço mínimo, seus dedos começam uma deliciosa massagem, capaz de amolecer todos os meus ossos. Mãos mágicas! Eu nem sabia que estava precisando de algo assim até ele me tocar desse jeito. Todos os pelos do meu corpo se arrepiam.

Estou tão conectada com suas carícias que a música apenas vibra dentro de mim, sem sentido. Fecho os olhos quando, quentes, suas mãos escorregam de meus ombros, causando pequenos atritos estáticos ao longo de meus braços. Ele fecha as palmas em meu quadril, seu rosto roçando meu cabelo, e sei que já estou perdida.

— Você está arrepiada de frio?

Sorrio com a provocação. Ele está ligado em minhas reações. Apenas me viro de perfil, sorrindo, e volto minha atenção ao palco. Acredito que ele levou meu silêncio como um pedido para continuar, já que seus dedos erguem o tecido fino de minha blusa e aquecem minha pele, longe dos olhos desatentos ao nosso redor. Contraio o abdômen instintivamente, pega de surpresa pela mão enorme.

De repente, seu corpo cola no meu, e eu estou cercada pelo seu calor. Enfia o rosto em meu pescoço, beijando a curva com seu hálito gelado, e adoça minha pele com Halls. Ao mesmo tempo, continua as carícias, seu

polegar roçando de leve no aro do sutiã, causando uma perturbação maior do que se tivesse de fato tocado meus mamilos. Meu Deus do céu. Isso está consumindo minhas últimas resistências.

Mas, antes que eu aja, Rafael se antecipa, me gira pelos ombros e nós ficamos frente a frente. Debruça-se para me beijar enquanto acaricio seu peitoral, escorrendo os dedos até seu pescoço e os infiltrando em seus cabelos. Suas mãos enormes tomam minhas costas por baixo da blusa. Sua língua, em contato com a minha, causa uma explosão. Eu queimo, mas o vapor congela em sua boca, e a experiência surreal me traga.

A bala passa para mim, derretendo em minha saliva flamejante. Seu sabor toma conta, disputando espaço com a língua dele. O drops volta para sua origem, em um roubo despretensioso. Não paramos para respirar, nem quando os corpos a nosso redor pulam e dançam, nos soterrando, ou quando sobra apenas o rastro da menta. O show acaba, mas a sensação, não. Acho que nunca beijei tanto na vida.

— Aceita uma carona pra casa? — sussurra, ofegante e rouco.

Sorrio, os olhos ainda fechados, tentando recuperar o fôlego.

— Como nos velhos tempos? — pergunto.

— Sim.

Sua resposta monossilábica é a promessa de que vamos ter uma noite inesquecível. Sua mão toma completamente a minha e me guia para fora do bar. Não estou prestando atenção quando paga a conta, nem quando passamos direto pelo meu carro. Estou concentrada em seu calor, que cresce como uma onda gigantesca contra mim. Sob o sereno da madrugada, minha pele arrepia quando o choque térmico me atinge.

Dentro do carro, o calor se torna claustrofóbico. Com outro Halls na boca, que perfuma o ar do pequeno espaço, Rafael me agarra pelo pescoço e me beija de um jeito que faz minha virilha pulsar. Cacete! Sua mão ousa vasculhar exatamente entre minhas pernas, e minha pele derrete sob ela. Seu dedo alcança minha calcinha e me acaricia, o tecido ainda entre nós.

— Que tal um desvio? — ele sugere, me largando e agarrando o volante.

— O quê? — Estou tão desnorteada com a interrupção abrupta que não consigo entender.

Ele apenas sorri, e eu me concentro na música que toca no rádio. Sua mão direita, quando livre do câmbio, alisa minha coxa, me aquecendo a pele e fazendo meu sangue ferver. Fica difícil me concentrar em qualquer outra coisa, e eu resolvo provocá-lo também.

Estendo a mão e acaricio seu pênis por cima do jeans. Está enorme. Desço o zíper com um movimento lento e um sorriso safado na boca. Ele me espia, mas precisa se concentrar na direção, apesar de não haver trânsito; já é madrugada. Tiro-o da cueca e começo a acariciar, bem lentamente, mordendo o lábio inferior. Quando ele coloca a mão que me alisa na direção, eu me debruço e o abocanho.

Sua surpresa morre em um gemido engasgado quando sugo com força, engolindo-o inteiro. Subo devagar para que ele aprecie o calor de minha língua na pele sensível. Lambo ao redor da cabeça, sentindo-o estremecer sob minha sedução. Mergulho-o novamente até o fundo da garganta, tão rápido que o ouço arquejar.

— Sara, pelo amor de Deus!

Mantenho o movimento de vaivém constante, mas não tão depressa. Ele vai pedir mais ou vai parar em algum lugar para acabarmos logo com a provocação. Estou jogando sujo. Quem mandou mexer comigo? Agora aguenta! Eu estava bem quieta no meu canto, mas não aposto para perder.

— Por favor — seu pedido sai estrangulado —, para, gata.

Eu atendo e me levanto novamente. Estamos em uma avenida totalmente vazia. Dá vontade de voltar para o boquete. Estava mais interessante.

— Nossa, Sara, isso foi inesperado, mas infinitamente bom. Só aumentou a vontade.

Ele para no primeiro posto de gasolina que encontramos e estaciona perto da loja de conveniência.

— Já venho — avisa, com um sorriso sacana.

Também estou curtindo nosso encontro, e algo me diz que vem algo bom nesse tal de desvio. Quando Rafael volta, sou surpreendida com uma sacola gelada que ele põe sobre meu colo. Espio, curiosa, antes de perguntar o que é.

— Sorvete?

Rafael está dando ré quando se vira para mim e balança a cabeça. O sorriso bobo demonstra o quanto está feliz em deixar minha pergunta sem resposta. Não andamos muito pela cidade silenciosa. Rafael embica o carro na entrada luminosa de um motel e para diante da cabine fumê. Meus pensamentos divagam entre sexo e sorvete.

Enquanto negocia com a atendente invisível, sua mão quente afasta o pote gelado de minha perna e a acaricia como se estivesse sem intenção. No entanto, minha pele queima e arrepia, reagindo ao calor inesperado depois de um tempo acostumada ao frio. A onda se espalha e pulsa desesperadamente. Preciso de alívio para esta tortura. Um prazer novo me toma, e eu gosto.

Sua mão some, me deixando sem chão. Nossa! Estou em uma montanha-russa! Entramos em uma garagem, e ele sorri para mim quando desliga o carro.

— Está pronta para uma experiência inesquecível?

— Estou pagando pra ver. — Tento sorrir, mas não dá.

Estou um pouco tensa, não por medo, mas pela frustração. Na mesma hora em que ele me dá, tira, e isso me deixa com vontade de jogá-lo na parede. Merda! Fiquei irritada e fora de controle. Respira, Sara, respira. Você consegue brincar também. Seja forte, garota, e mergulhe nas sensações de prazer que ele está prometendo. Ok, vou dar mais uma volta na montanha-russa.

Desço do carro determinada, respirando fundo. Aguardo ao lado da porta enquanto Rafael abaixa o toldo da garagem e caminha para mim com o pote de sorvete na mão. Abre a porta e sinaliza para eu entrar primeiro. Coloca os objetos sobre a mesa, onde eu também largo minha bolsa. Dou uma geral no quarto e gosto da sofisticação.

Rafael me agarra por trás, me surpreendendo. É enorme e toma todo o meu corpo com uma facilidade que me esquento. Fecho os olhos e me deixo levar. Seus dentes agarram o lóbulo de minha orelha e puxam; meu sangue parece ferver sob a pele. Em seguida, sua língua, gelada do Halls, invade meu ouvido, e eu prendo a respiração. Meus pés encontram a cama, e eu paro.

Suas mãos somem por um segundo, mas sua boca continua refrescando e esquentando a região entre meu ombro e minha orelha. Um tecido fino escorrega em meus olhos, me sobressaltando. Abro-os imediatamente, mas não vejo nada além da venda. Ele aproveita meu movimento para amarrá-la firme o bastante, mas não me incomoda. É estranho não enxergar, mas eu me lembro do sonho e fico cheia de expectativa.

— Apenas sinta — sussurra em minha outra orelha, as mãos aquecendo meus ombros.

Relaxo instantaneamente. Não é o que estou fazendo desde aquele dia no bar? Somente sentindo, vivendo, apreciando aquilo que me é dado. Suas mãos abrem cada botão de minha camisa, um por um. Não saber o que vai acontecer me deixa excitada, e, com a falta da visão, todos os outros sentidos parecem mais aguçados. Estou à flor da pele!

Rafael puxa minha saia para baixo e me ajuda a tirá-la dos pés. Afasta meus cabelos das costas e passa a mão vagorosamente por elas, como se delineasse minhas formas. Enquanto desce escaldante pela minha coluna, sua língua resfria, seguindo seu caminho. A outra mão aquece minha pele até fazer arder um de meus mamilos. Archejo, prensando meu corpo contra o dele.

Rafael me segura firme e vai vasculhando minhas costas, esquentando, mordiscando. Inclina meu tronco e me pede, em um murmúrio rouco, para pousar as mãos contra o colchão. Sinto seus dedos em meus tornozelos, subindo lentamente pelas minhas pernas até espalmarem minha bunda. Ele a aperta e dá um tapa dolorido.

— Gostosa!

Esfrega a pele com força, deixando-me molhada e ansiosa. Sinto o frescor do drops soprar contra minha fenda úmida, e todos os pelos de meu corpo se eriçam. Ele enfia a língua, lambendo de baixo até em cima. A menta deixa um rastro frio sobre a pele sensível e quente, muito quente.

— Ah! — gemo.

Repete o movimento, mais lento e com mais força, deixando o Halls exercer maior efeito sobre mim. A sensação se intensifica, e eu me contraio de tesão. Caramba! Isso é bom! Suas mãos voltam a massagear meu glúteo, e, quando sua língua invade minha vagina, outro tapa estala.

— Ah, meu Deus!

Continua acariciando, como para compensar a ardência, mas a pele ferve, contrastando com sua língua, que me resfria por dentro. Sinto-me no meio de uma fogueira, queimando viva, mas é como se o ar que eu respiro fosse congelante. Os dois estados coabitam harmoniosamente dentro de mim. Agarro com força os lençóis.

Seus dedos são mais e mais firmes, marcando sua forma em minha carne como brasa. Sua língua muda a rota, e eu já não sei mais o que esperar, mas ainda está ali, insistente, provocante, me obrigando a caminhar à beira do precipício. É só pular, Sara! De repente aumenta o ritmo, me sufocando de excitação, e de novo me invade. Sinto que vou me perder na sensação quando sua mão cai pesada outra vez.

E ele me chupa e me bate, minhas pernas bambeiam, meu corpo está em colapso. Não tem nada de frustrante nisso; estou caminhando para

uma sensação nova, forte e que não faz sentido, mas é tudo que eu quero. Sua língua é poderosa em meu clitóris e me obriga a gozar de um jeito barulhento e intenso. Não para mesmo quando perco o ar com a extensão inacreditável do orgasmo.

Ele me agarra com os dentes, e sinto o tapa salpicar minha pele de dor e prazer. A sensação inacreditável acontece mais uma vez. Se começou assim, nem imagino como esta noite vai terminar. Talvez só de manhã, após o sol nascer no horizonte.

— Isso foi só um bônus pelo boquete no carro — ele explica, enquanto me carrega com facilidade até a cama.

Ainda sinto o orgasmo reverberar pelo meu corpo.

— Bônus? — Ergo as sobrancelhas, mas algo me diz que ele não pode ver.

— Adorei te olhar naquela posição. Você é muito gostosa e eu me empolguei, mas agora vamos voltar ao plano original.

SEXO COM SORVETE

RAFAEL ME DEITA NO COLCHÃO DE BARRIGA PARA CIMA E TIRA MEUS SAPATOS.

— O que você pretende? Me foder com força?

— Ainda não.

Não? Minha vagina pulsa, desejando ser possuída, invadida, dominada completamente. Seus dedos escorregam para dentro para testar seu efeito sobre mim.

— Hum, está molhadinha.

— Mas não o suficiente para você?

Ele ri de minha frustração. Aff, não posso me esquecer de que ainda estou na montanha-russa. Respiro fundo, e um cheiro doce me invade.

— Abra a boca — ordena.

Obedeço sem perguntas, e seu dedo encosta em minha língua. O gosto de morango atíça meu paladar, e eu o chupo, satisfazendo minha gula. Pingos gelados gotejam sobre meus seios, me arrancando suspiros de surpresa. Quando abro a boca para falar, os pingos somem. Mas logo voltam. O gosto cremoso do sorvete me seduz, e eu sugo de novo, com força.

Sua língua lambe o líquido que escorre pela minha pele, e o calor espanta o frio que me arrepia os mamilos. Sinto-os duros e empertigados. Rafael abocanha os bicos, passando os dentes de leve sobre eles. Contorço-me, com a sensibilidade aguçada pelo choque térmico. Ganho mais morango para saborear enquanto o outro seio é torturado.

Nós dois gememos quando ele se afasta outra vez. Caramba, isto está muito gostoso. Sorrio e passo a língua nos lábios. De repente, sua boca

gruda na minha, com fome e desespero. Entrego-me ao beijo, segurando-me firme contra ele, mas Rafael consegue se livrar. Quando foi que ele tirou a roupa?

— Você está deliciosa. Tô ficando louco!

Mais sorvete pinga, desta vez entre meus seios. Continua gotejando em meu abdômen até parar perto de minha fenda. Sinto-o entre minhas pernas. Ele as afasta, e seu calor cria ondas sobre mim quando suas mãos tocam meus quadris e ele se debruça, lambendo não o sorvete, mas meu sexo.

— Hum, muito gostosa!

Ah! Não pare! Enquanto me contorço de desejo, sua língua segue o rastro do líquido que derrete em minha pele quente. É lento, provocante, enlouquecedor. Contraio todos os músculos em espasmos de prazer. Mergulha escaldante no meu umbigo, se demorando. Meu corpo inteiro se rende a sua vontade.

Sobe de volta, lambendo, e eu me remexo inquieta, sedenta, faminta, pirando. Estou me agarrando a ele, à pele que alcanço, aos cabelos que encontro. Minhas mãos e pernas o prendem, e sua pele suada desliza na minha enquanto me acaricia e me chupa. Ai, meu Deus. É muita coisa para sentir ao mesmo tempo!

Continua lambendo até meu pescoço, as mãos escorregando pela minha pele, apertando e me possuindo completamente. Mordisca meu queixo e meu lábio inferior, e, quando sua língua invade minha boca com avidez, seu pau me penetra tão fundo que o gemido se cala no beijo. A sensação de plenitude me toma. Sou inteira dele agora.

Incansável, ele mete com força, roubando de mim todos os sentidos, não só a visão. Seus lábios não desgrudam dos meus, respiramos nossos gemidos, o prazer dele amplificando meu próprio desejo. Mexo-me sob ele, harmoniosamente, no mesmo ritmo, com um só objetivo. Somos somente fogo: o gelo não suportou permanecer entre nós.

Meu corpo inteiro se concentra no ponto que me roubou da realidade. Não posso ver nem falar, amordaçada por sua boca na minha. Sou apenas pele, carne, mulher. Enquanto gozo, sufocada contra ele, a venda é tirada de meus olhos.

Em um movimento rápido, ele se ergue, me abraçando, e eu aperto as pernas a seu redor. Minha visão está se adaptando à pouca luz do quarto. Rafael se senta; ainda estamos encaixados. Suas mãos deslizam ferozes em minhas costas, e ele volta a me beijar. Deixo meus dedos desvendarem seus músculos agora que posso ver.

— Quero provar você com sorvete — murmuro, ainda sem fôlego.

— Sou todo seu — ele encoraja.

O pote está a meu alcance. Enfio os dedos nele e os dou para ele chupar. A sensação quente na carne fria me faz gemer. Ele segura meu punho com uma mão e os suga um a um devagar, os olhos presos nos meus em um desafio. Minha respiração não vai voltar ao normal hoje. Sua boca lambuzada é uma tentação irresistível.

Agarro-lhe a nuca e beijo seus lábios, lambendo o resto de sorvete com gula. Inclino-me, forçando-o a se deitar na cama grande. Seu pau lateja ainda dentro de mim, e eu sorrio, afastando-me. Não penso em vendá-lo; quero que veja tudo o que pretendo fazer.

Pingo sorvete pelo seu corpo, deixando-o derreter em sua pele morena. Hum... Lembro-me do sabor Sensação — morango com chocolate —, o meu sorvete preferido. Pego um elástico na bolsa enquanto espero sua pele esfriar e prendo o cabelo em um rabo alto.

Encaixo-me entre suas pernas, alisando sem pressa suas coxas grossas. Ignoro propositalmente seu pênis ereto, que roça minha pele quando me inclino para lambê-lo. Começo pelo baixo-ventre, muito perto de onde ele me quer mais; os sabores de sexo, suor e sorvete se misturam em minha língua. Salgado e doce com um toque de libido.

Subo lentamente pelos gomos que despontam em seu abdômen,

demorando-me nas curvas, saboreando com lentidão o gosto distinto, o gosto dele. Fecho os olhos, deleitando-me no prazer de encantá-lo e me satisfazer ao mesmo tempo. Hum... Adoro sorvete — e na pele é melhor ainda. Minha língua esquenta o gelo que o líquido deixou nele.

Os mamilos estão arrepiados, e eu os abocanho, deixando meus dentes suavemente agarrá-los e soltá-los em seguida. Ele geme, me encarando. Suas mãos me buscam, ansiosas, mas eu não me intimido. Continuo lambendo até senti-los aquecidos e eriçados de desejo.

Vou subindo pelo pescoço e queixo e faço minha língua invadir sua boca, cheia de sabor. Seus dedos apertam minha bunda, seu pau vibra sob mim e eu me afasto, retomando com mais rapidez o caminho abandonado, deixando as mãos esquentarem mais a pele sensível. Ele não reclama nem me apressa; aprecia a tortura como me fez gostar.

Paro na cabeceira da cama e tenho um vislumbre completo de sua nudez tentadora. Que vontade de sentar nele e cavalgá-lo até gozarmos, juntos, enlouquecidos. Mas não é esse o plano. Apoio as duas mãos sobre seus tornozelos e as deixo escorregar para cima, apertando suas coxas firmes. Tiro a camisinha e gotejo o sorvete sobre seu saco e seu pênis, fazendo-o gemer alto.

O líquido pinga na virilha e na perna também, e eu recomeço a tortura; a pele aquecida está resfriada novamente, e minha língua atrevida pega o sorvete que escorre rumo ao lençol antes que seja desperdiçado. Os pelos de sua coxa se arrepiam a meu toque áspero e insistente. Repito o movimento na outra, e ele suspira.

Subo até a virilha, que está melada de morango, e lambo tão devagar que sinto a pele reagir a cada centímetro reaquecido. Vejo seu pênis pulsar de expectativa. Ele me quer tanto que chega a ser tentador, mas eu o ignoro, concentrando-me na virilha esquerda, depois na direita.

Sorrio para ele antes de descer até seu saco e abocanhá-lo de uma vez, gulosa. O gosto característico me atinge em cheio. Puta que pariu, que

tesão! Rafael arqueja, e eu sugo suas bolas com vontade. Seu corpo inteiro estremece, e eu sei que o estou levando ao limite.

Lambo de baixo para cima. Sei o quanto é sensível e fiz questão de deixá-lo à flor da pele. Está muito quente entre suas pernas, em minha língua, em minha fenda, que incha de vontade outra vez. Enquanto estiver ali, vou fazer sexo até cansar. Continuo chupando e lambendo como se estivesse esquecida de seu pau duro.

De repente, subo para ele, voltando a sentir o gosto do morango, forte, penetrante, se misturando ao sexo, agora com uma intensidade inebriante. Também tem meu gosto nele. Ele esteve dentro de mim pouco antes, e isso me deixa mais excitada. Minhas mãos, espalmadas na lateral de seu corpo, escorrem na pele suada.

Chego à cabeça, mas me preocupo apenas com o sorvete na pele sensível, removendo-o com cuidado, bem lentamente. Ele joga a cabeça contra o colchão, contendo um gemido, mas se contorce. Lambo ao redor da ponta e aperto forte sua extensão. O sorvete acaba quando derramo o restante do pote em seu pênis.

Não perco tempo nem morango: mergulho-o na boca o mais fundo que suporto, e o sabor Sensação me toma completamente. Sugo com força, querendo mais e mais o líquido rosa que se espalha e me inebria. Minha língua saliva, escorregando em seu pau cada vez mais duro. Sugo a cabeça com força, deixando minha mão direita começar o vaivém.

Devagar, mas constante, exploro o limite de seu prazer. A mão esquerda agarra seu saco e o acaricia no mesmo ritmo da outra. Quando a pele desce, meus lábios vão junto, depois sobem. O ritmo incessante o leva ao estado de entrega total. Ele me espia, mordendo o lábio, mas logo joga a cabeça para trás, gemendo. Seus músculos se contraem com a força de sua excitação.

Aumento o movimento das mãos, a boca travada em uma sucção intensa de sua ponta. Ele goteja em minha língua. Volto a descer e subir,

descendo e subindo, descendo e subindo. O ritmo torna-se louco até para mim; estou molhada, tão excitada quanto ele. As mãos não param, a língua lubrifica a cabeça grande, ele enlouquece.

Seus espasmos e gemidos aumentam, e eu continuo sugando e tirando-o de seu estado de conforto para um prazer sem precedentes. Sinto-o pulsar em minha mão e o engulo a tempo de sentir o líquido quente na garganta, movendo a mão um pouco mais devagar agora. Ele está sem ar, mas eu continuo mexendo. Lambo a cabeça e o sugo até a base.

— Ah, Sara, pelo amor de Deus!

Inclino-me sobre ele e o beijo profundamente; se recuperar é para os fracos. Ele acaricia minha bunda, subindo pelas minhas costas com a mão direita; eu me arrepio. Agarra meu rabo de cavalo e me puxa a cabeça para trás, afastando nossas bocas. Um dedo da mão esquerda desliza para dentro de minha vagina melada, e eu gemo de tesão.

— Esse seu rabo é muito sexy.

— Qual deles?

O dedo lubrificado escorrega para meu ânus, e eu me sinto pulsar.

— Todos!

Ah, cacete! Preciso gozar de novo, senão vou ter um treco. Rafael morde meu lábio inferior e depois o lambe; a pele sensível reclama. Ele sempre consegue mexer comigo em dois pontos ao mesmo tempo. Estou presa sob suas mãos, e minha cabeça inclinada o convida a morder meu pescoço.

— Gostosa... demais... — murmura sobre minha pele, seu hálito me aquece.

Procurro seu pênis e o encontro ereto, pronto para me foder de novo. Quero-o desesperadamente dentro de mim e coloco outra camisinha nele, escorregando com uma facilidade maravilhosa. Sento-me e a sensação de preenchimento é completa com seu dedo, que não sai de meu ânus.

Movo-me contra seu pau, e a penetração vai mais fundo, nos dois orifícios. Ah, que delícia! Volto para cima e desço de novo de uma vez, esperando o resultado enlouquecedor que a sensação dupla me causa. Cacete! Se isso é bom assim, imagina com dois pênis? Deslizo facilmente em seu peito e abdômen suados. Estamos misturados.

Não preciso de muito tempo. O ritmo se torna insano, o vaivém me toma complemento e eu gozo, ruidosa, tremendo. Ah! Um novo orgasmo é sempre mais intenso que o anterior. Seu sorriso sacana mostra o quanto gostou de me possuir dessa forma, mas também diz que ainda não terminou. Ele senta de novo, sem nenhuma dificuldade, mesmo com meu peso em cima de seu corpo.

— Eu ainda não acabei com você.

Rafael me carrega até a banheira enorme; uma parede de vidro separa o banheiro do quarto. Rafael nos desencana antes de me virar de costas. Suas mãos escorregam em meus seios e em minha fenda ao mesmo tempo, mas nos debruça contra a borda da Jacuzzi. Começamos tudo outra vez.

De joelhos, agarrada à borda, ele puxa meu cabelo e me penetra fundo.

VIAJANDO NA ALMA

ESTOU NO ESCRITÓRIO, PARECENDO UM ZUMBI
MAS MUITO FELIZ, QUANDO O CELULAR TOCA AO
RITMO DE "FUCKIN' PERFECT", NA VOZ
INCONFUNDÍVEL DE P!NK.

— Simone! — exclamo, animada.

— Ai, meu ouvido, Sara! Vai com calma, garota. Que empolgação é essa?
Vixi, sinal vermelho. Alguma coisa stressou minha irmã caçula.

— Eu não tenho motivo pra ficar chorando pelos cantos, Si. Qual é o seu problema?

— Não tem mesmo. Aquele idiota não merece nem as suas lágrimas. — Ela consegue ser mais explosiva do que eu. Tomou minhas dores, viu o estado catatônico em que fiquei por causa da separação. Ninguém quer ver uma pessoa querida sofrer assim. — Tenho dois ingressos para o show hoje, e você vai comigo.

Opa, acho que ela brigou com o namorado de novo.

— Show?

— Aff, Sara, em que mundo você vive? Lembra daquela dupla sertaneja de que eu te falei?

Não sou muito ligada em música sertaneja. Para mim serve só para algumas baladas.

— Ah, sim, sei — viro os olhos para a parede e finjo lembrar.

Não me crucifique. Há tantas duplas... Fica difícil guardar todas.

— Pois então. Você me pega às nove?

— Tudo bem, Simone. Até mais tarde.

— Beijo, Sa. Te amo.

— Também te amo.

Minha irmã está mesmo precisando de colo. O que será que o namorado dela aprontou desta vez? Ou ela, porque também não tem um gênio fácil. Dou de ombros. Nunca a forcei a se abrir. Ela fala quando e se quiser, portanto vou estar lá, e, se ela sentir vontade de desabafar, vou ouvir com carinho.

Recebo uma mensagem. Hoje meu telefone está disputado.

Oi, gostosa. Foi bom demais te reencontrar ontem.
Sempre quis ficar com você. Espero que não
demoremos tanto da próxima vez rs. Beijos, Rafael

Ain, caramba! Isso é bom demais! Nunca imaginei que ele tivesse algum interesse em mim. Eu era tímida, desengonçada e certinha quando o conheci. Era uma Sara totalmente diferente de hoje. Jamais acreditei que alguém poderia ter atração por mim, apesar de querer isso tão ardentemente que entreguei meu coração para uma pessoa que não merecia. Aliás, vou contar como aconteceu. Quem fez os pedidos de namoro e casamento fui eu.

Não esperei o amor verdadeiro acontecer; eu só queria ter alguém para chamar de meu, para cuidar, para não me sentir sozinha. Mas então eu constatei que é possível viver na solidão ao lado de outra pessoa quando não há sentimento forte o bastante que os aproxime, afinidades que os tornem amigos e paixão que os transforme em amantes. Eu admito: meu casamento foi um fracasso total, e a culpa não foi só dele. Não mesmo.

É por isso que eu sou frustrada emocional e sexualmente. Aff, como é difícil assumir para mim mesma. Aperto bem os olhos, sentindo meu coração diminuir e um pequeno tremor percorrer meu corpo. Respiro fundo, buscando calma e serenidade. Preciso afastar meu lado

vulnerável, permanecer forte e sobreviver, apesar da dor querendo voltar. Lágrimas queimam meus olhos, mas me recuso a deixá-las cair.

Esclarecer os fatos sobre meu passado, morto e enterrado, não me deixa nada melhor. Só tenho mais medo de cometer os mesmos erros, de me deixar levar por uma paixãoite, de me envolver e me machucar feio outra vez. Como vou saber que é verdade? Que garantias tenho de que vai durar? Qual a certeza de que vou ser amada incondicionalmente? Nenhuma, e é isso que me deixa receosa. É mais fácil não me envolver e pronto.

Afasto os pensamentos. Uma DR comigo mesma agora não é bom sinal, nem a hora é apropriada. O vazio ameaça me engolir novamente. Preciso de uma distração depressa. Vou até o cubículo de Cássio e o convido para o almoço. Preciso jogar conversa fora, e meu colega de trabalho é uma boa companhia para um papo cabeça. Temos altas discussões, é sempre muito gratificante travar uma batalha intelectual com ele.

Posso parecer louca, mas prefiro ser taxada assim a me julgar por preconceitos e me proibir de viver do jeito que quiser porque acham errado. Pecado é ser infeliz, e eu tenho o poder de decisão em minhas mãos. Um dia quero olhar para trás e dizer: nossa, eu fiz tudo o que tive vontade.

Melhor do que agora, quando, assistindo à retrospectiva de minha vida, só vejo que me anulei por trinta anos. Onde estão meus sonhos? Para onde foram minhas paixões? Do que eu tenho orgulho de me lembrar? Nada! Perdi tudo e estou recuperando o tempo que não volta mais, vivendo um dia após o outro. Quando esta fase me for cobrada, vou poder dizer: fiz mesmo, e daí?

Melhor me arrepender de algo que fiz que me amargar pelo resto de meus dias pelo que poderia ter acontecido se... A dúvida sempre é pior que a verdade. Sempre achei. A ignorância total também pode ser uma

bênção, porque a vida não é tirada do eixo, simplesmente continua de onde parou. E isso é confortável. Mas, me diga: é o melhor? O que é bom, afinal? Quem sabe dizer com certeza?

Estamos todos aqui tentando, vivendo, sofrendo, errando, aprendendo... Ninguém é melhor do que ninguém, nem pior. Não existe nada que eu já tenha aprendido que não possa redescobrir. Inclusive a mim mesma. Inclusive a mim mesma... Paro. É isso que estou fazendo ou o que preciso fazer? Que vontade de calar meus pensamentos!

Sinceramente, não sei onde isso vai dar e nem sei se quero saber, ou pelo menos se estou pronta. Só quero respirar fundo, erguer o queixo, me olhar nos olhos e acreditar na mulher que sou. Desejo realizar meus sonhos abandonados e focar na garota do espelho. Porque, se eu tiver que escolher entre mim e outra pessoa mais uma vez, eu vou ser a prioridade. Preciso fazer algo por mim mesma, senão quem vai fazer?

Não vou tornar o Luis um santo porque admiti meus erros. Eu fui capaz de enxergar, mas e ele? Foi imaturo ao não enfrentar a situação de frente. Como o barco estava afundando, ele simplesmente pulou fora com seu colete salva-vida e me deixou à deriva. Eu me vi sozinha, sem saber que direção tomar e o que fazer com o vazio. Eu precisava sentir alguma coisa além do nada insuportável.

E é essa vida cheia de adrenalina e endorfina que está me ajudando a enfrentar um novo dia desde que cansei de me lamentar. Cheguei ao ponto de esquecer, de parar de me repetir essa história, voltei a sorrir outra vez sem nem perceber. Não preciso conviver com a dor se posso viver algo mais intenso, não é verdade? Tanto emocionalmente quanto na minha vida profissional.

...

A hora do show chega rápido. Paro em frente à casa de minha mãe e buzino. Simone sai em um vestido tangerina espetacularmente curto e

justo. Quando se vira para fechar o portão, avisto o decote nas costas, que quase bate nos quadris, e o salto quinze fino, alongado pela meia pata. O cabelo liso e comprido com luzes loiras tampa parte da pele nua. Ela está muito gata.

— Fiu, fiu — brinco quando caminha até o carro.

— Para de graça, sua boba — ela me repreende, mas está rindo.

— Onde vai ser?

— No clube. Sara, você nem se informou quando eu te convidei?— Só balanço a cabeça, negando. — Aff, você consegue ser alienada. Nem parece que está frequentando balada há mais tempo do que eu.

Ah, é a prova. Está solteira de novo. Como se o carro fosse dela, Simone pluga um pen drive no meu som.

— Ei! — reclamo quando minha banda favorita para de tocar.

— Temos que ouvir as músicas da dupla, Sara. Você não quer cantar junto?

Cantar? Eu? Só se for um bom rock’n roll, embaixo do chuveiro, óbvio! Os alto-falantes vibram ao som de arrocha e sertanejo universitário, bastante sensual no sentido explícito.

— Ah, eu conheço essas músicas sacanas — admito, rindo. — Homem é tudo igual mesmo.

— Nem me fala, tata. — Começa a ladainha. Eu tinha certeza de que algo a estava incomodando, e quando me chama assim é porque está carente, precisando de colo. — O Felipe resume a nossa relação ao que ele quer, aos seus horários e às suas carências. Não tenho o direito de ficar estressada nem pra baixo. Eu tenho que ser uma muralha pra cuidar dele quantas vezes ele precisar de mim. Isso cansa, desgasta e me desanima.

— Não é só os homens que são egoístas, mas concordo que eles têm uma tendência maior do que as mulheres. Nós sabemos nos doar integralmente, até demais, eu diria, quando amamos. Eles querem ser cuidados — reviro os olhos. — E, quando casa, piora. Prepare-se!

— Não tenho pressa de me casar. O Felipe é muito imaturo para uma relação mais séria. Não sou louca de viver com um homem que acha mais importante ter um carro caro do que investir no futuro, seja concluindo a faculdade ou financiando um imóvel.

— Faz certinho, Nega, e, se acontecer, deixe partir dele. Não force a situação. Porque ele só vai fazer o pedido quando se sentir pronto para dar esse passo na relação de vocês. E o homem querer e estar ciente dos riscos e das responsabilidades é o mais importante para que a relação não fracasse. Sempre vai existir a dúvida, mas tenha algumas certezas antes de aceitar o pedido.

— Eu não crio expectativas. Conheço bem o Felipe e sei de cor todos os seus defeitos. É por isso que não tenho confiança nele.

— Bem-vinda ao meu mundo de frustrações — sorriu amarelo.

Chegamos. Demoro um pouco para estacionar, mas acho que nem deu para ouvir dez músicas da dupla. Na entrada, não pegamos fila. Simone entrega os ingressos. Primeiro passamos pelo bar para abastecer e nos posicionamos perto do palco, mas é claro que há atraso.

Quando a dupla finalmente se apresenta, já estou com os pés um pouco doloridos e três batidas na cabeça. Só ao final da primeira música eu reconheço os cantores. Os holofotes estão intensos sobre eles. O de cabelo comprido é o que chama mais a atenção. Calça justa, chapéu, fivela, botas e músculos para todo lado. Bem caracterizado, mas não é isso que constato e que me vem à mente.

Eu me lembro bem do vídeo dele rebolando, que é sucesso no YouTube. Seis minutos de sedução. Ele pisca, sorri largo, joga o cabelo de lado deliberadamente e faz a coreografia das canções de maneira atrevida. Mesmo não sendo fã, me vi enlouquecida diante do clipe. E agora eu veria ao vivo. Cacete! É para matar qualquer uma do coração.

No restante do show, só tenho olhos para ele, e o cantor não me decepciona. A mulherada à minha volta vai ao delírio, e eu só consigo

pensar naquele homem remexendo dentro de mim. Que tesão! Divagação insana, sei bem, mas não se paga nada por sonhar, não é mesmo? Quem nunca teve o desejo de passar um tempo com um famoso lindo de morrer?

Ao final, Simone me arrasta no meio da multidão para o camarim, na tentativa de conseguir um autógrafo. Ela realmente está louquinha hoje. Ambas bebemos um pouco e estamos alegres. O álcool sempre me deixa com mais alguma coisa, e neste momento não é diferente. Grito, chamo, imploro.

— Sara, será que a gente vai conseguir? — Ela está tão animada que me contagia.

E a porta se abre. O cantor gostoso me encara e me autoriza a entrar. Não acredito! Deixo minha irmã para trás com um bico enorme e aceno, triunfante. A porta se fecha atrás de mim com um baque alto. Ainda posso ouvir a confusão lá fora. Olho para minhas mãos e não vejo nada em que ele possa autografar, ainda assim sorrio e peço com gentileza, em nome de Simone. Estamos sozinhos. Onde está o carinha magricela, parceiro dele? Ele sorri e assina um guardanapo de papel que estava em cima da mesa de centro.

— Obrigada.

Viro-me para sair, afinal não posso ocupar o tempo das fãs de verdade, mas ele me chama.

— Ei, espera. Qual é o seu nome?

Apresento-me, ainda espantada. O que está acontecendo aqui?

— Sara, eu tenho vinte minutos livres. Você quer me fazer companhia?

Fico de boca aberta. Não é possível que esteja acontecendo comigo. Tenho vontade de me estapear, beliscar, morder... Hum... Lembro a letra da música que ele cantou e sorrio maliciosamente, sentindo-me esquentar por dentro. Depois da DR de hoje, estou precisando de uma aventura inesquecível.

— Claro, com todo o prazer.

VIRANDO TEQUILA

A SEMANA PASSOU QUE EU NEM VI, MEU DEUS!

Trabalhei feito uma burra de carga, mas é sexta de novo. O clima no escritório está tenso, e o humor de Cássio oscila feito maré. Às vezes acho que ele tem TPM, não é possível. Henrique também não está melhor, mas ele é chefe, tem uma carga enorme sobre o lombo. Bem, não estamos muito diferentes dele neste momento.

Mais uma conta nova entrou no escritório, e metade da equipe está trabalhando nela. Isso que é importância! No intervalo, faço uma nova pesquisa na internet sobre concursos públicos. Quero prestar para analista judiciário. É concorridíssimo, mas, se eu passar nessa merda, chego a juíza um dia! Encontro o edital, finalmente, e me inscrevo logo. Enquanto imprimo o boleto, abro o Facebook e vejo que tenho várias notificações.

Olho rapidamente e verifico que não tem nada de interessante, só uma mensagem inbox. Clico na janela e reconheço logo uma amiga que fiz em outra cidade; nós trabalhamos juntas. A mensagem diz que também se divorciou, que está aqui e quer me encontrar. Respondo que adoraria, deixo o número do meu celular e uma mensagem de conforto. Um minuto depois, ela me chama. Está online.

Pâmela Frigo

Oi, Sara. Saudades de você, gata. Tudo bem?

Sara Mello

Oi, Pam. Eu também. Estou ótima, e você, flor? Como está enfrentando esta barra?

Pâmela Frigo

Sendo forte e guerreira rsrs. Foi inesperado, mas não vou ficar me lamentando. Se não me quer mais, paciência. Duvido que ele vá encontrar outra que faça tudo por ele como eu.

Sara Mello

Duvido mesmo, Pam kkkkkk. Mas bola pra frente, nega, vamos beberorar a solteirice. O que você está fazendo aqui?

Pâmela Frigo

Passei no concurso para delegada federal. Era meu sonho! Estou superfeliz!

Sara Mello

Poxa, que legal, amiga, mas a vaga é aqui?

Pâmela Frigo

É sim, parece que estão mudando muitas coisas ultimamente.

Sara Mello

Me inscrevi num concurso hoje.

Pâmela Frigo

Vou torcer para você passar.

Sara Mello

Estou me esforçando. Nos dias que não saio para balada, de segunda a quarta, eu estudo à noite, sábado à tarde e domingo o dia todo. Até adiei a compra do piano para me dedicar aos estudos. É bem puxado, mas vai valer a pena.

Pâmela Frigo

Virou baladeira, é? A toda certinha Sara! Kkkkkkk. Estou doida para curtir uma noite de amigas e aproveitar minha nova liberdade. Porque é a única coisa boa disto tudo, não é mesmo?

Sara Mello

Hahaha realmente, não é um método muito feliz, mas, pensando por este lado, fica mais suportável. Que tal um happy?

Pâmela Frigo

Você é das minhas, não gosta de perder tempo! Kkkkkkkkk. Quero saber todos os babados dos últimos meses, se tiver algum hahahaha.

Sara Mello

Hehehehehe você nem imagina o quanto, Pam! Dá um livro! Kkkkkkkkkkkk

Pâmela Frigo

Você está me deixando curiosa e chocada. O que você andou aprontando, dona Sara?

Sara Mello

Tudo que tive vontade kkkkkkkkkkkkkkkkk

Combinamos a hora e o bar, mas encerro logo a conversa porque preciso voltar ao trabalho. Espero não me atrasar. Vai ser muito bom sair para me distrair depois de tanta ralação. Porém, antes que eu feche o navegador, vejo um post que me deixa atordoada. A doce e boa Jamile, que conheço desde a época do Luis, muda o status de relacionamento para solteira. O que está acontecendo, meu Deus? Todo mundo está se separando!

Chamo-a imediatamente por mensagem inbox. Ela explica que cansou do cafajeste do marido e, depois de muitas idas e vindas, resolveu chutar o balde e dar um basta na palhaçada. Está chateada, mas ao mesmo tempo feliz por se dar outra chance de viver de verdade. Digo que sinto muito e a convido para nos encontrar no bar. Ela topa. Estou tão animada que a tarde passa rápido, e Cássio percebe minha mudança abrupta.

— Que bicho te mordeu? Eu também quero — resmunga, fingindo estar bravo.

— Só espero que este dia acabe. Vou encontrar umas amigas para um happy hour.

— Posso ir? Também estou precisando. — Paraliso, mas rio. Quase dou

de ombros.

— O que foi? — pergunta.

— Nada, é que você não bebe.

— Posso chamar uns dos rapazes também, pra não ficar mal pra mim, apesar de que estar cercado de mulheres não é nada ruim. — Ele sorri maliciosamente, e eu tento fazer cara de brava diante de seu atrevimento, mas falho. — Quem sabe eu até beba uma cerveja?

— Nada mais forte? — provoco. — Uma tequila, talvez?

Ele arregala os olhos, que ficam imensos em seu rosto. Gargalho, não consigo evitar.

— Você toma?

— Tudo o que é destilado eu prefiro.

— Você é uma caixinha de surpresas mesmo!

Não é a primeira vez que ele diz algo parecido. Limito-me a sorrir e informar hora e local. Ele espalha a notícia pelo escritório, e metade dos homens resolve nos acompanhar. O bom é que a animação contaminou a todos, e não nos atrasamos ao final do expediente.

O bar é badaladíssimo. Faz o tipo boteco mesmo, mas é bem frequentado. Muita gente bonita começa a encher rapidamente as mesas, que tomam parte da calçada. Peço logo uma garrafa de tequila e forço todo mundo a tomar pelo menos a primeira rodada. Os homens param, mas Pâmela e Jamile me acompanham.

Entre uma virada e outra, batemos papo aos berros. A música é eletrônica, jovem e contemporânea. Apesar de não ser meu estilo preferido, estou curtindo a batida dentro do peito. Acho que é efeito da tequila. A danada sobe depressa. Esquenta o esôfago enquanto desce e queima o estômago. Ai se não fosse o limão.

Falamos mal de nossos ex e rimos muito. Acho que a bebida já está afetando meu bom senso, mas o importante é que estou me divertindo. Não tenho condição de pensar em nada sério, só de rir com elas, falar

bobagem e virar copos e mais copos de tequila. Quando conto sobre o lema dos quatro efes, Pâmela sugere um brinde. Enchemos os copos, nós três, e tilintamos.

— Foda-se! — ela grita.

Jamile e eu a seguimos. Estou surpresa, mas feliz que ela esteja na mesma vibe que nós. Eu sabia que ela gostava de beber socialmente, mas nunca a vi virar tequila. Bem, antigamente nem eu tomava, apesar de ter experimentado antes do divórcio. Bebidas fortes são as melhores para momentos intensos. Cada uma conta os detalhes sórdidos de seus descasamentos, e eu fico horrorizada.

— Eu não sei o que está acontecendo com os homens, mas sabe o que me parece? — começo a filosofar. — Que eles não estão preparados para um relacionamento sério e não sabem agir com a responsabilidade e a maturidade que se espera de um marido em uma relação que exige companheirismo, parceria e comprometimento. Eles acham que é mais fácil fingir que está tudo bem e não tentar resolver o problema do que enfrentar e fazer dar certo.

— Falou tudo, amiga. A palavra é maturidade — concorda Pam.

— Acontece que, quando eles se negam a participar, nós acabamos tomando as rédeas do relacionamento, e o que era tolerável para ser dividido em dois se torna um fardo impossível de carregar sozinha — completa Jamile.

Uau, que conversa cabeça. Estou gostando do nível.

— E esse papo de “estou em busca da felicidade”? — volto a teorizar. — Pra quê a gente casa? Não é pra ser feliz? Se não tinha certeza de que era isso que queria, não casasse, poxa. Porque é muito fácil pra eles despedaçar sonhos em vez de construí-los juntos, como deveria ser qualquer casamento.

— O alicerce é o amor; se ele é fraco, o castelo se torna de cartas.

— Belas palavras, Pam — elogia Jamile. — O problema é que o cara entra

achando que vai ser cuidado como se estivesse na casa da mãe dele e que você tem que exercer esse papel!

— É, meninas... Cadê o companheirismo? — pergunto. — Afinal, um relacionamento é feito de duas pessoas. Acabei de pensar em uma analogia boa. Casamento é igual sexo: se os dois não estiverem oferecendo tudo de si, um vai ficar insatisfeito.

As duas caem na risada, e nós desfocamos do assunto matrimônio. Agora falamos sobre sexo. Jamile está saindo com um cara fixo, um antigo paquera. Ela conta um pouco das peripécias dos dois. Pâmela ainda não pegou ninguém, o divórcio dela é muito recente, mas está aberta a novas experiências, seja um relacionamento daqui a um tempo ou um peguete na balada de vez em quando. Parece que só eu estou com horror a compromisso. Será que estou lidando do jeito certo?

Apago o pensamento com a última rodada de tequila. Nós três nos levantamos e vamos para a pista nos matar de tanto dançar. Impressão minha ou aqui está mais nebuloso do que eu percebi? Ou é a embriaguez? Acompanho o ritmo que treme dentro de mim, impulsionando meus pés e braços. Agito a cabeça, jogando os cabelos de um lado para o outro.

A noite está apenas começando, e eu encaro o gato que pretendo pegar antes que ela acabe.

MARCANDO NA PELE

ABRO OS OLHOS, PISCANDO FEROSAMENTE. ESTÁ ESCURO, E EU DEMORO A IDENTIFICAR ONDE ESTOU.

Percebo os lençóis da minha cama. Estranho. O que aconteceu? Eu não estava no bar com as meninas? Minha cabeça lateja um pouco quando me viro para jogar os pés no chão. Arrasto-me até o banheiro e encaro o reflexo no espelho. Meus cabelos estão bagunçados, minha pele está um pouco pálida, e eu estou de lingerie.

Tento me recordar, mas minha mente está vazia. Nem um flash para preencher o vácuo na memória. Nada. O vazio é um pouco assustador, mas a ardência na garganta e o amargo na boca me dizem que eu bebi mais do que devia e estou com amnésia alcoólica. Um tremor involuntário percorre meu corpo. Jogo água no rosto e escovo os dentes.

O movimento me faz sentir ardência, tanto no pulso quanto nas costas. Quando olho, fico em choque. Só posso estar sonhando. Viro-me de perfil, e lá está outra. Não é possível! Que horas que eu fiz duas tatuagens? Quase perto da mão esquerda, tem quatro efes em caligrafia rebuscada; no ombro direito, uma maçã bem vermelha e mordida. Deus do céu. Vou ser uma juíza tatuada! Que loucura!

Preciso ligar para as meninas e perguntar sobre os acontecimentos da noite. Nunca tive um esquecimento tão longo... sempre me vieram algumas imagens na mente, ainda que incompletas. Este branco total me perturba. Acho que passei dos limites. É o que mais faço nos últimos tempos. Aff! Não é divertido ter amnésia! E se eu fiz alguma merda? Não

posso adiar mais nenhum minuto. Procuro minha bolsa e meu celular.

Na sala, paraliso. Meu tapete, normalmente vazio — ainda não providenciei um sofá —, está ocupado. Os sapatos estão encostados em um canto. A camisa social está pendurada na cadeira. O peito nu sobe e desce, impulsionado pela respiração constante. A calça está com o botão aberto, mostrando o elástico da cueca boxer que protege sua intimidade de meus olhos devoradores. Tão sexy observar Cássio vulnerável em seu sono! Mas o que ele está fazendo aqui?

Ele se mexe como se sentisse minha presença. Quando vira de barriga para cima, seu pênis fica em evidência no tecido fino. Uau, que enorme! Estou hipnotizada, por isso demoro a notar que ele acordou e me encara, sorrindo maliciosamente. Não consigo sair do lugar. Permaneço petrificada.

— Bom dia, tequileira. Como você está?

Cássio se senta, e os gomos de seu abdômen se contraem em um movimento muito sensual.

— Estou bem. Por que você está dormindo na minha sala, todo desconfortável?

Ele desvia os olhos do meu rosto e encara os próprios pés.

— Fiquei preocupado e achei melhor ficar por perto caso você acordasse passando mal.

— Eu passei mal ontem?

— Muito. Você não lembra?

— Não — respondo e ergo o punho, mostrando a tatuagem. — Nem disto. Ele cai na gargalhada. Fico sem entender a graça de e fervo de raiva.

— Você e as suas amigas fizeram iguais — explica.

Só pode ter sido ideia da Pâmela. A viciada tem cinco tatuagens.

— Mas e esta?

Viro de costas para ele ver, e seu riso desaparece. Só então percebo que ainda estou de fio dental, com a bunda bem na altura de seus olhos. Não

dou de ombros com medo de a ferida em minha pele repuxar e doer. E não ligo de ser vista seminua. Preciso saber o que se passa. Nunca pensei em fazer uma tatuagem antes. Só uma garrafa de tequila para me convencer.

— Só você fez esta — a voz rouca responde depois que fico de frente de novo.

— Por quê?

— Eu que vou saber, Sara? Você ficou falando em fruto proibido e no lema da sua vida.

— E como foi que eu vim pra casa?

— Eu te trouxe no seu carro. Você não tinha condições de dirigir.

— E as meninas?

— Os rapazes levaram as duas depois dessa maluquice das tatuagens.

Olho para meu pulso esquerdo e começo a gostar mais dela. Só queria me lembrar.

— Onde eu passei mal? No bar ou no tatuador?

— Aqui. Você vomitou bastante, mas eu segurei seu cabelo e tirei seu vestido e seu sapato antes de colocá-la na cama. Você é bem teimosa, não queria tirar o sapato de jeito nenhum.

Meu queixo cai. Ele cuidou de mim.

— Por que você não ficou na cama de casal comigo? Esse tapete não é confortável.

Ele franze o cenho antes de responder.

— Eu não me aproveito de mulheres bêbadas.

— Estou falando de dormir. — Reviro os olhos.

— Na mesma cama que você? Seria impossível pra mim.

Olho para sua calça e noto que o volume cresceu. Caramba! Em minha mente, Cássio é como um amigo gay, mas não é o que estou vendo diante de mim. Ele é muito homem e me deseja. Não sei bem o que estou fazendo, só fico comovida pelo seu gesto. Vejo nele um homem bom e

honesto. Eu me ajoelho diante dele e o encaro antes de abraçá-lo.

— Obrigada. Você é um grande amigo.

— Sara...

Ele me afasta sem sequer retribuir meu gesto. Fico meio perdida e um tanto ofendida.

— Desculpe, eu não queria ser um fardo — me levanto e caminho até a cozinha.

Ele está bem atrás de mim quando me viro, os olhos ardentes, os lábios numa linha fina e rija. Paro, com um copo de água na mão, de frente para ele, sem saber o que dizer e qual será sua reação.

— Fardo é esse desejo insuportável que eu sinto por você.

Eu pisco, incrédula. A intensidade flui de seu corpo para o meu.

— Desde que você me rejeitou, eu só te quero mais. Isso está acabando comigo, Sara. Eu me tornei mais instável do que sempre fui.

Eu havia notado suas oscilações de humor, mas não pensei que eu fosse a causa.

— Me perdoa — digo, sentindo-me mal pela primeira vez.

Ele me pega pelo braço, um tanto rude, mas não me machuca.

— Não me peça desculpas, Sara, por favor.

Parece ofendido também, e eu engulo outro pedido que deseja sair da minha boca.

— Você tem noção do quanto é linda? — Sua mão acaricia minha face, seus olhos comem os meus e me prendem. — Sua sensualidade é um ingrediente a mais, a pimenta que faz você ficar irresistível pra qualquer homem. Você não sabe o quanto foi difícil te deixar, seminua, sozinha na cama ontem. Você inteira é um convite à tentação.

Apesar de suas palavras, ele não vasculha meu corpo como qualquer outro faria.

— Eu que tenho que te pedir desculpas, Sara. Você estava passando mal, e eu só conseguia pensar em posições diferentes para estar dentro de

você.

Suas palavras me tocam onde não deviam.

— Eu sei que sou culpada disso, Cássio. Não me absolva. Eu gosto de provocar.

— É verdade, mas você merece mais do que isso, Sara. Você não é só um corpo.

Ele volta para a sala e começa a vestir a camisa e calçar os sapatos.

— O que você está fazendo? — pergunto, ainda tonta e desorientada. O que está havendo comigo? Sinto uma urgência estranha e desesperadora.

— Vou embora antes que faça alguma coisa de que me arrependa.

Largo o copo intocado sobre o balcão e paro diante dele, estendendo o braço para detê-lo.

— Eu quero que você fique.

Tomo as mãos que casavam os botões e beijo suas pontas com delicadeza, mas elas somem de repente.

— Não, Sara. Você não precisa se prostituir pra me agradecer.

— Cássio! — grito, raivosa. — Eu nunca faço nada que meu corpo e minha mente não queiram! Nunca! Acredite em mim!

Não sei de onde saiu tanto ódio, mas não posso deixá-lo ir embora. Não consigo! Eu me aproximo mais e agarro a gola de sua camisa com as duas mãos.

— Quero que você me toque, assim vai saber em que estado as suas palavras me deixaram.

Ele me encara, petrificado. Não parece convencido. Dou um passo para trás e desabotoo o sutiã, deixando os seios livres. Ele finalmente olha para baixo, mas desvia logo, como se não devesse. Engulo em seco, mas, decidida, pego suas mãos e as pouso sobre cada um deles. Ele fica sem se mexer por algum tempo, mas eu o deixo livre para fazer o que quiser.

— Cássio, fica comigo, por favor. Eu preciso!

Ele continua calado, mas reage. Aperta meus seios. Seu toque tem

delicadeza, porém é firme, como se tivesse decidido me dar o que eu pedi, mas do jeito dele. É bom, suave e sensual. Fecho os olhos, absorvendo com a pele o carinho que ele sente por mim. É exatamente como suas palavras: intensas, mas afáveis. Cássio se inclina e aspira meu cheiro. Seu nariz roça em meu pescoço, arrepiando meu corpo todo.

— Você é perfeita.

— Não sou, Cássio. Ninguém é — respondo, ainda com os olhos cerrados.

Beija minha nuca. Seus dedos brincam com meus mamilos.

— Perfeita em sua imperfeição.

Estremeço. Suas palavras mexem comigo de um jeito diferente. Eu sei que é desejo, mas tem algo mais. Ele escorrega as mãos pela minha pele, deixando calor e vontade por onde passa. Fico parada, entregue, deixando-o venerar meu corpo de uma maneira tão única que qualquer coisa que ele me pedisse agora eu faria.

Sua boca acompanha minhas curvas, seguindo o trajeto das mãos. Demora-se em meus mamilos, umedecendo-os com a língua. Seus dedos engancham no fio de minha calcinha, baixando-a até meus tornozelos enquanto me beija a barriga. Acaricia minha fenda e constata quão excitada me deixou.

— Você não estava mentindo.

— Eu nunca minto, Cássio. Eu te quero.

Tudo some de repente. As mãos, os lábios e a língua. Abro os olhos para procurá-lo, e ele me encara. Tem que baixar o olhar em minha direção.

— Então você não me quis antes, quando eu disse que queria te provar.

É uma afirmação, mas, ainda assim, só respondo com sinceridade.

— Não. Sinto muito.

— Não sinta — ele rebate tranquilamente. — Eu jamais forçaria uma mulher a ficar comigo, por mais que a quisesse. Estou feliz porque agora você me deseja também, ainda que não tenha a mesma intensidade.

— Vou te mostrar o quanto estou com vontade.

Desabotoo os poucos botões que ele conseguiu enfiar nas casas antes de impedi-lo. Jogo sua camisa para trás, passando-a pelos seus ombros fortes, e aliso sua pele. É tão sedosa! Baixo o zíper de sua calça e a derrubo por suas pernas bem torneadas. Só de boxer, seu corpo é incrível.

— Você é muito sexy — admito.

Encho a mão com seu pênis, e ele me agarra, apertando-me contra si; acho que deseja me fundir a seu corpo. Sua urgência me enche de tesão.

— Não precisa me provocar mais, senão eu juro que vou explodir agora mesmo.

Sua boca se cola na minha, deslizando em meus lábios, me tomando com a língua. A invasão é tão profunda, tão intensa, tão sensual que provoca mais excitação em meu corpo. Suas mãos não param de me acariciar, sentir, decorar minhas curvas. Eu tento livrá-lo da cueca, com grande dificuldade. O espaço minúsculo entre nossos corpos não facilita. Seguro seu bumbum, ele toma o meu, e nosso beijo se intensifica. Como é possível?

Nossos quadris estão tão grudados que posso sentir o pênis pulsar contra minha pele nua. Ele me empurra até me encostar à parede, puxa minha coxa para cima, e eu envolvo seu corpo com a perna. Seu dedo escorrega para dentro de mim, e sua língua lambe meu lábio superior, provocando-o. Eu gemo. Ele se afasta de repente, e eu vejo sua face retorcida de raiva. Petrifico, grudada à parede.

— Merda! — exclama, passando a mão pelo cabelo. — Eu não tenho camisinha!

Minha tensão não resiste a seu acesso de fúria e eu rio, curvando o tronco contra o chão.

— Qual é a graça, Sara? Já sei. Você não pretendia transar comigo de verdade.

Paro de rir na hora.

— Não, seu bobo. Já esqueceu que me deixou morta de tesão? — Ele pisca, sem entender. — Na minha bolsa tem camisinha. — Tenho vontade de bufar. Sua instabilidade me irrita na maior parte do tempo.

— Posso? — Um sorriso tímido brilha em seus olhos.

— Por favor, não me faça esperar mais tempo!

Ele ri abertamente desta vez e vasculha a enorme mala que eu chamo de bolsa. Quando volta, alguns segundos depois, seu lindo pau já está protegido e eu sorrio ansiosa. Cássio caminha até mim, rápido e certo, tomando-me nos braços com facilidade, e me pega desprevenida. Solto um gemido excitado e surpreso.

— Onde estávamos? — Sua voz agora é rouca, e queima dentro de mim.

— Aqui — respondo, erguendo a outra perna. Quando percebo, está me invadindo.

Ah! Sinto-o entrar e rapidamente chegar mais fundo. Com um suspiro em minha boca, ele está inteiro dentro de mim. Me beija ferozmente, ao mesmo tempo em que começa a se movimentar, saindo e voltando. Estou tão estimulada, tão sensível, não consigo abrir os olhos, mas sinto com o corpo todo. Eu me seguro em seus ombros largos, apertando as pernas em seu quadril, que não para.

Minhas costas batem cadenciadamente contra a parede, fazendo o som ecoar pela sala quase vazia. Os gemidos aumentam, o baque surdo também, e o orgasmo se aproxima, como um ladrão sorrateiro, para me tirar desta existência material. Suas mãos apertam meu quadril, movendo-se com mais força para dentro de mim, tão profundo que não me seguro mais. Desgrudo nossas bocas para poder gritar em meio ao êxtase.

Cássio prossegue, se perdendo junto comigo. Puxa meu pescoço e me beija até me fazer parar de respirar. Me carrega pela sala até o tapete e inclina meu corpo, ainda preso ao seu, ofegante e trêmulo, deitando-se sobre mim. Começo a me mover, ainda duro, e eu sorrio diante de seu

desejo desenfreado. Giro nossos corpos, ficando por cima dele, meus cabelos uma profusão confusa e louca fazendo uma cortina ao redor de seu rosto. Começo a me mover lentamente, rebolando em seu pau duro.

— Você é insaciável — brinco.

— Você é irresistível. — Suas palmas deslizam em meu corpo úmido, da cintura até a bunda, e a apertam com força, gemendo. Seu hálito esquentava meu rosto.

Estimulada, ergo o tronco, subindo e descendo o quadril contra o dele. Arfo, jogando a cabeça para trás sem parar de me mexer.

— O sexo foi tão bom assim? — sussurro.

— Isso não foi apenas sexo, Sara. — Eu o encaro, e seus olhos brilham com algo mais. Estremeço, e alguma coisa sobe das pontas dos meus pés até meu couro cabeludo. — Eu sei que por trás desse furacão em forma de mulher existe uma menina com medo de se apaixonar e se machucar novamente. Mas acho que está na hora de você parar de fugir.

Eu realmente paro, mas de transar. Quem ele pensa que é para me dar lição de moral, ainda mais no meio de uma trepada? Me levanto, irritada demais até para bater boca com ele.

— Acho melhor você ir embora agora que já teve o que queria — digo, irônica, encarando-o.

Ele me agarra pelo braço quando faço menção de sair da sala.

— Escuta, Sara! — Sua voz é feroz e faz com que eu me encolha. Odeio ser intimidada. — Olha pra mim! — Ergo o queixo, queimando de orgulho. Aperto os lábios, mostrando toda a minha indignação. — Até quando você vai fingir que não quer se relacionar? Pra você, o que foi isso que nós tivemos? Pra mim foi carinho, admiração, respeito e muito desejo de satisfazer o outro. Por que outro motivo as pessoas transam, beijam, casam? Sexo é se relacionar, ainda que você não esteja namorando.

— Você não sabe nada sobre mim, como eu me sinto ou o que eu quero.

— Eu sei o que eu vejo: uma mulher que sofreu e agora está escondendo

a dor atrás da imagem de que não se importa. Mas eu enxergo a verdade nos seus olhos, Sara, desde o dia em que te conheci, e agora eu desvendei o seu coração quando você se entregou pra mim. Você fez isso porque se sentiu segura e bem. Você quis que eu te acariciasse, beijasse, mostrasse que você é uma mulher desejável. Eu e mais ninguém.

— O que você me deu qualquer um podia ter dado.

— Não seja vulgar. Você não é esse tipo de mulher. Tem sentimentos, não é fria.

— Está muito enganado. Você não me conhece! Sai da minha casa e esquece que um dia estive aqui. Pode ter certeza de que eu já esqueci!

— Sara... Você não pode estar falando sério!

Eu o ignoro, caminhando até a porta, e a escancaro para que ele passe bem longe de mim. Ele se vai, e, ainda nua, encosto as costas úmidas na madeira depois de fechar a porta. A raiva me consome a razão, os pensamentos. Suas palavras ecoam dentro de mim, machucando, ferindo, destruindo as barreiras que construí para me proteger da dor. E ela volta para preencher o vazio em meu peito. O medo é aterrador e me sufoca.

Perco as forças das pernas. Meu coração está palpitando tão depressa que acho que vou morrer a qualquer instante. A respiração fica difícil e eu me encolho, agarrando as pernas. Quero chorar, gritar, fazer qualquer coisa para que a angústia passe, mas sou incapaz. Só me obrigo a inspirar e expirar freneticamente para continuar viva.

Por que ele tinha que me falar aquelas coisas? Por que não podia ser como os outros?

PERDENDO O CONTROLE

ESTOU FORA DE MIM.

Tremo dos pés à cabeça, sem forças para sair do lugar. Ainda estou nua, agachada atrás da porta, concentrada em inspirar e expirar desesperadamente. O buraco em meu peito se abre, e eu temo que a morte chegue e me encontre assim, frágil demais para lutar. Não quero morrer! Anulo todos os pensamentos quando percebo que eles estão alimentando meu medo.

Minha mente fica em branco, e o tempo passa devagar, enquanto meu batimento cardíaco diminui gradativamente para a normalidade. Estou de olhos fechados. Minha pele se arrepia quando uma brisa me alcança, mas eu ignoro. Parece que meu coração nunca mais será capaz de bater no compasso de antes. Um toque estridente me sobressalta, e eu demoro alguns segundos para perceber o que é.

Primeiro penso que é Cássio voltando ao apartamento para continuar a discussão, mas agora identifico o som do celular. Ele está enfiado em algum lugar no buraco negro de minha bolsa, largada sobre a mesa da sala de jantar. Vasculho a sua procura, apressada, esquecida de minha crise, e o encontro a tempo de atender.

— Alô! — estou esbaforida.

— Vixi, estou atrapalhando alguma coisa?

— Pâmela? — tento reconhecer, mas disparo em seguida. — Sua filha da mãe. Como foi que você me convenceu a fazer duas tatuagens?

Ela gargalha, indiferente a minha ameaça.

— Que mau humor é esse? Eu te ligo pra agradecer pela noite maravilhosa e você me xinga?

— Que noite maravilhosa? Eu não lembro de nada!

— Não? — ela se espanta, cessando o riso.

Ainda bem! Estou bufando, e vou despejar tudo nela.

— O que aconteceu depois que nós fomos pra pista de dança?

— Nós voltamos pra mesa porque nossos pés estavam nos matando, e eu pedi um champanhe para brindarmos o fim do nosso sofrimento e o começo de uma nova vida.

— Champanhe? Como foi que você me deixou misturar bebida?

— Todas nós misturamos, mas acho que você bebeu mais e depois ficou cantando aquela música sertaneja “Só vou beber mais hoje”.

— Aff, Pâmela! O que foi que eu fiz depois?

— Bem, eu disse que estava decidida a fazer a minha sexta tatuagem com os quatro efes, e você ficou animada também. Parabéns, amiga. Fiquei superorgulhosa por você ter tido coragem de fazer duas na primeira vez. Você é muito forte! Nem reclamou!

— Forte? Eu estava trêbada!

— É, talvez a bebida tenha te dado coragem, então.

— Mas eu nunca quis fazer. O que foi que me deu na cabeça?

— Amiga, relaxa — ela me tranquiliza. — Talvez você, como eu, quisesse um lembrete pra nunca esquecer o que aprendeu com tudo isso e não repetir os mesmos erros.

— A tatuagem no punho eu até entendo, mas e a maçã?

— Essa foi realmente ousada. Significa o fruto proibido. Você disse que estava marcando a pele com um símbolo que te definisse.

Eu só posso ter enlouquecido!

— Quanto tempo demora pra cicatrizar e parar o incômodo?

— Uns sete dias, se você cuidar direitinho. Vou te mandar umas dicas por WhatsApp.

Respiro fundo e penso no quanto ainda vou ter que suportar essa dorzinha chata.

— Bem, até que ficou sexy — admito.

— Ficou demais, Sara! Com uma blusa de um ombro só, vai fazer sucesso.

— Agora me conta quando foi que nós nos separamos.

— Ah, sim. Nós fomos todos juntos ao tatuador. Os rapazes disseram que não perderiam essa por nada. Nós fomos fortes. Só a Jamile fraquejou um pouco, mas o peguete ficou segurando a mão dela o tempo todo. Uma fofura!

— Pera, peguete? Ela pegou quem?

— Aff, Sara, você não lembra da melhor parte da noite mesmo... Nós todas pegamos alguém!

— Sério? Quem?

— Você pegou dois carinhas na pista de dança. Aquele seu amigo ficou te cercando, você chegou a dar patada nele, tadinho, e eu ameacei prendê-lo quando ele tentou tirar você da cadeira do tatuador. Você o mandou embora, dizendo que queria fazer e que ele não tinha nada a ver com a sua vida, mas ele achava que precisava te salvar porque tinha certeza de que você iria se arrepender depois.

É, mais ou menos por aí. E ele me escondeu todos os detalhes. Que noite!

— A Jamile pegou o João Paulo; e eu, o Bruno.

— O quê? O come quieto do Bruno?

Sua risada alta ecoa de novo pelo telefone.

— Exatamente. A noite foi bem longa pra nós dois.

Meus colegas de trabalho são uns nerds, sérios e compenetrados. Eu não imaginava.

— Mas e você? — Pâmela desvia totalmente o foco. — Deu uma chance ao Cássio?

Suspiro ruidosamente, irritada.

— Infelizmente, sim.

— Por que infelizmente? — ela grita, me deixando com um zunido no ouvido. — Ele é gostoso pra caramba.

— É, mas não serve pra mim.

— Como assim, Sara? Eu não sabia que você tinha ficado tão exigente. Quem escolhe muito termina escolhido.

Odeio provérbios.

— Não é nada disso. Não estou escolhendo ninguém. Ele quer algo mais, e eu não posso dar.

— Por que não? Ficou louca? Não se dispensa assim um gato que está a fim de você!

Eu devia tê-la deixado a par de todos os pormenores do meu caso crônico de divórcio.

— Pâmela, eu não estou pronta pra um relacionamento agora, e o Cássio não é o tipo de cara pra pegar uma noite só.

O telefone fica mudo, e eu fico achando que caiu a linha.

— Alô? Pam? Taí?

— S-sim, Sara, estou. Nossa, o que você admitiu agora me deixou em choque. Eu não sabia que você tinha esse tipo de concepção tão madura.

Engulo em seco. Eu me sinto fria, porque não me arrependo de ter falado merda para o Cássio nem de tê-lo dispensado. Mas será que ainda existe sentimento em mim lutando para voltar à superfície? Seria errado permitir? Errado eu acho que não, mas doloroso, sim. Esse é um risco que ainda não estou disposta a correr. Estou ferida, partida, cicatrizando lentamente. Resolvo virar a mesa.

— Que tipo de pessoa você pensa que eu sou? — me finjo de brava.

— Ah, desculpe. Eu só vi outra coisa ontem à noite, mas você tava bêbada, nem devia ter levado a sério.

Mas é quando estamos bêbados que deixamos a verdade vir à tona. Será, então...?

— Agora, para de me enrolar e me conta todos os detalhes da sua ficada

com o Bruno. — Mudo de assunto para fugir.

— Só se você contar a sua com o Cássio.

— Sua chantagista!

...

A semana foi infernal! Estou tendo um colapso. Meu estresse está nas alturas, e não posso fazer nada para amenizá-lo. O fim do ano está chegando, e à noite estou me dedicando aos estudos para o concurso, além da hora extra no trabalho por conta deste cliente maldito. Para ajudar, tenho que aguentar cara feia... Que para mim é fome! Cássio e Henrique. Em relação ao primeiro, reconheço minha culpa. Mas ao segundo, não.

Acho que a namorada de Henrique andou dormindo de calça jeans, se é que eles ainda estão juntos. Faz tempo que não ouço telefonemas pessoais dele através da parede; ninguém tem privacidade neste escritório. Nem o próprio chefe.

O dia de hoje parece que não vai acabar. Não tive nenhuma distração. Cássio está sendo estritamente profissional e cortou nossa agradável hora de almoço juntos. Aproveito para estudar a papelada sobre legislação que carrego na bolsa. Todo tempo é precioso quando se está focado no que mais se deseja. E eu quero ser uma juíza, ainda que tatuada. Preciso mudar minha vida radicalmente, fazê-la percorrer um novo caminho.

Alimentei raiva por mim mesma nos últimos dias. Culpa do Cássio, que foi me atentar quando eu estava na minha, disposta a mantê-lo longe. O que me incomoda é o arrependimento. Não queria me arrepender de nada neste recomeço, e é duro admitir que não há como ter controle sobre tudo. Não dá para ficar bem e feliz o tempo todo, mas eu quero estar na maior parte dele.

O baixo astral me deixa irritadiça, por isso afundo no trabalho e nem

vejo a hora passar. Necessidades fisiológicas me fazem levantar para ir à cozinha ou ao banheiro, e é em uma dessas andanças que percebo que já escureceu e o escritório está silencioso. Bisbilhoto os cubículos dos colegas e os encontro vazios.

Nossa, nem percebi que foram embora, mas os músculos do pescoço e das costas reclamam, me garantindo que perdi a noção do tempo. Entro de supetão na sala do chefe, ansiosa para ir para casa também. O dia foi longo demais. Aqueles olhos sempre cansados me encaram de volta com um brilho novo. Eles queimam nos meus.

Fico surpresa e perco as palavras, parada na porta, presa em sua imagem. O poder o envolve como uma aura. A camisa, sempre bem alinhada, está entreaberta, revelando parte dos pelos de seu peito. Sim, meu chefe é sensual em seu terno, gravata e cabelo sempre impecáveis, como já cansei de reparar. Porém, bagunçado deste jeito, fica irresistível. É tão clichê!

— Não sabia que você ainda estava aqui, Sara. Todo mundo já foi?

O nervosismo acompanha sua fala. Gaguejo uma resposta que ele nem se dá ao trabalho de entender. Caminho a seu encontro, guiada pela sensação desconcertante de estar fora de mim. Isto está se tornando um hábito irritante, mas inquestionavelmente prazeroso. Sorrio, e seu olhar acompanha meus movimentos como se estivesse de sobreaviso.

— Ai! — exclamo ao topar com sua mesa.

Baixo os olhos para conferir o estrago em minha unha e me deparo com um processo inteiro espalhado pelos ares, flutuando até o chão. Quase morro de desgosto e de vergonha. Onde estou com a cabeça? Ah, claro, no corpo de Henrique. O quarentão mais interessante que já conheci.

— Desculpe! Que desastrada! — digo, abaixando-me para tentar reorganizar a pilha com mais de quinhentas páginas. Deus me ajude!

— Tudo bem. Acontece.

Seu hálito agita meu cabelo, e seu perfume de homem gostoso atinge

minhas narinas em cheio. Meu pulmão inflama. Meus olhos captam os seus ao mesmo tempo em que sua mão — enorme e quente, que me dá ideias nada convenientes sobre seu “tamanho” — repousa sobre a minha. Parecemos estátuas, não fossem as respirações, de repente, aceleradas. O calor que emana de seu toque percorre meu corpo, fervendo meu sangue.

Sei que algo despertou em meu cérebro antes daquele pequeno contato. Algo que estava escondido, adormecido, esperando para ser acordado por um beijo doce, inocente, mas capaz de me fazer borbulhar. Eu desejo o meu chefe. Com pele, suor e língua. Alto, atlético, a boca perfeita a centímetros da minha. Meu coração bate com força contra as costelas, bombeando sangue direto para a parte de meu corpo que mais o quer. Pulsa, pulsa, pulsa.

Seus olhos me devoram a alma. Henrique passa a língua nos lábios ressequidos, fixando minha atenção. Eles se movem de maneira insinuante.

— Você deve estar cansada. Pode deixar tudo aí.

O quê? Ah tá, o processo. Meus dedos estão dormentes há algum tempo, incapazes de se moverem, sob o efeito de sua pele na minha. Meu Deus, só posso ter pirado! Não tenho forças para me afastar, mas parece que Henrique tem. Ele se levanta de uma vez, levando-me com ele, como se ajudasse a me erguer. Sigo seu gesto sem perceber, no rastro de seu cheiro. Estamos tão próximos que ele dá um passo para trás, hesitante.

— Sara! — sua voz é urgente e me desconecta do mundo imaginário em que me enfiei naqueles minutos. Resmungo “hã” enquanto volto a encarar seus olhos. O fogo continua neles, como uma onça presa em uma jaula, doida para sair. — Melhor ir embora agora.

À FLOR DA PELE

SUAS PALAVRAS NÃO CONDIZEM COM SEU OLHAR.

Engulo em seco enquanto me solta e se senta de novo na poltrona de couro, me dispensando. Ah, não, baby. Você acendeu uma chama aqui, agora vai ter que apagar. Enxugo as palmas suadas na saia. Coloco um pé na frente do outro de maneira comedida e despretensiosa, calculada para fazer o quadril marcado quebrar para os lados com lentidão.

— Henrique, do que você tem medo? Que eu te processe por assédio sexual? — Seus olhos me encaram, desconcertados. Claro, ele é o melhor advogado que conheço, com certeza pensou que me atacar em sua sala poderia lhe causar problemas. Talvez não fora dali, mas não tenho tempo para uma bebida antes de provar aquela boca. Quero agora! — Não se esqueça, eu também sou advogada. Não vou fazer isso por dois motivos: quero ser a melhor no que faço e não pretendo alcançar esse objetivo com favores sexuais. — Espalmo a mão contra seu peito, escorregando em suas formas firmes, enquanto repouso um joelho sobre sua coxa grossa. — Nós dois estamos estressados e precisamos relaxar. — Deslizo a perna até encaixar meu quadril no dele e me sento em seu colo, sentindo-o rijo sob mim. Sorrio. — Vamos nos divertir por uma noite. Amanhã vai ser como se nada tivesse acontecido.

Agarro seu queixo, puxando sua boca contra a minha, mas ele me detém, travando o pescoço forte. Nossos olhos estão próximos.

— Sara... — meu nome é um suspiro em seus lábios trêmulos. Suas mãos deslizam pelas minhas coxas, erguendo a barra da saia. — Você é muito gostosa!

O choque percorre meu corpo quando nossas bocas se encontram, se movendo no ponto de ebulição. Sua língua dança em minha boca. Sua mão pressiona minha cabeça, tentando aproximar o que já está fundido. Minhas mãos escorregam pelos botões de sua camisa, rápida e precisa.

Ele enrosca os dedos em meus cabelos bruscamente, um gemido doloroso escapa de seus lábios quando espalmo as mãos em seu tórax, deslizando-as até os ombros. Afasto nossas bocas para contemplar aquele peitoral. É lindo, definido, suado. Os músculos se contraem ao meu toque. Sorrio com malícia. Suas mãos passeiam pelas minhas costas, quadril e pernas.

— Eu te desejo tanto que chega a doer.

Pouso um dedo sobre seus lábios apetitosos.

— Shhh. Não diga nada que possa se arrepender depois.

Mordo seu lábio inferior enquanto mantenho a camisa em seus braços, incapacitando-o. Está sob o domínio de minha boca e minha língua, que passeiam pelo seu maxilar travado de prazer. Sugo o lóbulo de sua orelha, faço que vou morder, mas apenas raspo os dentes. Henrique geme alto, apertando o quadril contra seu pau duro. Raspo as unhas em seu peito, demorando-me em seu abdômen.

— Que delícia! — exclamo em voz alta.

Arfando, ele gruda os lábios molhados em meu pescoço, e eu me entrego ao prazer de sua carícia. Sua boca grande incendeia minha pele, suas mãos acariciam minha nudez sem me livrar da blusa. Fico sem ar, inclinando o tronco para trás. Ele me sustenta com um braço forte, sem nunca parar de me excitar, e com a outra mão me desabotoa os dois primeiros botões da blusa. Meus seios saltam, os bicos intumescidos contra o bojo. Henrique puxa o tecido de lado e enfia o rosto entre eles, me cheirando, me lambendo, me enlouquecendo.

— Ah! — deliro! Adoro rodeios. Estão ali, prontos para serem sugados, mas Henrique os ignora e eles reclamam, doloridos. Estou no paraíso!

— Você gosta de provocar? — questiona, puxando meu cabelo para trás. Sua voz está rouca de prazer. — Eu também conheço esse jogo. E já vou avisando: gosto de jogar sujo.

Seus dedos se apertam com força a meu redor enquanto ele se ergue da cadeira. Laço seu quadril com as pernas e seu pescoço com os braços. Nossos olhos se encontram. Os dele são bolas incandescentes. Só imagino o quanto os meus gritam que estou gostando deste momento. Ele me deita no sofá, prensando o pênis duro contra minha calcinha úmida. Suas mãos acariciam os bicos de meus seios enquanto sua boca devora a minha. Sou sugada para um abismo quente, onde não há como respirar.

Ok, ele está ganhando esta jogada. Por Deus! Que homem é este? Seu corpo enorme me cobre por completo. Permite que eu aspire novamente, fritando minha pele com sua língua. Uma mão ainda cobre e acaricia um seio, e sua boca toma para si o outro. Arqueio o corpo, me retorço, gemo. Meu mamilo é chupado contínua e deliciosamente, me fazendo acreditar que o êxtase está mais próximo do que imagino.

As roupas começam a me incomodar. Está quente, muito quente, fervendo! Agarro os fios escuros de seus cabelos e puxo sua cabeça para longe do meu corpo.

— Você ainda não ganhou! — afirmo, ofegante.

Suas mãos ameaçam arrebentar os botões das casas de minha blusa, mas por fim ele opta por desabotoá-los com uma paciência irritante. Está mesmo jogando, e muito sujo, como avisou. Tenho vontade de esbofeteá-lo pela demora, mas o deixo concluir. Tenho uma carta na manga, e a próxima jogada será minha.

Henrique mergulha a cabeça em meu abdômen, e eu me contorço novamente. Puta que pariu! Sobe, passando pelos meus seios sem ignorá-los, e vai parar em meu ombro, onde puxa a alça do sutiã junto com a manga da blusa. Passa as mãos por trás de meus cabelos, arrepiando minha pele, enquanto continua lambendo o trajeto até minha boca e, em

um movimento só, me coloca sentada em seu colo.

Não o deixo terminar de me despir. De forma brusca, me livro de sua mão, jogando os ombros para trás. Agarro as mangas de minha blusa com os dedos e deixo meu corpo se inclinar naturalmente contra o seu enquanto me livro da peça. Ele se permite dominar, mas suas mãos abrem o fecho de meu sutiã e descem automaticamente para o zíper de minha saia enquanto o empurro contra o estofado. Não perco tempo. Ataco o cinto de sua calça, arrancando um gemido abafado de sua boca contra a minha. Ele ergue o quadril, apesar de meu peso sobre ele, enquanto puxo o acessório através dos passantes. Suas mãos me equilibram. Abro o zíper e paro. Ele nos separa e me olha. Sorrio de volta.

— Cansei dessa brincadeira. Hora do show!

— O quê? Sara, não se atreva...

— Shh. O que foi que eu disse?

Apesar de ela estar presa na minha cintura, toda embolada, ainda estou de saia. E de calcinha! Vê se pode! Mas meu ataque vai mirar na calça dele. Apoio as mãos contra seu peitoral e me levanto. Ele tenta reclamar, mas eu o calo com um olhar. Fico em pé sobre o sofá, procuro me apoiar contra a parede, e passo o pé na pele barbeada de sua face, descendo pelo seu pescoço, me demorando em seu tórax largo e parando sobre o pênis. Uau! Enorme e rijo! Acaricio seu membro despreocupadamente. Seus olhos me devoram em desespero.

— Sara, por favor...

— Shh, Henrique. Não me faça mudar de ideia.

Paro de me deliciar com seu pênis e abaixo a saia até o tornozelo, virando a bunda em sua direção. Ok, isso foi um pouco exibicionista, mas, poxa, se ele me acha gostosa, vai adorar esse tipo de espetáculo. Não errei. Suas mãos tentam me agarrar, e eu me esquivo a tempo, pulando entre suas pernas.

Puxo o cós da calça e da cueca de uma vez, passando a língua na pele

sensível. Seus pelos se eriçam, excitados. Quero vê-lo por inteiro, por isso não enrolo: tiro tudo. Devido a seu tamanho e peso, ganho uma mãozinha, que agradeço com um sorriso. Então, lá está ele. Enorme como seu dono.

Faço o que qualquer mulher faria ao se deparar com um exemplar como este: pego, lambo e chupo com vontade e força. Henrique revira os olhos, enlouquecido. Já me disseram que sou boa nisso, então eu acredito, tá bom? E me esforço também para agradar, evidentemente. Sexo é uma troca. Se eu quero receber prazer, dou prazer na mesma intensidade.

Ele está curtindo, como qualquer homem, mas o desejo de me tocar prevalece. Ergue o tronco, se sentando com uma rapidez que não prevejo. O susto me faz erguer a cabeça, que ele toma entre as mãos, e beija meus lábios efusivamente.

— Quero transar com você de todos os jeitos. Se esta é a única oportunidade, só vamos sair daqui quando raiar o dia.

Não digo nada, apenas sorrio com malícia. Ele me deita contra o sofá, se senta no tapete, puxa minha calcinha com estupidez, me marcando a pele com vergões avermelhados que não me incomodam nem um pouco. Já estou quente, marcada e agora vou ficar extasiada. Sua língua lambe com firmeza meu sexo em um ritmo impossível de resistir. Eu me perco em algum lugar no além-vida, entre as sombras da fogueira onde sou queimada viva. O inferno se torna o céu. Mas o céu queima como o inferno. Ambos se misturam, me levando a um estado alfa pleno. Meu primeiro orgasmo da noite.

Nunca é intenso o bastante, por isso eu o estímulo a prosseguir, apertando sua cabeça contra meu clitóris, e tomo fôlego para o êxtase que vai me tirar o ar. Henrique continua me chupando, o calor queima o caminho invisível percorrido pelo meu sangue nas veias. Sinto a lava subir pela boca do vulcão com uma velocidade impressionante. Enrosco meus dedos em seus cabelos quando a erupção explode em fogos de

artifício dentro de mim.

Meu gemido longo o faz perceber que seu objetivo foi alcançado. Ele vasculha o bolso da calça, pega a carteira e tira uma camisinha de dentro. Depois de se proteger, se joga em cima de mim ao mesmo tempo em que me penetra profundamente, me arrancando uma exclamação de prazer. Ah! Seu pau enorme me invade sem rodeios ou cuidado, fazendo-me sentir cada milímetro de sua extensão. Somos um corpo agora, no mesmo desejo insano. As respirações entrecortadas são carícias contra os rostos suados. As mãos transpiram.

— Gostosa! — a palavra salpica meu pescoço enquanto ele mete com força, me fazendo agitar convulsivamente.

Aperto entre os dedos seu traseiro durinho, puxando-o mais fundo para dentro de mim. Ai, meu Deus, que homem gostoso! Acelera o ritmo, sua virilidade em estocadas firmes e fortes. Vou à loucura. De novo! O jorro de prazer se espalha rapidamente pelo meu corpo, incitando o fogo a se inflamar mais e mais. O gozo se derrama como um líquido inflamável. Eu me espalho em milhares de fragmentos.

Sua boca gruda na minha, impedindo que meu grito ecoe na sala. Continua metendo com força, me mantendo em deslumbre por tempo indeterminado. Meus sentidos estão aguçados, cada fibra de meu ser vibra em contato com seu corpo. Posso senti-lo por dentro e por fora, mesmo estraçalhada e ardendo. Sua língua também me invade, e seus dedos se mesclam a meus cabelos. Sinto-me esvair por inteiro em um prazer intenso demais.

— Goza, safada! — interrompe o beijo para resfolegar em minha orelha.
— Goza no meu pau!

É difícil me contorcer sob seu peso, mas eu tento, fincando as unhas em sua carne. Curvo o pescoço, que ele tempera com seu suor e saliva, aumentando as sensações que se multiplicam pelos meus nervos. Extravaso em um grito longo. Puta merda, que delícia! Minha vagina

mela, e seu pênis escorrega com mais facilidade dentro de mim. Reduz o ritmo abruptamente, voltando a meter com força, me arrancando um gemido. Encaro seu olhar. Ele se retira totalmente e entra em seguida outra vez.

— Deliciosa.

Henrique mete sem pressa, duro como uma tora, me fazendo estremecer a cada estocada repentina. Beija-me arfante, acariciando minha face em círculos com as pontas dos polegares. Afasta-se, mas toca meus lábios úmidos com os mesmos dedos.

— Eu posso ficar assim a noite toda — ele sussura.

— Não pretendo te deixar escapar tão cedo. Estamos só aquecendo.

Seu sorriso de malícia me esquentava. Passo as unhas pela extensão de suas costas, lambendo seu pescoço salgado e duro. Ele se estica, os músculos se contraem em espasmos de prazer sob minha língua. Aperto seu quadril com as pernas quando se enfia em mim de novo. Henrique aproveita o gesto e se levanta, me segurando com firmeza e se sentando no sofá. É a minha vez.

Levanto o quadril até sentir a pontinha dele querendo escapar de mim e sento outra vez, arrancando um suspiro de seus lábios. Apoio as mãos no encosto do sofá e repito o movimento. Suas mãos envolvem meus seios, encaixando-se perfeitamente. Aperta-os enquanto mete fundo para dentro de novo. Tenho vontade de pular nele até fazê-lo gozar, mas me contenho. Preciso recuperar minhas próprias forças, e não é necessário ter pressa. Ele não vai sair dali.

Rebolo sobre ele, sentindo-o duro contra as paredes do canal que o abriga, me estimulando. Ele morde o lábio inferior. Mexo o quadril para a frente e para trás de forma constante, apesar de ainda desacelerado. Fica complicado não me entregar ao calor que começa por dentro e se estende sob minha pele, pipocando-a de suor. É tão gostoso tê-lo entrando e saindo de mim, ao meu bel-prazer.

Suas mãos pressionam meu quadril contra o dele, aprofundando a metida. Puxa com força e empurra de volta, acelerando a cavalgada, totalmente entregue ao êxtase que o aguarda. Como um fósforo riscado na ponta de um pavio curto, seu gesto acende em mim um novo orgasmo. Impossível conter! Impossível parar! Impossível eu não chegar até ele. Intensifico o movimento de maneira tão impossível quanto meu desejo se mostra, me levando de volta ao limbo, de onde não quero mais sair.

Minhas pernas bambeiam, o ar escapa de meus pulmões, sinto seus ombros largos sob meus dedos enquanto os aperto. O gemido trava em minha garganta, sem forças para escapar. Henrique continua me puxando quando vacilo. Mantenho o movimento ainda que um novo êxtase se aproxime. Seus olhos vidrados me captam como radares. São eles que me dão energia e impulso para prosseguir.

Seus dedos são lava, laranja e fervente, em minha pele. Henrique arfa, descontrolado, incapaz de se segurar desta vez. Mantenho a conexão com esforço. Enquanto o observo, também gozo com uma intensidade que me faz vibrar até os ossos. Ofegante, desacelero, sem nunca parar. Um sorriso sacana curva seus lábios.

— Você fica linda quando goza. Suada, descabelada... perfeita!

Eu o beijo demoradamente para calar sua boca. É tão gostoso, atrevido, incendiante!

— Preciso de uma bebida — me afasto para dizer.

Henrique suga meu lábio inferior com violência e me libera para que eu possa levantar. Dá um tapa em minha bunda quando me viro.

— Volta logo que eu ainda não acabei com você.

Olho para ele. Ainda está duro e em pé, por incrível que pareça! Tenho vontade de beijar sua cabeça rosada. Vou até o frigobar e viro metade da garrafa de meio litro no bico. Volto desfilando ao perceber seus olhos me devorarem e noto a janela aberta, por onde qualquer um do prédio ao lado pode estar nos vendo agora. Sorrio.

Ele me intercepta na mesa grande, beijando-me ardentemente. Suas mãos apertam minha bunda. Ele me gira bruscamente, me deixando de costas. Enfia uma mão na fenda melada entre minhas pernas, acariciando meu clitóris, e, com a outra, aperta meus seios. Que delícia! Seu pênis ereto me cutuca.

— Você é gostosa demais, Sara.

Inclina meu tronco sobre a mesa de madeira, onde eu apoio as mãos, e me penetra por trás, devagar, cadenciado, saboreando a sensação de me possuir.

O jogo proibido não vai acabar se depender de mim.

O QUE MAIS TEME

VALENTINA ME SALVOU DE UMA HORA
DE ALMOÇO TEDIOSA NO ESCRITÓRIO.

Estamos em um restaurante requintado no shopping. Após pedirmos nossos pratos, faço um relato bem sucinto para explicar as tatuagens (a do pulso eu escondo com uma pulseira larga; a das costas, com uma blusa de manga comprida) e meu deslize indesculpável com Cássio.

— Você o quê?

Nunca vi minha amiga chique perder as estribeiras. É a primeira vez.

— Eu sei, Val. Dei mancada. Eu nunca deveria ter ficado com ele.

— Deixa de ser burra, Sara. Você não devia ter dispensado o cara!

Hein? Não consigo entender a cabeça dessas minhas amigas. Em que mundo elas vivem?

— Como não, Valentina? Ficou louca?

— Você que perdeu o juízo! Ele realmente está interessado.

— É exatamente por isso que eu não posso ficar com ele!

Se ela soubesse da transa ousada com Henrique, teria um infarto!

— Essa sua lógica me irrita! — desabafa, me encarando com firmeza. — Do que você está se protegendo, Sara?

Protegendo? Eu? De nada!

— Como assim?

— Só eu que vejo a sua tentativa furada de bloquear as pessoas que tentam se aproximar de você? Quantas vezes você fica com o mesmo cara?

Conto mentalmente.

— O máximo até hoje foram três, depois disso eu fico entediada.

Ela ri alto demais para seus padrões.

— Que nada! Você não quer se abrir, então não dá oportunidade pra que a relação se aprofunde. — Relação? Que relação? É só sexo! Será que alguém vai me entender um dia? Bufo. — Pode ficar irritada o quanto quiser, mas você sabe que eu tenho razão.

— Não vou entrar nesse mérito com você. É absurdo demais até para discutir.

Encaro meu prato, que chega fumegante e cheiroso. Hum, que fome! Cubro o colo com o guardanapo de tecido e me armo com os talheres quando percebo seu olhar analítico ainda sobre mim. Encaro Valentina.

— Vai me ficar me olhando em vez de comer? Só tenho uma hora de almoço.

— Amiga... — Sua voz é suave. Lá vem bomba. — Do que você tem medo?

Um tremor involuntário percorre meu corpo, seguido por um frio na barriga. Largo o garfo e a faca, sentindo a respiração se alterar de repente, e o oco no peito me sufoca. Está acontecendo de novo. Aperto os olhos desesperadamente, tentando manter a postura. Meu Deus, estou em público!

— Sara! O que você está sentindo? Fala comigo, por favor!

Inspiro e expiro ruidosamente, tentando recuperar o fôlego antes de responder.

— Já vai passar, já vai passar — sussurro as palavras com a respiração entrecortada.

— O que está acontecendo, Sara, pelo amor de Deus?

— É só uma crise, calma — suspiro.

— Crise de quê?

— De ansiedade! — despejo a palavra como se fosse um palavrão.

Pronto! Aí está minha confissão! Admitir algo que não admitia nem para mim mesma tornou a crise mais intensa.

— Ok, Sara. Preste atenção. — Enquanto fala, respirando junto comigo

como se isso me ajudasse, Valentina demonstra. — Abrace cada dedo da mão esquerda com todos os dedos da direita, por trinta segundos cada. Assim, está vendo? Faça comigo.

Repito o gesto dela, fechando o polegar na mão direita. Inspiro e expiro, ainda acelerado.

— Isso mesmo. Agora o indicador — orienta.

A terapia nem acabou e já estou sentindo o nervosismo passar. Não é que funciona?

— Nossa, o efeito é imediato. Estou me sentindo muito melhor. Obrigada, Val.

— Por nada, querida. Repita toda vez que a crise vier, sempre abraçando a mão esquerda. Se fizer com a direita, vai piorar em vez de ajudar. — Suspira, aliviada. — Santa tia Maria Antônia!

— Muito obrigada mesmo. Agradeça à sua tia por mim. Remédio milagroso! — sorrio. — Nunca tive isto antes. Achei que fosse morrer, mas, depois que sobrevivi à primeira, sabia que não era tão grave assim. Enfim, é assustador, de qualquer forma. Pareço uma mocinha indefesa.

Não gosto nada da comparação que fiz, mas a fraqueza me abala.

— Sara, amiga. — Val acaricia meu braço, complacente. — Você passou por muita coisa nos últimos tempos. Acho que ainda não superou. Não como você esperava.

Aperto os olhos com força.

— Não, Valentina, por favor! Eu preciso ser forte. Não quero voltar a ser aquela Sara fraca, boboca e vulnerável. Gosto mais da pessoa que me tornei depois do chute.

— Está vendo como você fala? Mesmo depois de quase um ano, ainda tem mágoa e se culpa pelo aconteceu.

Fico sem resposta ao constatar que ela tem razão. Que vergonha!

— Não diga isso sobre si mesma. Eu gosto da Sara apaixonada pela vida, que não tem medo de arriscar e se dedicar a alguma coisa que acredita ser

certa e verdadeira. Você ainda é tudo isso, só está canalizando suas energias em algo mais passageiro do que duradouro.

— Tudo bem, você venceu, eu admito. — Ergo as mãos para o alto, me rendendo. — Morro de medo de me envolver com alguém e ser rejeitada outra vez.

— Eu compreendo, Sara, mas as pessoas não são iguais, e essa passagem difícil na sua vida deixou ensinamentos importantes para novas relações. Você é a mesma, mas está mais forte e mais madura. Não pode generalizar e pensar que um novo relacionamento vai ser igual ao primeiro.

— Eu vejo tantos exemplos ruins...

— É esse o problema. Você está se concentrando só no que é semelhante; o que é diferente você rejeita porque seria utopia acreditar. Mas existe, Sara. Eu tenho um marido que faz tudo por mim e pela nossa filha; eu só o perderia se fosse muito idiota. Ele é imperfeito, claro, e nós temos algumas divergências que causam atrito, mas a nossa relação é sólida o bastante para suportar. Se você tiver algo assim, vai entender como eu me sinto.

É o que eu mais quero... Opa, que pensamento atrevido é esse? Mas é verdade. Suspiro.

— Val, se... Coloque um grande SE aí. SE eu me permitir me envolver novamente, o cara vai ter que ralar pra me conquistar. Nunca mais vou aceitar menos do que eu mereço. Quero ser tirada do eixo, me emocionar, ver nos olhos dele o amor e a admiração. Esse homem precisa ser meu companheiro, meu amigo e meu amante. Se não for uma relação completa, prefiro ficar sozinha pelo resto da vida.

— Nós não fomos feitos pra ficar sozinhos.

— Pode ser que não, amiga, mas eu não vou cometer o erro de ficar com alguém, com qualquer um, só pra não me sentir sozinha. Não posso colocar as minhas expectativas no outro, ou vou me frustrar novamente.

Preciso saber a diferença entre onde ele termina e onde eu começo. Afinal, nós vamos ser pessoas diferentes, mas com afinidades que vão nos aproximar. Preciso me conhecer primeiro.

Seu sorriso de orgulho me incomoda um pouco. Fico tímida. Eu, tímida? Raridade!

— Aquele idiota te fez um grande favor, amiga. Agora sim você está pronta pra ser a mulher dos sonhos de qualquer homem.

— Ah, para, Val. Que exagerada! Mas eu não me sinto pronta pra tentar de novo. Se acontecer, não vou estar à procura. Eu acho que, na verdade, não somos nós que procuramos o amor verdadeiro: é ele que vem ao nosso encontro. O difícil é nós estarmos atentos para enxergá-lo. Portanto, eu não me arrependo de ter afastado Cássio.

— Vendo por esse lado, amiga, eu até concordo, mas você pode estar perdendo seu amor verdadeiro pra sempre. Pensou nisso?

Na verdade não, mas eu dou de ombros.

— Se for verdadeiro, eu nunca vou perder — sentencio, obstinada.

— Como você é teimosa! Mas tudo bem. Não vou forçar você. Não quero ser a amiga má — gargalha. — Mas você está devendo um pedido de desculpas para ele. Vocês trabalham juntos, se veem todo dia, não dá pra continuar nesse clima. Se você o magoou com as suas palavras, precisa se redimir, em nome da amizade.

Suspiro fundo, sentindo a dorzinha familiar me dar uma cutucada mais forte que a da Val.

— Tem razão. Vou conversar com ele.

— Isso é muito maduro. Estou orgulhosa, amiga. — E me abraça.

...

No caminho de volta ao escritório, uma música da minha seleção preferida ganha toda a minha atenção, tanto que a coloco no repeat para ouvi-la sem parar. Parece Cássio cantando para mim. As palavras em

inglês me tocam fundo, e eu percebo que não sou fria: apenas construí vários muros de concreto para me proteger da dor, que ainda está escondida dentro de mim. É ela que tem que sair, mas como? Ainda não sei como me livrar dela de vez.

Paro em frente ao cubículo de Cássio. A porta está fechada, e sinto como se ele tivesse pregado uma placa enorme dizendo “não entre. Você não é bem-vinda”. Engulo em seco, tomando coragem. Estraguei tudo e agora preciso corrigir meus erros. Bato uma vez e giro a maçaneta. Seu olhar se levanta da mesa no instante em que enfio a cabeça pela fresta.

— Olá. Posso falar com você um minuto? — digo baixo, um pouco receosa.

— Sobre o quê? — Ele parece na defensiva. Ignoro e entro. — Por que você está fechando a porta?

Quando me viro, estamos cara a cara, a mesa entre nós.

— É particular.

— Sara, aqui não é lugar pra nós falarmos da nossa vida pessoal.

— Desde quando? Desde aquela maldita manhã pós-tequila? Você sempre foi meu amigo.

— Não. Eu sou só um colega de trabalho — rebate com frieza.

— Cássio, me desculpe. Eu sei que agi errado com você. Eu sinto muito. Não queria magoar você, apesar de ter feito exatamente isso consciente. Não tenho nem a desculpa da bebedeira e nem por que usar esse artifício. Admito que errei com você e não suporto te ver chateado desse jeito.

— Não estou chateado. Foi só uma transa, nada mais. Você deixou bem claro.

Dou um passo à frente, meus dedos coçando para tocá-lo. Estou me odiando.

— Eu não queria tratar você como objeto. Você não merece. Me perdoe, por favor.

Ele suspira forte, enchendo o ar com seu perfume agradável e

adocicado. Por que tudo eu associo com o paladar? Esse parecer ser o meu sentido mais aguçado.

— Tudo bem, Sara. Eu não quero tirar o seu sono, apesar... Esquece, por favor. Vamos esquecer isso, ok?

— Combinado. — Estendo a mão, que ele aperta com firmeza, os olhos nos meus.

Sinto que está se esforçando e que não me disse tudo.

— Tem alguma coisa você que quer me falar? Esse é o momento.

Ele solta minha mão e vira de costas, fugindo de minha presença, que ocupa boa parte do pequeno retângulo.

— Eu queria mais, Sara. Eu queria mais do que aquela manhã na sua casa. Queria você todo dia, queria dormir e acordar do seu lado, queria fazer amor com você e te fazer sorrir. Queria tomar café com você e vir com você para o escritório, dando um beijo na sua boca quando a gente se separasse com a promessa de que se veria de novo em breve. Uma promessa que tornaria menos dolorosas as horas sem você. Quando a gente estivesse embaixo do mesmo teto novamente, eu mataria a saudade nos seus braços.

Fico de boca aberta. Caramba, isto é intenso. Ah, Cássio...

— Mas esse não é o problema, né? — pergunto. — O problema é que eu te tirei esse sonho.

— O problema, Sara, é que você não quer o mesmo que eu, e eu preciso aprender a lidar com isso. Eu te devo desculpas pela minha distância. Tentei me afastar para manter a sanidade, mas isso só me deixou pior e ainda mais instável. — Ele se vira de volta para me olhar, seus olhos estão em chamas. — Eu aceito sua amizade e prometo não perturbar você com meus desejos. Entendo que você não queira se envolver e tenho que respeitar a sua escolha.

— Que bom que você entendeu que o problema não é você. Obrigada.

Saio da sala dele mais alterada do que quando entrei, com o peito

doendo por admitir minha própria covardia. Não, Sara, não é covardia. Você apenas não está pronta para entregar seu coração ferido para outra pessoa. Ele mal cicatrizou, e tem coisas que preciso descobrir sobre mim mesma que ninguém mais pode fazer. Quem ficar a meu lado pode se machucar junto comigo nesta jornada.

Definitivamente, não quero arrastar ninguém com minha dor. Ela é só minha, e não tenho o direito de dividi-la com alguém. É algo que preciso superar sozinha. Estou feliz por saber que posso contar com tanta gente. Minha família, minhas amigas e até Cássio, mas não posso colocá-los na linha de tiro. Preciso enfrentar a mim mesma sozinha. Se eles continuarem me ajudando a distância, vou ficar muito grata, porque estão fazendo mais do que pedi.

O único jeito de enfrentar um medo, o meu maior medo, é encarando-o de frente, não fugindo dele. Eu sei disso, mas não posso me envolver com alguém na esperança de que esse homem me convença a amá-lo. Preciso sentir o mesmo, preciso querer também, e, mesmo depois de suas palavras, ainda não desejo Cássio como ele me deseja.

E sinto muito por isso, muito mesmo. Por ele e por mim.

POLE DANCE

HOJE SAÍ DISPOSTA A MATAR. PRECISAVA DE ALGO FORTE, INTENSO, PARA SUPERAR A TARDE DOLOROSA COM VALENTINA E CÁSSIO.

Ela me ligou para perguntar se eu já havia me desculpado com ele. Eu disse que sim, mas não entrei em detalhes. Ela ficou desconfiada, mas satisfeita por eu ter cumprido a palavra.

Estou com minha bolsa grande cheia de apetrechos e usando lingerie vermelha rendada, sapatos pretos brilhantes e, por cima de tudo isso, uma saia preta de cós alto tremendamente curta e justa e um top vermelho que mostra alguns dedos de meu abdômen. Meus planos não podiam ser melhores, e o sortudo da noite também não. O gato não é nenhuma beldade. Diferentemente do que as pessoas pensam, sempre pego sarados.

Mas Túlio é interessante, tem uma intensidade envolvente. Seu olhar me devora, e eu gosto. Ele tem um sorriso contagiante e uma espontaneidade agradável. Combina comigo. Seu corpo enche a camiseta e a calça jeans. Prefiro homens grandes, mesmo que tenham uma gordurinha sobrando. Aticei sua curiosidade e libido fazendo mistério em torno de minha bolsa.

Dou uma volta no quarto de motel, procurando o cenário perfeito, e algo me chama a atenção. Um poste de pole dance. É um convite? Desde que comecei as aulas, ainda não dancei para ninguém. Sorrio feito boba para a barra de aço inox, como se sua frieza fosse sedutora. Sou pega por trás, desprevenida. Túlio inspira ruidosamente em meu pescoço.

Ele me encara no espelho quando suas mãos sobem a barra de minha saia e revelam a calcinha rendada que não tampa nada. Sorrio para ele, me sentindo irresistível. Seus olhos presos nos meus são sérios, compenetrados e ansiosos. Uma mão vai parar no meio de minhas pernas, e eu mantenho a conexão, enfrentando sua ousadia com a minha.

— Gostosa demais — suspira.

— Você ainda nem provou — desafio.

— Mas estou vendo. Não preciso provar para constatar o óbvio.

A outra mão ergue o top e toma meu seio por cima da renda fina. Não consigo conter o gemido de prazer. Empino a bunda e a esfrego em seu pênis duro, que pulsa contra a calça. Hum, é tão gostoso que posso me perder ali rapidamente. Mas meu objetivo da noite é seduzir, não ser seduzida. Ainda não. Viro-me para ele e beijo seus lábios, puxando sua camiseta para cima.

Ele acompanha minha urgência, enquanto baixo o zíper de seu jeans e o empurro gentilmente até a cama. A calça cai entre suas pernas, e eu aproveito a falta de mobilidade para fazer seu corpo se inclinar no colchão. Pairo sobre ele, sorrindo, meus cabelos soltos se transformando em muralhas ao redor de nossos rostos.

— Agora seja um bom menino. Fique deitado e aprecie a vista.

Dou um selinho em seus lábios e me levanto, ficando de costas. Ele se senta — vejo através do espelho —, desorientado.

— Mas o que...

— Shh. Baixe as luzes, bebê — ordeno, com o cenho franzido.

Ele me obedece, nitidamente ansioso. Coloco a música que ouvi no carro hoje para tocar em meu celular. Respiro fundo enquanto começa o solo de bateria do rock. Agarro minha saia e a desço pelas pernas, me dobrando para a frente, mantendo a bunda em sua direção e, provavelmente, na altura de seus olhos.

Quando me ergo, dou dois passos, já dançando no ritmo da música, para

me livrar da peça. Rebolo, jogando o cabelo para os lados, fecho os olhos e agacho até o chão, sentindo a banda Seether tomar conta de meu corpo. Saltito até a barra, me jogando nela e fazendo um giro completo, suspensão e graciosa, antes de pisar sobre os saltos novamente. Mantenho as mãos no poste. Agora somos um só; a barra, uma extensão do meu corpo.

Contraio o quadril contra o aço em um movimento sensual, depois requebro de um lado para o outro, girando a cabeça, e meu cabelo esvoaça ao meu redor. Não penso em mais nada; só deixo a música, que conheço bem, me guiar em uma coreografia improvisada. Repito o movimento, rebolando ao redor do poste, descendo e subindo. O pole dance me mostrou que posso ser exibicionista e não devo ter vergonha de meu corpo e de minha sensualidade.

O poder está em minhas curvas, e, se souber usá-las, vou ter qualquer homem em minhas mãos. Eu só descobri o óbvio, o que toda mulher deveria saber e não acredita ser capaz. Mas nós somos e podemos. Não estou dizendo que tudo se resume a sexo, mas, quando se trata de homens, é um fator importante, porque eles pensam mais nisso do que nós. Quer dizer, eu também penso muito, e foi outra lição para mim.

Sexo é fantasia, é satisfação, é pele e fogo. Que mulher não quer ser desejada com paixão? O sexo está aqui para isso, e nós também queremos. Desejamos ser conquistadas, ser arrebatadas por um homem. Mas não podemos apenas sonhar: temos que fazer acontecer. Hoje eu não me frustro mais com o que gostaria de ter: eu torno realidade. Eu penso, me preparo, me alimento do que quero e vou além. Faço o que desejo.

Eu me movo ao redor da barra, coloco-a entre minhas pernas e a agarro com as mãos como se fosse um objeto de desejo. Tenho prazer em estar nela, dançando, me expondo, seduzindo. Meu corpo é uma máquina de prazer para mim e para quem eu quiser que me toque. É o que todo ser humano busca: prazer intenso e desenfreado. E o sexo nos foi dado para

que tenhamos isso, em uma quantidade inesgotável.

A música me toma, me leva pela mão ao redor do poste, meu corpo e a barra em sintonia com o ritmo batido e romântico que preenche o quarto. Deslizo nela, de baixo para cima, de cima para baixo, suspensa ou com os pés no chão. Não vejo nada além dela, não ouço nada além de “Careless Whisper”. Jamais vou dançar assim de novo. É uma coreografia sem memória, existe apenas por um momento, até a canção acabar.

O ápice da música me aprisiona. Meu corpo é uma profusão de movimentos, e eu estou tão envolvida que lágrimas banham meus olhos. A letra faz mais sentido agora. É tão bonita! Eu me acalmo, dilacerada pela dança, dou um último giro, escorrego na barra até o chão e me deixo deitar no piso frio. Suspiro quando o silêncio toma o quarto por um segundo antes que a música recomece.

— Gata, isso foi demais. Eu não mereço ter presenciado você nesse poste.

Túlio estende os braços para me ajudar a levantar, e eu sorrio com suas palavras.

— Obrigada.

— Sério, você deve ser profissional. É um espetáculo.

— É uma coisa que eu faço pra mim. Você é o primeiro que me vê dançar fora da academia.

— Eu me sinto privilegiado. Você é um tesouro precioso. Estou maravilhado.

Ele me beija, e eu me sinto revigorada novamente. Dançar essa música me deixou emotiva.

— Quero fazer algo especial por você também — diz, se afastando. — O que mais você tem nesta bolsa mágica?

Ah, ele é esperto. Nós nos aproximamos da mesa onde deixei minha bolsa e eu vou tirando os objetos. O vibrador — também é a primeira vez que o levo a um motel —, uma máscara, um lenço, uma algema, várias

bolinhas explosivas, uma calcinha comestível e um jogo de dados e de cartas com posições. Também está repleta de camisinhas de tudo quanto é tipo — até feminina! Túlio pega as bolinhas e as cheira.

— Hum. Agora vou te mostrar minha especialidade.

Ele me agarra e começa a me dar uns amassos dos bons. Caramba! Fico perdida quando sou pega assim. Suas mãos me despem sem pressa, mas com precisão, e eu faço o mesmo com sua cueca. Com um sorriso travesso, pego uma camisinha, seguro a ponta com os dentes e a encaixo na cabeça de seu pau. Com os lábios, faço a borracha deslizar por sua extensão.

Ele geme e me ergue inesperadamente, sugando o ar que respiro. Estamos nus e arfando quando me guia até a cama, sem parar de me beijar. Sua língua atrevida desvenda minha boca, e fico ansiosa para ver o que vai fazer.

— Fique aí deitadinha, baby, e deixe o seu corpo responder ao meu.

Seu cheiro de homem, de sexo, de tesão, invade meu espaço. Inspiro profundamente e meu sangue reage, se concentrando na parte que vai recebê-lo. Latejo. Ele se inclina levemente sobre mim e esfrega duas bolinhas, simultaneamente, em meus seios até estourarem e o óleo escorrer na minha pele. Meus mamilos se enrijecem com o contato frio do líquido e quente de suas mãos.

Elas escorregam pela minha pele, sentindo, tentando, desenhando as curvas de meu corpo. É delicioso e arrepia. Eu me contorço sob seu toque, minha vagina melando de desejo. Ele me alisa tão lentamente, algumas vezes só as pontas de seus dedos escorregam, meu corpo todo responde. Suas mãos descem devagar até meu baixo-ventre e sobem com força, queimando a pele.

Túlio se deita a meu lado e deixa os dedos deslizarem pelas minhas pernas enquanto beija minha barriga. Suas mãos sobem para meu centro, ao mesmo tempo em que sua boca encontra um mamilo. De repente, seus

dedos entram em mim e eu me perco. Ele se move para dentro e para fora enquanto suga meu seio com força. Estou sem fôlego.

— Agora de costas, baby — sussurra em minha orelha.

Minhas pernas parecem gelatina. Estou com a impressão de que já tive orgasmos múltiplos, mas ainda nem gozei. Que mãos! Fecho os olhos quando me deito de bruços, entregando meu corpo para ele fazer o que quiser. Mais bolinhas explodem em minha pele, encharcando, lambuzando, escorrendo.

— Ah — sussurro, inebriada.

— Está gostando?

— Muito.

— Eu nem comecei, baby.

— Hum...

Minhas costas são tomadas pelo óleo e pelo calor que emana de suas mãos insistentes e dominadoras. Elas escorregam, deslizam, tomam minha pele para si. Quando desce para meus glúteos, sinto uma físgada na virilha e me derreto sob sua habilidade. Minha pele arrepia a seu toque suave e quente.

— Hum, como você é gostosa, meu Deus! Está me deixando louco!

Seu corpo cobre o meu, e sinto sua ereção entre nós. Túlio deixa seu tronco sentir minhas curvas, sua boca brincar com o lóbulo de minha orelha. Ele se lambuza de óleo em mim.

— Ver você dançar com aquela lingerie vermelha foi incrível, baby. Eu poderia olhar pra você a noite toda.

— Não quero que só me olhe.

— Nem eu, nem eu.

É fácil demais escorregar para dentro de mim depois de tanto lubrificante. Minha vagina se aquece ao recebê-lo pacientemente. Túlio entra e sai tão devagar, me penetrando por trás e me fazendo sua por um instante fugaz. Ergo o quadril contra o dele quando se afasta para meter e

vai mais fundo, tirando o ar de meus pulmões.

— Agora, sim. Posso ficar a noite toda transando com você — digo, com um sorriso nos lábios.

— Seu desejo é uma ordem, baby.

É disso que eu preciso agora: sexo, paixão, mãos me tocando... Só disso.

SONHOS DOCES E SENSUAIS

MINHA CABEÇA ESTÁ EXPLODINDO QUANDO SAIO DA SALA ONDE FOI APLICADA A PROVA DO CONCURSO PARA ANALISTA JUDICIÁRIO.

Só de pensar que é só a primeira parte da minha jornada até o cargo de juíza, dói mais ainda. Sara, não é hora de pensar no depois. Primeiro preciso passar nesta etapa.

Apesar das horas intermináveis dentro da sala, estou confiante. É um concurso disputado, com poucas vagas, para o Tribunal Regional Federal da minha região. Desvio os pensamentos as férias, que estão chegando, e o plano de passar o verão na praia, na casa de um... paquera. Gabriel disse que eu posso ficar na casa dele de graça, e ele mora em frente ao mar.

Mas não tenho certeza de que devo ir. Se eu não gostar de transar com ele — transar de verdade, já que só fizemos virtual —, não vou poder simplesmente sair da casa e ir embora, não é mesmo? Não que eu esteja pagando minha estadia com sexo, mas estamos nos atíçando há um tempo, e eu sei que ele me quer. Eu também quero, na verdade. Acho que vou recusar o convite e alugar uma casa, assim tenho mais liberdade.

Vou estar no litoral, cheio de gatinhos. Por que é que eu tenho que ficar só com um, que ainda nem tenho certeza que vou curtir? Ai, não sei o que decidir e não estou com cabeça agora. Pego o celular a caminho do carro e procuro em meus contatos algo inspirador. Então me deparo com o nome de Lucas. Hum... Seria a terceira vez... E a última? Decido tentar e mando uma mensagem.

Sua resposta é rápida, e, depois de alguma conversa, ele me deixa

curiosa.

Se prepara. Desta vez a surpresa é minha. Beijos

Hum... O que será que meu chocolate preferido está aprontando? Com certeza, só posso esperar algo delicioso. Tenho pouco tempo para me dar uma geral. O concurso ocupou parte do meu sábado de beleza, mas não faz mal; é só manutenção. Dou uma piscada para mim mesma no retrovisor do carro ao me autoanalisar. Não dá trabalho se cuidar quando você faz isso todo dia.

Saio dali sentindo que dei o passo mais importante da minha carreira, para mudar minha vida. Sinto que depois desse concurso é que ela vai recomeçar de verdade. Por enquanto estou de “férias”, curtindo, aproveitando cada segundo e toda aventura que se apresenta para mim. Esta fase louca está com os dias contados, eu posso sentir. Fé, foco, força e foda-se, o lema gravado no meu pulso, será o guia nesta nova jornada.

Eu mudei tanto! Estou mais forte, mais determinada, mais feliz. Aprendi a me amar e me valorizar, a admitir meus erros e não repeti-los, mas sinto que falta alguma coisa. Não, não é o fato de me deixar apaixonar novamente. Esse vai ser um processo muito mais lento, mas já está acontecendo. É uma coisa que ainda não identifiquei. Uma coisa que ainda me deixa vazia e sem sentido às vezes. E não tem nada a ver com sexo.

Desde que admiti que uso o sexo para viver um “relacionamento” passageiro por medo de me envolver, nunca mais tive crises de ansiedade, mas também não me sinto pronta para me deixar conquistar. Eu gosto de estar no controle de mim mesma e da racionalidade que conquistei.

Foi uma vitória grande para uma mulher que viveu de emoção a vida toda, e está tentando achar o equilíbrio entre os dois. Porque eu sou muito de extremos, sabe? Ou eu amo, ou eu odeio. Não existe meio-

termo. Ou eu quero, ou eu desprezo. Foi exatamente isso que fiz com meu ex e a nossa história. Achei melhor esquecer e não ter mais nada parecido. Só vou ser capaz de me apaixonar novamente quando me abrir.

O que será que Lucas está preparando para mim? Adoro joguinhos de sedução. Quem manda não importa. O que vale mesmo é estarmos ambos a fim de proporcionar prazer. E nisso eu tive muita sorte, é verdade, talvez exatamente pelo fato de não estar envolvida emocionalmente.

Como não crio expectativas, não há cobranças, portanto não me frustro quando algo não dá certo. Se eu fico com alguém, é porque quero; se transamos, é porque os dois desejam; se é bom, é porque tanto eu quanto ele nos esforçamos. É só esse o segredo. Esse monte de teorias sobre relacionamentos é papo furado. Os dois precisam estar em sintonia, no mesmo desejo, no mesmo momento.

Tá, para mim é mais fácil, claro. Na balada todo mundo está querendo transar. Então, você só precisa estar no lugar certo para encontrar exatamente o que quer. Ou simplesmente estar disponível. Afinal, é o amor que nos acha. Não adianta correr atrás dele por toda parte.

Eu, definitivamente, não estou procurando nem esperando por ele. Quem sabe um dia?

...

Estou pronta quando o celular toca. Lucas está lá embaixo me esperando. Dou uma última olhada no espelho e confiro meu look, sexy na medida certa. Estou mostrando minha tatoo proibida com uma blusa canoa preta caída em um ombro e as pernas em uma saia jeans curta, alongadas por um salto altíssimo. Adoro sapatos de salto. Acho que é complexo de baixinha.

— Oi, amor. — Ele tem mania de me chamar assim quando não estamos transando. Durante o sexo, sou gostosa, safada, putona.

— Oi.

— Sara, esta é minha amiga, Juliana. Ela vai sair com a turma, e eu estou dando uma carona.

A moça está sentada no banco de trás, e me assusto ao percebê-la ali, com um vestido preto curtíssimo e as pernas morenas de fora. É muito gata e me faz sentir magérrima e menos sensual. Respiro fundo e a cumprimento educadamente, matutando sobre os planos de Lucas. Parece muito óbvio, mas não vou perguntar. Prefiro pagar para ver.

Ele dirige até uma chácara nas imediações da cidade enquanto eu e Juliana travamos uma conversa agradável. Ela é bem mais nova do que nós, explica seu corpão firme e exuberante, e eu começo a gostar dela. É divertida, descontraída e parece ter bastante intimidade com Lucas, provavelmente o mesmo tipo que eu tenho. Safado! Tenho vontade de rir, mas me contenho.

Não gosto de planejar uma noite de sexo, apesar de ser um momento intenso o que desejo. Prefiro reagir a ele e ele a mim, e juntos nos fazermos plenos em suor e beijos molhados, corpos úmidos e unidos, gemendo, tocando, nos movendo no mesmo ritmo. Sou puxada de volta à realidade por Juliana.

— Então, o que você faz, Sara?

Dou uma resposta curta, sorrindo, talvez a incentivando a continuar as perguntas. Acabo me abrindo e contando minha odisseia até aqui, de forma resumida, mas com detalhes suficientes para ela entender meu atual momento. Ela sorri, me incentivando, e acabo querendo saber mais sobre ela também. Essa parte da conversa acontece na casa dos amigos de Lucas, quando ficamos isoladas em um canto.

— Tenho vinte e dois anos e estou à procura de um grande amor. Na verdade, eu acho que já encontrei.

— Jura? Fico feliz por você, mas prefiro sonhos doces e sensuais — respondo, pensando em meu Bis.

Lucas está entre os amigos, bebendo e se divertindo enquanto nós duas

conversamos. Percebo o olhar dela em sua direção.

— Há quanto tempo você o conhece? — pergunto.

— Uns seis meses.

— Mais ou menos a mesma época que eu.

— Ele é bem quente, né?

Eu a encaro, consciente de que ela sabe mais, mais do que eu.

— Sim, é de tirar o fôlego.

Não vou disputar com essa menina, mas sinto que não vai ser necessário. Tem alguma coisa em seus olhos que não consigo identificar. Qual será o segredo dela?

Ela faz um resumo de sua vida, e fico triste por saber que não fez faculdade, mas tem algumas opções em mente. Eu me pego incentivando-a a arranjar um trabalho, porque também está desempregada, e se formar. Juliana fica feliz pelas minhas palavras e constata que esta noite estranha é o começo de uma amizade acidental entre nós.

— Concordo — sorrio. — Lucas me fez um favor quando me aproximou de você. Não sou tímida, mas ficaria meio perdida sozinha aqui na casa dos amigos dele, que nem conheço.

— Também não tenho muita intimidade com eles — admite. — Estou feliz por esta loucura.

O tempo passa, e nossos copos não ficam vazios. Estou seguindo Juliana na bebida. Vamos devagar, ao contrário do restante, inclusive Lucas, que já está visivelmente mais solto. Em certo momento da madrugada, ele se senta entre nós duas, passando os braços em nossos ombros, e me dá um selinho. Depois se vira para Juliana e a beija também. É o suficiente para me confirmar seus planos.

Sua atitude causa certo alvoroço, e decidimos que está na hora de ir embora. Constato que Juliana bebeu um copo a noite toda e eu tomei dois. Não contei quantas batidas Lucas bebeu, mas com certeza foi bem mais. Não prestei atenção; a conversa com a garota jovem e sexy me fez

esquecer o resto.

— Eu queria te contar as intenções dele. — Juliana cochicha quando estamos saindo da casa.

— Não se preocupe, Ju. — Sorrio para ela, ciente da armadilha.

Respiro fundo e continuo andando, um pouco anestesiada. Não sei o que pensar a respeito.

— Sinto muito — ela sussurra e senta no banco de trás.

Lucas não está tão ruim assim. Ele assume o volante e dirige devagar enquanto conversa alegremente. Não tenho ideia de para onde estamos indo até reconhecer o bairro dele. Estou tranquila quanto a isso. Não era sexo que eu queria? É o que vou ter. Pode ser a experiência mais doida da minha vida, mas, já que estou no inferno, abraço o capeta, amor.

Na sala jaz o conhecido colchão de casal. Lucas vai direto para a televisão, que é sintonizada em um filme pornô. Oferece algo para bebermos, mas ambas recusamos, nos sentando no sofá de dois lugares. Ele se senta espremido entre nós, abraçando as duas ao mesmo tempo, e um arrepio percorre minha pele. Fecho os olhos, ciente do calor que meu corpo tanto deseja. Ele agarra meu cabelo pela nuca e me puxa para beijar minha boca com ferocidade.

Seguro nele com as duas mãos, apertando-o, e ouço mais beijos, sentindo a ausência de uma de suas mãos. Ele geme em minha boca, e sou obrigada a abrir os olhos. Juliana desabotoou a camisa e a calça jeans dele e o está chupando. Ver o que ela está fazendo me deixa excitada. Sou voyeur? A mão dele que não está em mim está nela, acariciando-a.

Fecho os olhos de novo, entregando-me ao beijo e deixando meus ouvidos atentos aos sons que enchem a sala. Também tem a televisão. Nem sei qual a história do filme; estou mais interessada em viver minha própria história. Aliso seus ombros por baixo da camisa, afastando-a. Fico sobre os joelhos, debruçando-me sobre seu peitoral largo e abocanhando seu mamilo.

Lucas geme, recostando a cabeça no encosto do sofá, e acaricia minha bunda, levemente arrebitada devido à posição em que estou. Sussurra “gostosa”, não sei para quem ou se para nós duas. É tão excitante que já me sinto melar de antecipação. Ele mal me tocou.

Seus dedos escorregam até deslizarem entre minhas pernas, quente, úmida, pulsante. Minha vez de gemer contra sua pele. Percebo que Juliana também está sendo acariciada, e quase sorrio. Vamos ver se ele dá conta das duas. Agora a curiosidade e o desafio me excitam mais.

— Sinta meu gosto — diz Lucas, quando um par de mãos toma meu rosto e me beija.

SEXO EM DOSE TRIPLA

NÃO CONHEÇO ESTE BEIJO, E O TOQUE É NOVO TAMBÉM. É JULIANA!

Ela me beija com gula, segurando firme minha face, talvez com receio de que eu tente me esquivar. Não o faço, deixando a língua sentir o gosto dele na boca da menina. Lucas pega minhas mãos, que estão sobre ele, e as deposita sobre os seios de Ju. Estamos nos agarrando por cima dele, que assiste de pertinho nosso amasso.

Ela aproveita meu gesto desinibido para alisar meu ombro nu até a cintura exposta. Os dedos de Lucas não param: invadem minha calcinha, escorregando para dentro de mim inesperada e brutalmente. Gemo contra a boca exigente de Juliana, que responde com outro gemido e invade minha blusa por baixo. Eu quero mais. Nunca na vida me imaginei transando com uma mulher.

Não é só ela, é ele, e este tanto de mão e língua em mim. Já perdi a noção de onde estou e para onde vou. Abaixo o vestido tomara que caia dela e acaricio seus mamilos durinhos, totalmente fora de controle. Sinto a barba por fazer de Lucas raspando em nossos queixos, e nos separamos. Sua língua está para fora, convidando as nossas, e nós nos beijamos, os três ao mesmo tempo.

É sensual, pornográfico, proibido, e a consciência disso só me faz querer ir além. Nossas línguas se acariciam, se misturam. Um som gutural cresce em meu peito, doido para explodir para fora de meu corpo, um som quase animalesco. Sou apenas instintos agora. Lucas nos levanta juntas, e nós nos livramos das peças de roupa antes de nos enroscarmos no colchão.

Enroscar é a palavra certa. Parece que sou a única inexperiente na sala.

Juliana me agarra e me beija, apertando-me contra seu corpo e trançando nossas pernas, e Lucas me abraça por trás, esfregando sua ereção, já protegida com um preservativo, contra minha bunda. Agarra o quadril dela e me prensa entre eles. Estou tão molhada que sinto a excitação escorrendo entre minhas coxas. Então, tudo acontece rápido e ao mesmo tempo.

Juliana desce a boca para meus seios, agarrando-os também com as mãos, e Lucas encaixa o pênis em mim, deslizando para dentro, fazendo-me contorcer e apertar os braços da garota que me chupa. Puta que pariu! Ele mete com força e firmeza, de um jeito só dele, em uma constância arrebatadora. Estou no inferno, queimando e me deliciando, mas subo rumo ao céu.

Ele só me toca com o corpo. Suas mãos estão na bunda ou dentro dela, não sei dizer. Só sei que Ju geme dolorosamente em meu mamilo junto comigo, nossos movimentos e suspiros no mesmo ritmo. A sensação cresce dentro de mim e a meu redor, os três ardendo na luxúria e no desejo. Os corpos juntos, se movendo no êxtase do orgasmo que me consome. Lucas não para. Este é o Bis de que eu gosto! E eu sou levada pelo gozo de novo, de novo, de novo...

Até perder as contas. Estou ofegante quando ele sai de dentro de mim e Juliana me gira, deixando-me de barriga para cima. Paira sobre mim, atijando avidamente minha boca, tomando minha língua e me fazendo perder outra vez o fôlego. Lucas toma o quadril dela e começa a meter com força, como estava fazendo comigo. Percebo pelos movimentos de seu corpo. Brinco com um mamilo em uma mão e com a outra escorrego por sua barriga até parar no clitóris.

Estimulo-o enquanto Lucas é bruto ao fodê-la por trás, e percebo que ela está ficando louca, pelo gemido abafado em minha boca. Quando ele aumenta o ritmo, faço o mesmo. Parece que hoje vou ter orgasmos incontáveis, e isso é mais do que eu esperava ao sair de casa. A surpresa

de Lucas não podia ser melhor. Eu jamais adivinharia até ver com meus olhos e sentir com meu corpo.

Juliana goza em meus dedos várias vezes, até que Lucas vai junto com ela. Um urro sai entre seus dentes apertados. Ela rola para o lado, e, inesperadamente, aproveitando a posição, ele cai entre minhas pernas e começa a me chupar enquanto suas mãos agarram meus mamilos sensíveis. Ju para nas costas dele, massageia com as pontas dos dedos, alisa, morde, chupa. Tira a camisinha dele e o estimula. Ela passa os cabelos na pele suada de Lucas, e os pelos de seus braços arrepiam.

Lucas aperta meus seios, me chupando com força e me levando novamente àquele estado sublime. Eu me entrego, sem reservas nem pudor, pronta para uma surra de orgasmos intermináveis. Quando percebe que estou quase lá, enfia os dedos em minha vagina úmida e a mágica acontece. Estou explodindo em milhões de estilhaços. Ele desliza a boca molhada pela minha barriga, lambendo e chupando minha pele, e me faz beijá-lo.

— É a minha vez de retribuir — digo, fazendo-o se deitar.

Vou descendo pelo seu pescoço, o peitoral, e agarro um mamilo com os dentes, fazendo-o se contorcer. Percebo que Juliana aproveita para estimulá-lo nas coxas grossas, lambendo-o até a virilha, mas ignorando o pau ainda ereto mesmo depois do primeiro gozo. Ele geme enquanto atacamos seu corpo ao mesmo tempo.

Trocamos um olhar de cumplicidade antes de levá-lo à loucura. É minha vez de chupar seu pênis. Meu sabor, o dela, o nosso. Chupo com vontade e força, sentindo-o endurecer cada vez mais sob o efeito de minha língua. Sou só pele, sentidos e instintos primitivos. Juliana suga suas bolas, uma de cada vez, engolindo-as na boca larga.

Lucas delira de tesão. Sinto-me melar de desejo outra vez. Mantenha o desejo vivo e a paixão nunca vai morrer. É o que estou fazendo. É isso que falta na minha vida, que acabou com meu casamento. A revelação

aconteceu tão de repente que me pega de sobressalto. Era tão óbvio, meu Deus. Como eu nunca percebi?

Ele me agarra pelo cabelo para desgrudar minha boca de seu pau, me trazendo de volta para a orgia.

— Monta em mim — ordena, a respiração alterada.

Juliana veste uma nova borracha nele e eu o obedeco. Mal tenho tempo de encaixar minhas pernas a sua volta quando ele ergue o quadril e mete fundo dentro de mim. Ah!

— Ju, não pare! — ruge.

Ele segura minha cintura e soca sem piedade, o som característico do encontro de nossos corpos enchendo o ambiente junto com meus gritos. Escoro meu tronco contra o dele, sentindo as ondas de mais orgasmos evoluir pelos meus nervos. Hoje eu morro de tanto gozar. Vai ficar marcado em minha memória para sempre. O primeiro ménage ninguém esquece.

Ainda estou sentindo os espasmos dos orgasmos múltiplos quando os dois se movimentam. Juliana se senta na cara de Lucas, que a chupa vigorosamente, exigindo que eu me mova feito uma louca em seu pau. É minha vez de fazê-lo gozar. Enquanto ele pulsa sobre o efeito do prazer que lhe dou, Ju se inclina para a frente e me agarra. Ambas nos movemos juntas, e nós três gememos.

Sinto seu prazer em minha boca e em meus seios, que ela aperta e acaricia, em um ritmo tão doido quanto o sexo sem limites que experimentamos. Eu a ouço gozar, seu gemido sufocado contra minha boca. Em seguida, percebo Lucas se derretendo em espasmos incontroláveis. E só resta apertá-lo dentro de mim enquanto gozo.

Juliana se afasta e eu me deixo cair no colchão, sem forças. Fico deitada de costas com os olhos fechados, respirando fundo a fim de me recuperar, mas não tenho tempo. Meu clitóris é tomado pelos dentes de Juliana, e eu quase grito quando ergo a cabeça para olhar. Lucas volta a me beijar,

porém vasculha meu corpo, sugando meus mamilos com força. Ah! Cacete! Não tenho direito a um intervalo.

— Quero ver você gozar na boca dela — ele me diz, sorrindo maliciosamente.

Quero gritar, mas minha vingança será de outra forma. Pego seu pênis na mão, livrando-o do preservativo. Está meia bomba, e começo a provocá-lo. Ele gosta e, para me compensar, volta a acariciar e devorar meus peitos. Mas só permanece me chupando até ficar duro novamente, o que não demora. Vai atrás de Ju, pega outra camisinha e a penetra furiosamente, agachada de quatro entre minhas pernas.

Lucas gosta de nos ver gozar várias vezes em seu pau, e sempre garante isso antes de se libertar. Ele é tão bruto, tão firme, tão resistente que não tem como eu não ser exatamente o mesmo para ter mais dele. Cada novo orgasmo é mais intenso que o outro, e essa experiência — meio voyeur, meio orgia — está mantendo minha libido alta pra caramba! Estou exausta, mas eu suporto e desejo mais.

Juliana acelera os movimentos de sua língua quando Lucas mete mais forte e mais rápido. Estamos todos no limite. Seguro o próximo orgasmo, não quero me entregar tão depressa, mas é tão difícil! Tudo é estimulante. Olhar, sentir, ouvir os gemidos de ambos, me contenho ao máximo. Mas Ju não consegue: seu grito é abafado pela minha pélvis. Estremeço e gozo com ela, ouvindo o urro do meu Bis também se entregando ao orgasmo.

...

Acordo nua, suada e agarrada pelo braço pesado de Lucas. Ele ressona em meu ouvido. Sinto seu corpo encostado ao meu e uma mão macia entre nós. Juliana o está abraçando. O safado está dormindo entre as duas! Meu Deus, que loucura foi aquela? Durante o ato, não tive tempo de pensar no que estava acontecendo. E agora, muito menos. Sinto seu pau

duro me cutucar. Acho que está acordando.

Seus dedos escorregam em minha pele até meu seio e o apertam. Seria um “bom-dia”? Retorço-me, me esfregando nele, e sinto seu sorriso em minha orelha. “Safada”, sussurra, me fazendo cócegas. Sexo matinal? Ou melhor, ménage matinal? Hum... Demais! Meu corpo responde a seu contato lento, mas firme, como se despertasse minhas células uma a uma. Sinto a mão de Ju escorregar entre nós até seu pênis e tomá-lo.

Ok, isto que é um despertar sacana. Sinto a vagina pulsar. Mas já? Ela parece estar mais acordada do que eu. Não tive coragem de abrir os olhos ainda, mas sinto a claridade do dia invadir a sala e iluminar minhas pálpebras cerradas. Meu corpo não reclama da maratona da madrugada; ao contrário, deseja mais. Como é possível? Estamos tão juntos que sinto cada movimento dos dois.

Fico excitada facilmente. Enquanto estiver perto deles, vai ser impossível ser indiferente. Eu gosto de sexo, gosto muito. Meu Deus, será que me tornei ninfomaníaca? Posso passar mais algumas horas transando sem pensar em outra coisa. Comer? Beber? Dormir? Nem lembro que isso existe. Ele foi um mentiroso sacana ontem, um lindo mentiroso, mas não importa.

Juliana passa o pau dele em minha bunda — como ela o veste rápido com a camisinha para uma manhã preguiçosa —, e a sessão de sexo maravilhoso recomeça quando o faz me penetrar. Puxa minha perna para cima da dele e acaricia meu clitóris, como fiz com ela na noite passada. Ah, que delícia! Parece mais forte agora! Uma mão de Lucas me pega por baixo, agarrando um seio, e a outra me puxa ferozmente o quadril contra o dele.

Perco a capacidade de pensar, e só o meu corpo reage, sentindo, se entregando e explodindo.

SURPRESA DA VIDA

NO FIM DA TARDE, ENQUANTO LUCAS ME LEVA DE VOLTA PARA CASA, VERIFICO AS MUITAS MENSAGENS NO CELULAR.

Respondo todas, tranquilizando meus preocupados familiares e amigos. Até Cássio me procurou. O que está acontecendo? Juliana se despede de mim e nós trocamos telefones.

Quando ponho o pé para fora do carro e aceno, me despedindo, um estouro muito próximo me faz paralisar de susto. Arregalo os olhos, sem saber para onde olhar e o que estou procurando. Ouço uma freada brusca e em seguida mais disparos. Arma de fogo? Na minha rua em uma tarde de domingo? Que loucura! A adrenalina pulsa em minhas veias, e me faz ver tudo em câmera lenta e distante.

— Sara! — alguém grita meu nome desesperadamente, mas é uma fisgada no abdômen que faz com que eu me mova e me conquista totalmente a atenção.

Meus dedos chegam antes de meus olhos, e sinto umidade antes de ver a cor vermelha manchando minha mão branca. Minha blusa fica mais e mais empapada. Alguém chega perto, mas não consigo parar de olhar a mancha que cresce no tecido e no jeans, que encharcam muito rápido com sangue. Meu sangue.

Antes que minha mente consiga montar o quebra-cabeça, as imagens ficam embaçadas e somem gradativamente em um negrume acolhedor. Fico cega, surda, e a dor real nem chega a perturbar meus nervos. Só resta a escuridão bem-vinda.

...

Parece que apenas pisquei os olhos e estive em um sonho estranho, com tiros e ferimentos, quando desperto. A sensação dolorida é a primeira a me tomar de assalto, então penso nas doze horas de sexo com Lucas e Juliana. Tento me mexer, mas meus membros estão pesados. Até minhas pálpebras são difíceis de erguer. O que houve? Gemo, me sentindo incapacitada. Que estranho.

— Ela acordou!

Uma campainha soa quando a voz que não conheço silencia. Forço-me a abrir os olhos, morrendo de medo de dar de cara com uma realidade pior do que o nada que me acolheu antes. Mas não saber é muito mais perturbador, e eu venço minha própria fraqueza. Só consigo uma pequena fresta pela qual a luz intensa entra. Minha visão está embaçada e demora a se adaptar. A claridade faz meus nervos reagirem, e eu pisco até me acostumar com ela.

Estou cheia de fios pelo corpo, e o bip irritante do aparelho ao qual estou ligada não deixa dúvidas. A cama é dura e desconfortável, as paredes, brancas e assépticas, e o cheiro desagradável de remédio parece pesar na atmosfera do pequeno quarto. A mulher desconhecida sorri para mim enquanto examina o recipiente do que acho que é soro pendurado a meu lado.

— Seja bem-vinda de volta, Sara.

— Mas onde eu estive? — É o que eu quero saber. Nem o nome dela me importa.

Ela ri diante de minha pergunta meio sem sentido. Na verdade, para mim nada faz sentido. O que é que eu estou fazendo em um hospital? Dá para alguém me explicar, por favor?

— Você é uma mulher muito forte, Sara. Lutou pra sobreviver. Você passou por um trauma abdominal, e nós fizemos uma cirurgia de emergência. Passou três dias na UTI, mas os exames mostraram que o

seu corpo se recuperou. Foi transferida para este quarto e só faltava mesmo acordar deste sonho ruim e dar esperança para as pessoas que te amam.

Muito otimista, não? Parece que estou naqueles filmes fofos. Mas as palavras “trauma abdominal” me dão a certeza de que aquele tiro realmente me acertou. O que estava acontecendo na minha rua? Tento me recordar, puxar na memória o que estava havendo quando Lucas parou o carro em frente a meu condomínio, mas nada me vem à mente. Tudo bem, estava distraída com as mensagens no celular, mas um tiroteio não é difícil de perceber.

Um médico entra no quarto antes que eu consiga mais respostas e seu charme passa despercebido, apesar de ele sorrir amplamente.

— Olá, Sara. Como está se sentindo?

E começa a me apalpar.

— Dolorida e sonolenta. — Sinceridade é comigo mesmo. Quem sabe assim ele para de mexer no meu corpo.

— Você passou por um momento difícil, não é? Mas vai ficar bem, eu garanto. — Seu sorriso começa a me incomodar. Por que eles estão tão felizes, afinal? — Vamos diminuir as doses de sedativo e aumentar os remédios para a dor. Assim você vai ficar mais confortável. Gostaria de falar com a sua família? Eles estão bem ansiosos para te ver, mas, se estiver muito cansada, podemos deixar para outra hora.

Aceno, concordando, e dou atenção a uma bancada na parede oposta repleta de presentes: flores, bombons, bilhetes. Meus olhos enchem de água, nem sei por quê, e eu sinto um desejo enorme de me levantar e apreciar cada um daqueles objetos que traduzem o carinho de outras pessoas por mim.

Meus pais entram e a choradeira acontece. Nem eu me aguento. Eles explicam que o acidente na verdade foi uma tentativa de homicídio deliberado e que o delegado também está esperando que eu acorde para

pegar meu depoimento sobre o crime. Quase me sinto sufocar de medo. Alguém quer que eu morra.

— Não se apavore, filhinha — meu pai tenta me tranquilizar. — Tem dois guardas na porta do seu quarto vinte e quatro horas por dia. Ninguém vai chegar perto de você!

Tento respirar normalmente, enquanto minha mãe fala sobre as pessoas que vieram ver como eu estava, apesar de não terem autorização para entrar na UTI.

— Sara, tem alguém que quer muito te ver. Veio de fora e não saiu do hospital desde o dia em que você deu entrada. Apesar de saber sua reação, eu acho que você devia recebê-lo.

— Quem é? — Nem me passa pela cabeça qualquer nome. Meu cérebro está mesmo lento.

— O Luis.

— Quê?

Meu coração bate tão forte que a máquina ao meu lado enlouquece.

— O que ele quer? — Minha voz soa uma oitava mais alta, apesar de não ter muita força.

— Não sabemos — meu pai se intromete. — Mas ele está preocupado, minha filha. Nunca o vi tão interessado. Talvez esteja arrependido.

Aff, lá vem meu pai cheio de esperança.

— Pai, não viaja. O nosso casamento acabou e não tem mais volta, não importa o que ele diga. E só porque eu fiquei curiosa vou aceitar que ele entre.

— Quer que eu fique com você? — pergunta minha mãe.

— Não precisa, mãe, obrigada. Eu gostaria de conversar com ele sozinha.

Eu me sinto desperta conforme os fatos vão se apresentando, irrefutáveis e intensos demais para ignorá-los. Tenho poucos minutos sozinha para absorver tudo antes que uma bomba seja jogada em meu

colo. O que será que Luis quer? A recordação de nosso encontro no jogo do tricolor me faz pensar que não vai ser nada agradável. Um único toque na porta é seu anúncio antes de entrar.

— Oi — diz, aflito, uma sombra pairando sobre seus olhos.

Ele é o mesmo, sem tirar nem pôr, e eu comprovo isso agora que a hostilidade está tão longe que posso analisar minha reação sem distrações. Não sinto mais nada por esse homem. Absolutamente nada. Nem amor nem ódio. Talvez esteja entorpecida demais para sentir rancor ou mágoa, sentimentos que sempre associo a seu nome. Mas não fico surpresa ao constatar que a indiferença finalmente deu as caras por aqui.

— Oi — respondo, sem sobressaltos.

— Você está bem? — ele pergunta, inseguro. Percebo que sua voz treme um pouco.

Parece bem abatido também, como se não dormisse nem comesse direito há dias.

— Não tenho certeza, mas acho que sim. Estou viva.

Essas duas palavras dizem muito para mim, e eu engulo em seco. Sobrevivi, apesar de alguém desejar que eu morra. Quem estaria interessado na minha morte? Não sou ninguém, ainda não me tornei juíza nem prendi nenhum bandido barra pesada. Meus casos foram empresariais. Gente comum que cometeu erros graves, que comprometeram a vida de outras pessoas. Estaria aí a minha resposta?

— Eu não poderia viver se você morresse sem saber como eu me sinto.

Então é isso? Ele está mais preocupado com sua consciência do que com meu estado?

— Por que você acha que me interessa o que você sente?

Armada até os dentes. Nunca fui assim, mas desde o divórcio minhas defesas estão sempre em alerta máximo.

— Você despejou toda a sua mágoa na minha cara aquele dia no estádio, e eu queria ter uma oportunidade de te pedir perdão. Você foi muito

baixa, mas nada me dava o direito de ofendê-la como uma qualquer, sendo que não é. Nós tivemos uma história juntos, que eu nunca vou esquecer, e, por mais que não tenha dado certo entre a gente, quero sinceramente que você seja feliz como eu sou, que encontre o seu caminho, Sara.

Estou besta. Não é possível. Quem é esse Luis? Ele jamais faria algo assim, não enquanto estivemos juntos. Mas pelo visto alguma coisa mudou, e talvez a outra tenha alguma parcela nessa mudança, algo que meu amor não foi capaz de fazer por ele, nem ele por mim. Ou talvez a separação o tenha mudado, como aconteceu comigo.

— Eu quero admitir a minha parcela de culpa no fracasso do nosso casamento. Não foi certo colocar essa culpa toda em você. Só foi mais fácil pra mim enxergar os seus erros do que os meus, e vê-los com clareza agora me fez continuar e corrigi-los. Mas não estava fácil viver sem o seu perdão. Eu percebi depois daquele nosso encontro desastroso. Você precisava saber como eu me sinto em relação ao nosso passado, até para que não fiquem mágoas que nos prendam à infelicidade que nós vivemos juntos e ambos possamos seguir o nosso caminho.

Meu queixo cai. Não encontro palavras para responder.

— Demorei muito para fazer isso, mas agora estou aqui. Nunca é tarde demais para se arrepender. — Seus olhos brilham. Sinto uma comoção intrusa fazer os meus arderem também, e meu peito dói. — Por favor, Sara, me perdoa.

As lágrimas escorrem, e um sentimento novo me toma. É tão bom que preciso deixá-lo extravasar. É libertador!

— Luis, você está aqui para encontrar a paz, mas acabou de me dar o maior presente que eu poderia receber na vida. Só que, antes de te responder, eu também quero pedir desculpas, porque fui uma escrota sem coração, ofendi você e a sua namorada gratuitamente, por pura dor de cotovelo. Sinto muito mesmo por ter agido de maneira tão infantil e

birrenta. Mesmo não merecendo, eu preciso que você me perdoe para encerrar essa história de uma vez por todas.

— Eu já te perdoo há muito tempo, Sara. No dia seguinte, pra ser mais exato. Nunca guardei rancor de você, apesar das suas palavras de afronta, mas eu percebi, assim como a minha namorada, que eu era o culpado pela sua explosão de raiva. Nunca desejei que a gente terminasse assim! Nunca!

Começo a soluçar, incapaz de me segurar por mais tempo. Ele me acompanha, tomando minha mão delicadamente e me beijando os dedos — o dorso está espetado pela agulha do soro que um esparadrapo segura. A pele repuxa, mas não reclamo. O sentimento de alívio dentro de mim é tão grande que me toma inteira.

— Eu te perdoo, Luis, e desejo, do fundo do meu coração e com toda a minha sinceridade, que você seja feliz.

...

— Sara?

Um arrepio transpassa meu corpo inteiro em um milésimo de segundo infinito. Viro a cabeça, desacreditada com a nova surpresa que aquele incidente maldito trouxe para minha vida, e encaro o homem lindo e sexy que aparece em meu quarto, como saído de um sonho. É a primeira vez que o vejo à luz do dia.

— Rodrigo?

Meu coração dispara, irritantemente sinalizado pelo leitor cardíaco. Seu olhar é gentil e ao mesmo tempo sedutor. Não há nem vestígio do homem obcecado que encontrei no bar há algum tempo. É o mesmo que conheci, porém tem algo mais ali que não consigo identificar. Não tenho tempo de continuar tentando. Ele faz sombra sobre mim, me fazendo pequenina e frágil.

Suas mãos pairam ao lado de minha cabeça, e eu estou presa nele para

sempre.

— Você não imagina o prazer que eu sinto por ver você, mas me diga que está bem, por favor.

— Sim, eu estou bem, obrigada por ter vindo. Como você soube?

— O caso está nos jornais, e quando vi sua foto, vim correndo pra cá. Realmente estou muito feliz por ver seus olhos brilhando novamente. Você recebeu meu presente?

O quê? Fico chocada e constato um fato: não sei nada sobre ele, mas será que quero saber? Ainda estou tentando me decidir quando seu perfume desnorteia meus sentidos. Por que ele mexe tanto comigo? Não é justo! Sua beleza incomoda, de tão incomum que é. Ele não desvia os olhos de mim. Parece... hipnotizado. Como naquele dia, ao som de Aerosmith.

— Qual deles? — Aponto para a mesa. — Ainda não tive oportunidade de abrir.

Ele caminha e pega um pacote retangular vermelho. Traz para mim com um sorriso tão grande e travesso que fico comovida. Abro o embrulho sem mais delongas e me deparo com uma garrafa de champanhe, a mesma que ele me deu no bar.

— Para comemorar sua nova vida quando sair daqui.

— Muito obrigada — respondo, enquanto leio o cartão e reconheço mais um trecho da música “Dream On”.

“Eu sei que ninguém sabe
De onde vem e para onde vai.
Eu sei que é o pecado de todo mundo,
É preciso perder para saber vencer.”

As palavras morrem em minha boca. Nada mais apropriado. Percebo que ele também se deixa levar pela proximidade, esquecido de travar uma

conversa inteligente. Acho que é esse o problema. É sempre tão físico e intenso entre a gente que eu perco a capacidade de raciocinar, e isso não me agrada nem um pouco. Seu olhar se prende a minha boca, e eu sei o que ele deseja antes que faça qualquer coisa.

Rodrigo, o gato irresistível do bar, para quem me entreguei sem saber nada além de seu nome, sem um bate-papo, apenas uma música de Aerosmith. Nunca mais vou conseguir ouvir aquela canção sem me lembrar dele. A recordação faz meu estômago dar cambalhotas, e as borboletas batem nas paredes, doidas para se libertar. Ele sorri quando o bip dispara feito um louco. Seus lábios encontram os meus, aceitando o convite da batida frenética de meu coração. Não tem mais nada que eu possa fazer. Estou perdida na sensação de seu calor.

Toco sua barba aparada e macia, saboreando a textura suave, e ele infiltra seus dedos em meus cabelos. É tão gostoso que chega a ser surreal. Ficar com Rodrigo é como um sonho, um sonho bom demais para ser verdade. Acho que por isso nunca consigo dizer não quando está assim, tão... misturado comigo. Ele geme em minha boca, causando um frenesi em minha língua.

Sinto-o estremecer. Sou eu quem causa tudo isso nele? Ah, meu pai! Definitivamente, tem algo forte entre a gente, e agora todas as palavras que eu disse para minhas amigas sobre não me relacionar não fazem mais sentido. Não encontro explicação racional para o que estamos vivendo e sentindo um pelo outro agora. Ou o que sempre sentimos quando nos encontramos. Ele para, ofegante, encosta a testa na minha e me acaricia bem atrás da orelha.

— Meu Deus, como eu senti falta disso!

Eu o aperto em resposta. Perdi a capacidade de falar momentaneamente. Sinto, mais do que vejo, seu sorriso.

— Você é uma dessas pessoas especiais que compartilham um pouco de si mesmas com quem tem a oportunidade de passar pela sua vida. — Abro

os olhos, e ele se afasta muito pouco para me encarar. — Não pode deixar de existir nunca.

GOSTO DE SEXO

A PROCISSÃO EM MEU QUARTO NÃO TEM FIM,
MAS AS ENFERMEIRAS CONTROLAM A
QUANTIDADE DE VISITAS QUE RECEBO POR DIA
PARA NÃO ME CANSAR.

Descubro que Lucas e Juliana me socorreram quando fui baleada. No desespero, não conseguiram ver a pessoa nem anotar a placa do carro, mas a rapidez no atendimento foi crucial para salvar minha vida.

Quando Pâmela aparece, com sua cara de delegada má, dá medo. Ela está tão louca de raiva que me enche de perguntas semelhantes às que respondi ao investigador.

— Calma, Pam. Eu não quero que você tenha um troço. O delegado e a equipe dele já estão cuidando disso.

— Eu me ofereci para ajudá-los no que for necessário. Nós vamos encontrar o culpado, Sara. Eu prometo!

Eu que não vou duvidar dela. Espero que encontrem mesmo, porque não estou a fim de ir desta para melhor tão cedo. Ainda quero sofrer mais um pouquinho neste plano da vida, se não for pedir muito. Eu me sinto tão confusa! Aqui no hospital tenho tempo de sobra para pensar, mas ainda não cheguei a nenhuma conclusão. Minha confusão tem nomes: Luis, Cássio e Rodrigo.

Todo mundo do escritório apareceu, fiquei sabendo. Até o Henrique, meu chefe. Cássio se mostrou todo cheio de cuidados e dedos comigo; sua paixão nunca foi tão evidente. Eu gosto da companhia dele, mas sinto que esse sentimento estragou tudo. E isso porque não sinto o mesmo, e ele

me sufoca com sua proteção e interesse evidentes. Não me leve a mal: não sinto nem vontade de beijá-lo de novo, muito menos de transar. Ele é apenas um bom amigo.

Fico desnorteada mesmo quando Bombom entra no quarto com cara de assassina. Cruzes! Ela me abraça com cuidado, apesar de estar pulsando com algum sentimento forte, dá para notar, e, quando se afasta, despeja tudo em cima de mim:

— NUNCA MAIS QUASE MORRA, dona Sara. Está me ouvindo? Por favor, pare de se arriscar com estranhos. Você pode acabar na mão de um psicopata.

— Que exagero, amiga. Calma. Eu vou ficar bem, e isso não teve nada a ver com a minha falta de juízo. — Reviro os olhos, mas não ousa erguer a voz, até porque ainda não tenho forças para isso.

— Preciso confessar que cheguei a ter inveja de você, da sua liberdade, sabe, como solteira. Mas, quando eu peso o preço que teria que pagar para ter essa vida também, eu me sinto mais feliz do que você. Eu seria incapaz de perder meu marido e minhas filhas, por quem eu tenho um amor incondicional, em troca de mais horas de sono, em troca de ter controle sobre a minha vida e de poder ficar com quem eu quisesse.

Ela fala com tanta paixão e fervor que fico presa em seu discurso desconcertante.

— Eu me angustio só de pensar o que você perdeu nesse divórcio, e não consigo imaginar como eu me sentiria no seu lugar.

Uau! Que bonito da parte dela se abrir assim, a sempre durona Bombom. Nem imaginava que é assim que ela se sente.

— Mas você deu a volta por cima, se amou primeiro e está lutando pelos seus sonhos. E isso eu vou admirar em você pra sempre. Deixei todos os meus sonhos de lado pra ter uma família, que eu amo mais do que a mim mesma.

Franzo a testa, e sua expressão suave se contorce em irritação

novamente.

— Nem abra essa sua boca, porque eu sei bem o que você pensa sobre isso. Mas você quer saber uma verdade?

Seu sorriso é tão lindo que me prende em seus lábios grossos. É contagiante.

— Sou muito feliz assim e não me sinto frustrada. Não o tempo todo. Na maior parte, estou muito bem com a minha escolha, e, por isso eu não posso me arrepender. Agora você precisa decidir o que quer da sua vida, o que é mais precioso nela que você nunca vai conseguir viver sem, ainda que perca qualquer outra coisa. E eu tenho a resposta universal pra você: o amor. Tudo bem, você já se ama, também ama o que faz e as pessoas ao seu redor. Mas a vida tem tantos amores pra serem vividos... Por que você se privaria de alguns deles? Ela é feita de momentos felizes, portanto viver intensamente só é possível quando a gente não se nega a nada.

Olho para minha amiga com tanto amor que não me contenho. Puxo-a para um abraço apertado.

— Eu te amo, Bombom! Obrigada. Obrigada por me salvar de mim mesma.

Ouço-a fungar, e ela retribui meu abraço com força.

— Também te amo, sua linda. Muito. Quero que você seja feliz e encontre um cara que te ame de verdade.

— Não preciso chegar a esse ponto. Já sou feliz com o seu amor e o da minha família.

— Sim, querida, mas você merece ter tudo o que deseja. Absolutamente tudo. Você é batalhadora, é dedicada, é amorosa. Tenho certeza de que ainda vai encontrar o cara certo.

— Obrigada, amiga. Mil vezes obrigada!

— Como foi o concurso?

Ela muda de assunto. É muito durona para esse sentimentalismo todo.

— Acho que fui bem, quer dizer, espero. Estou me apegando tanto a esse

concurso. Pode ser a grande virada da minha vida.

— Sem dúvida. Quando sai o resultado?

— Daqui a algumas semanas. Torce por mim, amiga. Eu fiz tudo o que estava ao meu alcance.

Ela sai, me deixando perplexa e reflexiva. Minha vida não é nem um pouco sensata, mas é o único jeito que eu sei viver, que eu sei me sentir bem, então é confortável permanecer como estou. A minha vida tem esse gosto de sexo, é excitante, é desejável e me tira do eixo completamente.

Eu amo o que é proibido, a paixão sem limites, exatamente o que mais me fez falta nos últimos dez anos. Estou tomando uma overdose. Teria outra maneira? Será que o segredo é ser desestabilizada, tirada do eixo? Ou perturbada e chacoalhada pelo Cássio? E se eu preferir ser surpreendida e admirada pelo Rodrigo, que acaba comigo a cada encontro? Qual deles eu prefiro? Não sei, sinceramente...

Não sei o que pensar e como agir. Estou sem rumo, perdida de novo, ou sempre estive e só agora percebo. Quase morri! Meu Deus! Quase perdi tudo, de verdade! Minha vida chegou a algum fim. Preciso repensar meus conceitos e atitudes. Ter o perdão de Luis e lhe oferecer o meu perdão tirou um peso que encurvava minhas costas e fazia desta nova vida um fardo, e não um prazer. Preciso de um tempo!

...

Estou com um pouco de medo de encarar a vida fora do hospital, por isso resolvi fugir. Todo mundo vem se despedir de mim no aeroporto. Meus pais fizeram questão de me trazer e vão vir me buscar quando eu voltar das férias. Estão tão preocupados! Minha irmã quase largou o namorado para me acompanhar, mas ele fez cara de cachorro abandonado e Simone não resistiu. É, estão juntos de novo. Só quero que sejam felizes. Meus sobrinhos pulam em meu colo. Eu os amo tanto!

Só vou ficar fora um mês, mas já sinto saudade de meus pequenos.

Prometo trazer presentes para eles, ainda mais porque não vou passar o fim de ano em família. Estarei no litoral, em alguma festa cercada de gente estranha, mas não faz mal: é isso que eu quero agora. Um tempo para mim mesma e encontrar meu caminho bem longe de sermões e criminosos. Abraço minhas amigas. As maluquinhas estão todas chorando. Mas o que é isso? Rio delas.

— Vamos parar com essa choradeira. Não estou indo embora pra sempre, são só férias. Por que é que ninguém chorou quando eu me casei e me mudei da cidade? Poxa, fiquei cinco anos fora e ninguém fez esse drama todo.

— Nós vamos ficar com saudade — diz a durona Bombom.

Ai, minha amiga. Damos um abraço coletivo bem apertado e eu contenho as lágrimas. Eu só quero sorrir. É uma viagem diferente, que estou doida para aproveitar. Vai passar voando, tenho certeza, tudo que é bom acaba logo. Então, vou estar de novo perto de minhas lindas e divertidas amigas. Eu me despedi de Cássio ontem, quando fui ao escritório fazer o acerto. Ele foi... efusivo.

Apesar do abraço contido, seus olhos me diziam o quanto ele queria me jogar na parede e me devorar em um beijo violento. Desde nosso lance que não tínhamos um momento tão... íntimo e quente. Apesar de ele não ter tido coragem de realmente cumprir o que desejava, senti a aura lasciva ao nosso redor. Ele me queria, e eu logo me despedi com a desculpa de fazer as malas.

Também foi estranho ficar em uma sala fechada acertando minhas férias com Henrique. Como prometido, nunca mais falamos sobre aquela noite de sexo em sua sala. Henrique não mudou o tratamento comigo, portanto duvido que alguém desconfie do que nós fizemos. Mas eu sei que ele ainda pensa naquele dia. Espero mesmo que não se esqueça nunca, porque eu não vou esquecer.

Minha língua carrega um gosto de proibido, de volúpia, de desejo. Eu sei

que nunca mais vou ser a mesma depois deste ano, principalmente depois deste incidente, ainda que eu pare de me deixar seduzir pelas experiências que desconhecidos possam me proporcionar, que eu me apaixone novamente e me entregue a um novo relacionamento.

Minha vida vai ter, para sempre, gosto de sexo.

MAR E AREIA

O CHALÉ QUE ALUGUEI NA POUSADA É PEQUENO
E ACONCHEGANTE. UM MÊS NESTE LUGAR,
APESAR DE MAIS EM CONTA QUE UM HOTEL,
AINDA VAI SER UMA GRANDE DESPESA, MAS EU
NÃO ME IMPORTO.

Vou gastar tudo o que ganhei neste ano de extras e poupança. É como se fosse uma megafesta de despedida. Estou dizendo adeus à minha antiga vida e ao mar de incertezas que a acompanha.

Em cima da mesa de canto, com duas cadeiras de madeira rústica, há um convite, e eu o pego para ler. Vai ter um luau na praia esta noite. Que sorte! Bem no dia da minha chegada, uma festa superbacana para começar as férias. A vida está sorrindo para mim de novo. Desfaço as malas e guardo as roupas nas gavetas da cômoda e no armário. Quando termino, me sinto em um local aconchegante, no qual vou passar um mês tranquilo.

Escolho um vestido branco tomara que caia e uma rasteira de pedrinhas coloridas para o luau. Vou tomar um banho e tirar do corpo o cansaço da viagem. Por mais que não tenha sido longa, tive que acordar cedo, esperar o voo, embarcar, pegar as malas na esteira e um táxi até a pousada. Está quente, e o verão úmido do litoral me deixa molenga.

Ligo o ar-condicionado, esperando que ele resfrie o ambiente enquanto me lavo. Quando volto, ainda úmida e quente, sou recebida por uma temperatura agradável. Minha sessão de beleza começa agora, com os cremes. Unhas, cabelo e depilação estão em dia. Eu me preparei antes da

viagem, se bem que vou ter que retocar o esmalte daqui a uma semana. Foi minha última sessão de depilação a laser.

Estou me sentindo leve, sensual e animada como não me sinto desde que acordei naquele hospital horrível. Férias... Tão esperadas! Não pretendo entrar no mar hoje. Talvez durante a festa, quem sabe? Quando finalizo a hidratação corporal, sinto cansaço. Meu corpo ainda não se recuperou completamente, e eu resolvo ler um pouco antes que o sono me pegue. Repor as energias para o luau de mais tarde, porque eu mereço me divertir.

...

A praia está iluminada por uma lua cheia linda. A areia branca resplandece sob o luar, e eu me encanto ao passar por postes rústicos com tochas que balançam ao sabor da brisa suave. O clima agora está mais agradável. Tanta gente bonita chegando para o luau! Eu me sento no bar, num ponto por onde todos passam quando chegam, com um drinque colorido na mão. Muitos jovens sorridentes, com roupas claras e floridas, se espalham entre a decoração.

A música toca em ritmos variados, e a maioria começa a dançar. Meu corpo responde, e logo fico com vontade de me mexer. Um rapaz loiro, com o cabelo arrepiado, sentado a meu lado — eu já o havia notado; seus músculos não são exagerados, mas são definidos, e ele tem a pele bem bronzeada —, me convida para ser seu par, e eu aceito.

— É surfista? — pergunto logo que nos apresentamos.

— Sim. Como você adivinhou?

— A típica bermuda florida — rio de sua cara de espanto.

— Ah, poxa. Eu acho tão maneira — retruca, fingindo-se ofendido.

— Fica bem em você.

— E você? Não me diga. Quero adivinhar. Hum... Você tem um ar de quem sabe das coisas. É jornalista?

— Passou longe! — gargalho.

O jogo de charadas segue, e eu dou pistas que são tão óbvias. Fica difícil não acertar.

— Advogada? Nem desconfiei.

— Um dia, juíza.

— Não brinca!

A partir daí, nossos nomes ficam esquecidos.

— Meritíssima, é uma honra ser seu parceiro. Aliás, você dança muito bem.

— Obrigada, surfista. Você não tem ideia do que eu posso fazer quando a música me envolve.

— Hum... Eu adoraria ver.

Ele me beija antes que eu possa responder. Muito rápido, também achei, mas a pegada firme me seduz, e eu aprofundo o beijo, mostrando a ele que nossas línguas podem dançar juntas. Quando se afasta, sem fôlego e desnortado, sorri de maneira surpresa e satisfeita. Ele gostou.

— Acho que preciso de uma bebida. Você quer? Já volto.

Continuo dançando sozinha e sorridente enquanto o aguardo. Ele não demora muito, e eu dou um generoso gole antes de cair em seus braços novamente. O surfista sorri, de um jeito diferente. Parece presunçoso, mas não diz nada. Reviro os olhos para ele e me deixo embalar pela música, mas ele me agarra com mais rudeza e gruda nossos lábios. Opa, o que está acontecendo aqui? Sou pega de surpresa pela urgência do beijo.

Mas não é só isso. É um beijo diferente. Tem mais fome, mais atrevimento, mais força. Sua boca se move de maneira nova, como se... Não, não é possível. Será? Mas é como se não fosse ele. Quando completo o pensamento, dando valor à sensação que me toma, encaro-o nos olhos. Seu sorriso continua daquele jeito. Dou uma conferida nas roupas e até no chinelo que está usando. Parece o mesmo, mas não é. Não estou louca!

— Você... O que está acontecendo aqui?

Ele ergue os braços, e sua voz sai mais grossa, mais sensual e hipnótica.

— Calma, gata. Nós gostamos de brincar. Você não?

— Nós? Quem é você?

Neste instante, minha ficha cai. É tão óbvio. Como eu não percebi antes?

— Vocês são gêmeos — constato, aliviada.

Ele pisca para mim, confirmando. Este é mais ousado. Sorrio.

— Gostei de você também, surfista número dois.

— Que história é essa? — uma risada gutural enche meus ouvidos.

— Você chegou depois, gato. Sinto muito.

Ele agarra minha cintura, me apertando contra seu corpo firme. Uau!

— Eu posso ser melhor do que ele.

— É esse o jogo? Vocês disputam a mesma mulher?

Ele dá de ombros. Homens e seus egos gigantescos.

— Mas ele é seu irmão.

— E daí?

Caio na gargalhada e aproximo nossos rostos para sussurrar em seu ouvido.

— Pra que disputar se podemos nos divertir juntos?

Ele me olha de uma forma safada, sem se espantar com minha proposta nada decente.

— Agora você está falando a minha língua, gata.

O surfista dois me beija novamente, e, quando nossos corpos se encostam, percebo sua ereção contra minha barriga. Aperto-o mais, consciente de que estamos apenas piorando seu estado e que ele não vai poder sair de perto de mim por algum tempo. Tenho vontade de rir.

A festa avança, a bebida rola solta, e os gêmeos se revezam. Nossa! É a primeira vez que dois homens me querem e me têm ao mesmo tempo. Não tenho tempo de notar se o irmão que não está comigo pega outra, mas, pela agilidade com que a troca se realiza, acredito que não. O surfista

número um é mais engraçado e fofinho. O dois é mais quente e pervertido.

Tê-los em meus braços é como estar com um parceiro completo, duas metades de um cara do jeitinho que toda mulher deseja. Com isso, constato que realmente o homem perfeito é impossível de existir. Estou tendo uma chance única de ter um homem — pelo menos na aparência é como se fosse o mesmo cara — com duas personalidades diferentes e interessantes. Se o meu primeiro dia de férias começou assim, como vai ser o último?

A certa altura, eu levemente embriagada, estamos em um canto da festa. Não havia notado até agora o quanto eles me afastaram. É o número dois que está comigo; os acordes de uma música que eu amo começa a tocar, e eu sorrio. É, Marilyn Manson, doces sonhos são feitos disso.

— Gata, eu conheço um lugar deserto nesta praia. Meu irmão está esperando a gente lá.

Concordo com a cabeça e o sigo de mãos dadas. Vamos andando sem pressa, beirando as ondas, que eu pulo para não molhar os pés. Mais à frente, o som da música mal se ouve de tão distante que estamos, e ele me pega no colo, me apertando com força contra seu peito. Atrás de uma rocha, vejo uma faixa estreita de areia, guarnecida por uma muralha natural. O surfista número um está sentado em uma toalha florida e sorri quando nos avista.

— Meritíssima. — Sua voz é sexy e divertida ao mesmo tempo. Ele é encantador.

Tira minhas rasteirinhas antes que o número dois me coloque em pé sobre o tecido estendido no chão, de frente para seu irmão gêmeo. Ele sorri para mim e me toma nos braços, beijando-me com a delicadeza e o ardor que fazem meu corpo reconhecê-lo de imediato. Sinto outro corpo, tão parecido, mas não o mesmo, se encostar em mim, agarrando meu quadril.

O segundo salpica meus ombros e minhas costas com sua boca, afastando meu cabelo e arrepiando minha pele enquanto suas mãos atrevidas vasculham por baixo de meu vestido. O primeiro escorrega as mãos de minha cintura para meus seios, acariciando gentilmente, porém com firmeza, fazendo meus mamilos se eriçarem contra o tecido. O surfista dois enfia os dedos por baixo de minha calcinha, escorregando deliciosamente.

— Ah, gata — geme ao deslizá-los para dentro de mim.

Eles me excitaram a noite toda. Estou molhadinha. Outro dedo acompanha o primeiro, e eu quero arfar, mas minha boca está presa, o beijo crescendo conforme as mãos do gêmeo um tocam meus seios depois de expô-los à maresia. Levanto a camiseta dele, sentindo os gomos suaves de seu abdômen durinho, mas me deixo sentir um pouco mais embaixo, em sua ereção. Tiro-o da bermuda e movimento a mão ao longo de seu membro.

Ele arfa, finalmente largando meus lábios, e se debruça para tomar meus mamilos, suga-os, aperta-os, puxa-os com pouca gentileza, na mesma pegada de sua excitação. O número dois enfia os dedos melados em minha boca e eu os chupo ruidosamente enquanto ele esfrega seu pau em minha bunda, levantando o vestido.

— Hoje você vai ser comida como nunca foi antes — sussurra, ofegante e excitado, em meu ouvido.

O calor percorre meu corpo, do baixo-ventre para o restante dele, ao ouvir sua voz rouca. Eles se afastam ao mesmo tempo, sincronizados para me enlouquecer. Enquanto o gêmeo um me tira o vestido, o dois abaixa minha calcinha até os tornozelos. Ele volta subindo pelas minhas pernas, lambendo e mordiscando, e, quando chega à curva de meus joelhos, me sinto fraquejar, mas o primeiro me beija de novo, me amparando nos braços.

E eu achei que o outro ménage havia sido forte! Eles se esfregam em

mim, ambos os lados de meu corpo cobertos por outros, só que desta vez másculos, duros e até um pouco brutos. As mãos escorrem pela minha pele, baixando os pelos arrepiados, aquecendo o frio trazido pela brisa persistente.

— Você fica gostosa naquele vestido, mas é muito mais gostosa nua.

O número dois gosta de falar, de me incitar. Gemo quando sua mão acaricia minha bunda de um jeito ousado, invadindo a fenda melada por onde escorrega com facilidade sem me penetrar, só para me deixar mais doida. Estou prensada entre eles e não tenho controle de meu próprio corpo. Sou um brinquedo nas mãos destes dois surfistas. Hoje é o dia de me deixar seduzir.

Ele se afasta, deixando o irmão me acariciar sozinho. Este não me deixa sentir falta do outro, mas nem tenho tempo, porque logo ele volta, completamente nu. Sinto sua pele escorregar na minha, ainda por trás. Acho que o dois é fissurado em bundas. Tento ajudar o número um a se despir e percebo que ele gosta da ideia. Seus lábios sorriem contra os meus.

Primeiro a camiseta, depois a bermuda, e, quando me agacho para descê-la, o número um se senta para tirá-la e o dois me empurra sobre o irmão, segurando meu quadril com firmeza. Eu o beijo, sentindo o gêmeo de trás se segurando em mim enquanto se ajoelha, mas vou descendo pelo tórax do primeiro até alcançar seu pênis. Quando o abocanho, o segundo me penetra devagar.

— Ah! — ambos gemem.

Tenho vontade também, mas estou com a boca ocupada. Chupo o surfista um, totalmente entregue à sensação de receber e dar prazer ao mesmo tempo para dois homens. É um sonho bem sacana, mas também prazeroso, que se realiza em uma praia deserta, à luz da lua.

O ritmo aumenta, e eu acompanho enquanto os ouço gemer baixinho. O movimento do surfista dois contra meu quadril me impulsiona no

boquete do surfista um. Eu me arrepio quando o segundo alisa minhas costas com as palmas da mão úmida e o primeiro ergue meu cabelo, segurando-o em um rabo de cavalo para me assistir enquanto o sugo com vontade. Eu sou muito fraca ou não sei... Sinto minha excitação evoluir para um orgasmo.

O irmão dois mete mais forte e rápido, e eu me entrego, sem resistir à sensação já conhecida, mas tão viciante que sempre quero mais. Inesperadamente, ele enfia o polegar em meu ânus, entra e sai com delicadeza, e eu estou explodindo outra vez, travando a boca na cabeça do pênis do gêmeo um, levando-o ao delírio.

— Ah, meritíssima! — seu gemido é uma exigência e uma súplica.

O surfista que está me fodendo se afasta, sem aviso, e o número um me entrega uma camisinha, que eu visto nele antes de me sentar de costas sobre seu pau, cavalcando-o em busca de meu terceiro orgasmo da noite. Ele agarra meus seios enquanto pulo e amarra meu cabelo de novo, esfregando o corpo úmido em minhas costas, lambendo-as, e o número dois me oferece seu pênis. Agarro-me nele com uma mão, e a outra aperta a coxa firme do irmão sentado.

Chupo o número dois, sentindo seu gosto e um pouco do lubrificante da camisinha que tirou. Isso é sempre sexy para mim. Sugo devagar, sem pressa, concentrando a ferocidade nos movimentos de meus quadris. Gozo uma, duas vezes e, quando chega a terceira, engulo-o no fundo da garganta, girando a mão na base, até envolver seu saco e apertá-lo.

— Meu Deus, gata, como você é gostosa!

Estou sem fôlego e com as pernas bambas, e amoleço nos braços do surfista número um. Ele é tão carinhoso, mas não deixa de ser excitante ter suas mãos alisando minha pele sensível. Com um sorriso sacana nos lábios, o número dois me ajuda a levantar, segura meu queixo com força e me beija de forma violenta, misturando seu gosto em nossas línguas.

— Só falta um lugar seu pra eu conhecer — ele diz quando me solta.

Engulo em seco, mas sorrio quando seus dedos deslizam em mim novamente, lambuzando-me com minha própria excitação. Ah, meu Deus! Ele me vira de frente para o outro e me faz sentar sobre ele de novo — parece o líder deste jogo sedutor. Alisa minhas costas como fez antes, me força a me inclinar sobre seu gêmeo, que agarra meu cabelo e me beija. O surfista número dois usa a mão livre para penetrar meu ânus com o dedo novamente. Ah!

Meus joelhos estão fincados no chão, e minha bunda está arrebitada, mais alta que a cabeça. O número um ergue o quadril com gentileza, entrando todo em mim. Meus mamilos roçam em seu peito suado quando se movimenta para dentro e para fora, tão lentamente que chega a ser desesperador. Ao mesmo tempo, e com paciência, o dois me alisa e me invade. É enlouquecedor! Estou relaxada depois de gozar tanto. E as quatro mãos me acalmam.

Ao mesmo tempo em que o dedo do número dois sai, o um acelera um pouco o ritmo, como que para me distrair. Mas ainda sinto quando o gêmeo mais sacana se encosta, segurando com firmeza meu quadril, para entrar em mim lenta e deliciosamente. O safado vai me comer de todos os jeitos hoje, porra!

Quando está inteiro dentro de mim, me força para baixo, e o número um aproveita a deixa para meter com mais força e agilidade, mordendo meu lábio inferior dolorosamente. O dois ainda é delicado, apesar de sua brutalidade característica, deixando meu corpo se acostumar com o seu. Ele se move gradativamente mais depressa, já que não reclamo. É brutal, selvagem e primitivo quando o ritmo de ambos emparelha.

Sou tomada pela sensação pervertida de ser fodida, tanto que fico sem palavras, sem ar, sem acreditar que esteja mesmo acontecendo, mas só quero que não acabe, que a queimação que me consome por dentro e por fora dure mais do que apenas um minuto. Estou literalmente presa entre dois homens gostosos demais para serem de verdade.

Seria mais um de meus sonhos eróticos proibidos? O vulcão dentro de mim cresce, a lava queimando minhas veias e meu sexo. A explosão é grande demais para que eu contenha. Ser tomada em dois lugares ao mesmo tempo com tanta ferocidade não me dá outra opção que não me deixar levar por um orgasmo fodástico que me consome em pó, cinzas, nada.

Vou para o inferno depois desta noite, mas vou feliz.

TRILHA DE MIGALHAS

ACORDO COM O SOM ESTRIDENTE
DO TOQUE DO CELULAR. QUEM SERÁ
A ESTA HORA DA MADRUGADA?

Vejo o relógio digital vagamente, sem prestar atenção, tentando manter os olhos fechados enquanto falo com o aparelho insistente. Odeio ser acordada deste jeito.

— Alô — murmuro, com a voz grave.

— Sara — a voz chorosa me deixa em alerta —, como ele teve coragem de fazer isso comigo?

— O que houve, Juliana?

Ju e eu ficamos amigas depois daquele dia intenso de sexo a três.

— O Lucas está namorando sério. É uma lambisgoia loira.

— Sinto muito, gata. — Penso por um instante. — Olha... Por que você não pega um avião e vem pra cá? As minhas férias ainda estão na metade. Assim você se diverte comigo e esquece esse escroto.

Comigo é assim: mexeu com amiga minha, toma toco, ainda que ele tenha salvado a minha vida. Como nossa amizade se aprofundou, descobri que Juliana é apaixonada pelo Bis! Parei de responder as mensagens e os telefonemas dele depois disso. Eu não ia compactuar com o sofrimento de outra pessoa. Já bastava o que tínhamos feito juntos. Nós duas sabemos nos divertir com outros caras, não precisamos dele.

Vou pegá-la no aeroporto mais tarde, não me importando nem um pouco em estar bancando sua viagem. Ela está com cara de sofrimento, mas pelo menos não chora mais. Menos mau. Vontade de partir a cara

daquele mentiroso de uma figa. Por que as pessoas têm que brincar ou se aproveitar dos sentimentos dos outros? Nenhuma boa foda vale o coração de alguém. Vixi, isso me faz lembrar de Cássio. Eu sei que já cometi esse erro, mesmo que sem intenção, mas me arrependi e pedi perdão, não foi? Eu a abraço bem forte quando a encontro no saguão lotado.

Juliana choraminga o caminho todo, me contando do desprezo de Lucas por ela, as promessas mentirosas e tudo que teve que suportar para tê-lo por perto. Eu sei como é ser usada e descartada. Sou solidária com sua mágoa, e estou com raiva.

— Relaxa, Ju. Vou te apresentar os gêmeos surfistas. Hoje tem festa na casa deles.

Ela se interessa. Safada! Me divirto ao relembrar nosso encontro no luau e nossa troca de mensagens sacanas, um bate-papo divertido entre os três. O motorista do táxi nos espia pelo retrovisor enquanto conto o jogo deles durante a festa na praia, e Juliana ri, descontraída, entrando no clima das férias. Como toda apaixonada, ela tem recaídas, e eu ouço seus lamentos enquanto nos arrumamos no chalé.

A casa dos irmãos é um espetáculo. Fica na praia mais exclusiva da cidade. Mansões envidraçadas, muralhas, jet skis e iates dão o toque de requinte ao lugar abençoado por uma beleza natural encantadora. É um pedacinho do paraíso. Ainda não sei quem é quem, mas percebo o sorriso sem-vergonha que o irmão dois lança sobre Juliana e o reconheço. Dou risada. Já está atrás de carne fresca.

Os rapazes estão a fim de se exhibir. O sol está alto e a maresia, forte. As ondas convidam para um mergulho. Munidos de roupas térmicas e pranchas, eles nos chamam para um banho de mar antes da festa, que só começará à noite. Pisco para Ju. Eu disse para irmos mais cedo e aproveitarmos a praia privativa dos gatos. Estamos usando biquínis minúsculos por baixo das saídas de praia.

Os irmãos travam uma conversa animada com Juliana. Ela é o centro das atenções hoje. Acho ótimo; está precisando ser mais paparicada do que eu. Eles ficam tentando descobrir mais sobre ela. Sei que vão acabar lhe dando um apelido, como fizeram comigo. O dois é sempre o mais óbvio e a chama de gatinha. Aproveitando a deixa, o número um arremata:

— Gatinha assanhada!

E eu começo a cantar Gustavo Lima.

— *Cê tá querendo o quê?*

Juliana para de andar e requebra, continuando a música.

— *Eu quero mexer, eu quero mexer.*

O queixo dos dois cai. Ela realmente é sensual quando dança, tão sexy quanto eu. Somos uma dupla e tanto! Gargalho e abraço os ombros dela, deixando os rapazes para trás. Eles correm atrás de nós, chamando, e fingimos não ouvir. Enfim, emparelham, cada um de um lado, gesticulando como se estivessem armando alguma coisa.

— Ei, vocês dois. Nem comecem com planos mirabolantes. Estou a fim de me esticar embaixo do guarda-sol e aproveitar minhas férias.

Estou devendo respostas para as milhares de perguntas que rondam minha mente.

Eles riem como quem diz “você não é a única garota, meu bem”. Dou de ombros. Se Juliana quiser se acabar em um canto remoto da praia com os gêmeos, que faça bom proveito. Ela fica sem entender enquanto nos acomodamos em um lugar privilegiado da areia. Não está lotada nem deserta, como na faixa à casa deles. Já transei com os irmãos lá também. Acho que estou passando muito tempo com eles.

E ignorando todos os recados de Gabriel. Ele acabou mesmo dando para trás no convite para eu passar as férias em sua casa. Disse que tinha uma viagem, um cruzeiro agendado para este mês. Ainda bem que não contei com o ovo, não é mesmo? Só que agora ele quer que eu vá para esse

cruzeiro com ele. Vai cair exatamente em minha última semana aqui no litoral. Estou tentada, mas ao mesmo tempo receosa. Não sei o que decidir, por isso o evito.

Gentis, os irmãos armam os guarda-sóis antes de estirarmos as cadeiras. Chamam garçons das barracas de bebidas ali perto para nos atenderem no que quisermos e vão enfrentar as ondas. Eu já os vi surfar. São bons, não sei por que não participam de campeonatos. Juliana suspira, e eu sei que lá vem mais lamentação.

— Sinto tanta falta do Lucas, Sara! Ainda gosto muito dele, apesar de ser um cretino.

— Do que você gosta? — pergunto sem olhar para ela, vendo os rapazes subirem e descerem na crista branquinha a distância.

— Ele é fofo às vezes, diz o quanto precisa de mim, por isso eu não consigo largar.

Eu a encaro, bestificada.

— Só isso?

— A gente não escolhe por quem se apaixona, Sara. Só acontece.

— Eu juro que a minha mão está coçando pra te esbofetear, Juliana. Tenha dó! Larga de ser boba, mulher. Acorda pra vida! Você não gosta dele. Só está apegada a uma ilusão.

Sei que ela vai me odiar, mas não me contenho.

— Como você pode dizer isso? Eu estou sofrendo com o desprezo dele!

— É claro que está. Ninguém gosta de ser rejeitada. Mas amor e sexo são coisas diferentes. Sexo é pele, é carnal, é físico, é paixão e hormônios. Faz bem para o corpo e para a alma, mas não é amor, ainda que você possa fazer sexo com quem ama. Amor é querer o bem do outro, ser gentil e ficar feliz só por ver essa pessoa sorrir também, sem querer nada em troca. Amor é sentimento, a gente vive com o coração, valida com a cabeça e extravasa com o corpo. Não tem nada a ver com essa sua paixonite de pica.

— Não, Sara. Eu sei que o amo porque sinto falta dele.

— Por quê, Juliana? Me diz: como você pode amar alguém que não é gentil com você, que só é “fofo” como você diz quando quer te comer? Um homem que leva outra mulher pra cama de vocês... Ju, pelo amor. Você não pode entregar o seu coração pra alguém que te oferece tão pouco.

— Não é pouco... Ele é carinhoso e tem intensidade.

— Eu vi vocês juntos na cama, Juliana, não se esqueça disso. Como eu te falei antes, ele tem sim um carinho por você, mas eu também vi o jeito como ele te trata quando vocês não estão transando. Ele te despreza e te diminui o tempo todo só porque você não trabalha e não estuda. Tudo bem que eu também acho que você tem que resolver isso logo, mas eu te incentivo a mudar de vida, não te humilho. Sentiu a diferença?

Ela me encara perplexa e com o maxilar travado.

— Tenha certeza dos sentimentos da outra pessoa antes de retribuir. Você vai saber pelas atitudes fora da cama, no dia a dia. O sexo é apenas a pimenta que esquentava a relação, não é a base dela. É esse o problema da maioria das mulheres: elas caem no papo furado que qualquer homem diz quando está excitado. Eles estão mentindo? Claro que não. Eu acredito que eles realmente nos achem lindas e gostosas naquele momento, é por isso que se sentem atraídos por nós, mas amor é mais do que sexo, apesar de ser tão intenso e mexer com a gente de uma forma tão profunda. É uma amizade que desperta confiança e um desejo que não tem fim depois do orgasmo. O desejo de estar junto em qualquer momento e de estar alegre só por ver o ser amado. Pense nisso.

— Nossa, Sara, eu... Estou surpresa. Não imaginava... Uau! Você tem razão, amiga.

Juliana fica sem palavras. Só disse o que eu sentia.

— Ele se afastar de você é uma coisa boa, amiga. Veja o meu exemplo. Depois que eu deixei de lado coisas que me faziam mal e foquei em mim e nos meus sonhos, as coisas boas simplesmente começaram a acontecer.

Acredite em você, Ju. Eu sei que você merece muito mais do que está se permitindo viver.

Ela me abraça com lágrimas nos olhos. Eu as enxugo e dou um tapinha em sua bunda.

— Agora chega de sofrer. Quero te ver sorrir, sua linda. Vai lá. Tem dois gatos malhados te querendo.

Quando ela se vira, eles estão próximos e giram a cabeça a nosso redor, respingando água para todo lado. Como são moleques! Ju os persegue, fingindo estar irritada com a atitude juvenil dos rapazes, e eu só os observo. E a felicidade pode ser simples quanto um aperto de mão, já dizia Djavan.

...

Os três sumiram, e eu estou cansada de ficar sentada nesta cadeira. Acho que minha bunda está quadrada. Não trouxe nada comigo, nem meu celular — não vou correr o risco de enchê-lo de areia. Resolvo dar uma volta pela praia, que deve ter no máximo cinco quilômetros. De onde estou, posso ver o começo e o fim. O entardecer caiu sobre o mar adiante, e é uma imagem digna de ser registrada.

Pego uma água de coco na barraquinha na conta dos gêmeos — eles deram carta branca — e vou andando lentamente, prestando atenção aos detalhes. A areia muito clara revela aqui e ali conchas inteiras e quebradiças. Casinhas abandonadas pelos seus habitantes. São tão coloridas e bonitas!

Reflito sobre minha vida a partir do momento em que saí com Márcio. Aquele nosso encontro me fez acreditar que eu sou bonita, que ainda tem algo vivo e intenso queimando dentro de mim para ser extravasado e, me mostrou que sexo é mais do que uma obrigação: sexo é desejo e paixão entre duas pessoas que se atraem.

Lucas me mostrou que eu podia realizar fantasias, fazer sexo proibido,

me entregando ao momento e ao prazer sem limites. Tudo é permitido quando os dois querem. E Juliana, minha nova amiga maluquinha, me ensinou que amor e sexo são coisas distintas, que podem andar juntas ou separadas, dependendo de seus sentimentos por uma pessoa.

Caio, o personal, me ensinou a seduzir. E eu aprendi também com o pole dance que tenho o poder, se quiser usá-lo a meu favor. Está em minhas curvas, portanto não tenho por que ter vergonha ou receio de expor meu corpo em uma dança ou lingerie. Ainda que eu nunca seja perfeita como gostaria, sou desejável.

Rodrigo, meu maior problema. Não sei o que pensar dele. Nossos encontros têm sempre intensidade, me tirando desta existência e me marcando para sempre. Seus olhos inesquecíveis tão penetrantes e sua boca na minha, única. Não importa quanto tempo passe, quando eu ouvir sua voz, vou reconhecê-lo. Ouvir “Dream On” vai ser como estar em um sonho bom.

Gabriel e seu desejo sem tamanho. Não temos um papo muito bom, e talvez isso me perturbe a ponto de não ter certeza de que devo dar uma chance a ele. Acho que sempre vamos fazer sexo e mais nada quando nos encontrarmos. Ainda não sei o que mais ele pode me acrescentar. Estou em dúvida.

Rafael, nossa. Essa experiência foi das mais intensas do ano. Doce, sensual e ousada. Ele me mostrou que as pessoas podem nos surpreender se permitirmos que elas nos mostrem do que são capazes. E que o contraste nem sempre é ruim.

Túlio e suas mãos suaves. Sim, é isso. Suavidade define. Ele me mostrou o toque de romantismo que o sexo pode ter sem deixar de ser intenso. Eu me senti tão bem com ele que não tive medo de dançar e me envolver, até certo ponto, emocionalmente.

Os gêmeos foram pura fantasia, daquelas que a gente nunca pensa que vai realizar na vida. Eu já havia imaginado, ainda mais depois do primeiro

ménage, como seria transar com dois caras. Mas é o tipo de coisa que você nunca acha que vai acontecer de verdade... É, às vezes a vida vem e te surpreende. Volto a mente para o causador de tudo isso: Luis.

Lágrimas atrevidas ardem em meus olhos, e eu as deixo escorrer, mas abaixo o olhar para tentar esconder minha sensibilidade. Ela está aqui, sempre esteve, só que escondida atrás de uma máscara de descaso. Eu sou uma mulher de fortes sentimentos, e provavelmente estive usando o sexo esse tempo todo para sufocar o ódio que deixei crescer dentro de mim. Orgasmos fazem bem para meu corpo; raiva e dor, não.

Aperto os olhos e sinto o coração leve quando penso no perdão dele. Só quero ser feliz, e agora sei que estou pronta para viver esta nova fase intensamente, livre dos sentimentos ruins que estava me aprisionando no passado e me impedindo de vislumbrar o futuro, um futuro lindo e promissor. Preciso viver o presente e esperar só coisas boas do futuro.

O ódio não estava me levando a nada além de dor. Esse sentimento negativo me impedia de acreditar nos homens e em um novo e feliz relacionamento. Eu estava taxando o amor e as relações como destrutivos. Mas, apesar de tantos exemplos ruins, ainda existem pessoas capazes de amar de verdade.

São essas as migalhas que a vida me deixou para que eu pudesse constatar o óbvio.

QUE COMECE O FIM

É QUASE DE MANHÃ QUANDO A MÚSICA SILENCIA.

Os surfistas não nos deixaram ir embora. Será que querem que durmamos aqui? Começo a juntar copos e garrafas quando o gêmeo um — percebo pelo olhar carinhoso — me faz parar. O dois já está agarrando Juliana no imenso sofá. Parece mais uma cama para seis pessoas. Ele se senta e me convida para seu colo. Sacana. Parece que está se soltando.

Eu me encaixo nele, e sua boca agarra a minha. Adoro beijar até perder o fôlego, e o surfista também gosta; eu sei pelo tanto que me aperta e me devora. Também tem uma queda pelo meu cabelo. Seus dedos se enfiam nele, e já espero o rabo de cavalo bagunçado que ele prende forte com a mão.

Só que, desta vez, puxa minha cabeça para trás, criando um caminho desconhecido pelo meu pescoço. Primeiro esfrega o nariz, depois os lábios e, por fim, a língua úmida, que é como lava na minha pele exposta. Arfo, meu corpo indignado com tanta sedução. Esfrego-me contra sua ereção saliente na bermuda de tãctel, fincando as unhas em seus ombros duros.

O surfista desce as alças finas de meu vestido, beijando meus ombros. Minha pele arrepia a seu toque. É quente, sedutor, lento... Sinto cada célula ceder a ele. Aperta meus seios expostos, arfando, e me encara, perdido, excitado, me querendo.

— Tem uma coisa que você ainda não me deu. — Suas palavras são um murmúrio tão baixo que tenho que ler seus lábios para entender o sentido da frase.

— O que você deseja? — gemo, me inclinando para a frente, e acaricio sua nuca.

Seu pau duro sob mim pulsa, e sua voz entrecortada me enlouquece. Em vez de responder, ele me mostra: suas mãos alisam meu quadril até a bunda, e a direita escorrega na fenda entre minhas pernas. Ah, que carícia gostosa! É disso que eu gosto nele: ele explora meu corpo, fazendo-o se render a suas mãos, a sua boca, para enfim possuí-lo. Ele pode ter o que quiser de mim com essa habilidade de me fazer pirar.

— Você vai ter que conquistar — sussurro em sua orelha antes de prender o lóbulo entre meus dentes.

Ele solta um grunhido, me apertando mais contra seu corpo, sua mão se afundando em minha carne. Um gemido mais alto chama nossa atenção, e, quando olhamos para o lado, o irmão dele está comendo Juliana na ponta do sofá. Apressadinho! Rimos e nos encaramos. Estamos tão envolvidos um com o outro que nos esquecemos de que temos companhia.

— Exibicionista — brinco.

— Se acha — retorce os lábios.

— E você, não?

Ele dá de ombros e me beija de novo, me mostrando que não é hora para conversa. A música ainda preenche o vazio da sala, mas não presto atenção. Ele sobe meu vestido para tirá-lo, ao mesmo tempo em que suas mãos alisam a pele no caminho. É tão... quente! Aproveito e puxo sua camiseta cavada, saboreando nos dedos a firmeza de seus músculos.

— Você é tão linda, meritíssima — sussurra, cobrindo minha nudez com as mãos.

— Você também é lindo, surfista.

Agarrando-me novamente, com mais paixão desta vez, ele me gira até encostar minhas costas no estofado. Prendo seu quadril com as pernas para não perder a conexão com a parte de seu corpo que mais me quer... E pela qual mais anseio. Ele salpica beijos pela minha barriga até o fio da calcinha. Fecho os olhos, me deliciando, e jogo os braços para o alto da cabeça. Encontro as mãos do outro gêmeo, que aprisiona as de Juliana enquanto se move sobre ela.

Eu as aperto inconscientemente quando o irmão puxa minha calcinha para baixo com os dentes, e solto uma exclamação de prazer. Percebo que o surfista dois solta Ju, mas faz com que seguremos uma nas mãos da outra. Ela pressiona os dedos contra os meus. No que estará pensando?

Eu me perco quando a boca do gêmeo um lambe meu clitóris, descendo pela minha fenda melada, e me agarro com mais força a minha amiga. Escuto-a gritar, mas logo o som é abafado por um beijo voraz. Estou tão perto que posso ouvi-los, quase sinto o hálito ofegante do outro casal. Ouvir e imaginar é tão bom quanto ver. Enquanto isso, a língua do meu surfista afunda entre minhas pernas e chupa meu ânus.

Ah, meu Deus! Ele quer muito, e está me fazendo desejar também. Eu gosto disso, sem nojo, sem pudor, sem receio. Gosto de homens que se entregam ao sexo sem barreiras. Gosto de fazer o mesmo e de ultrapassar todos os limites. Só descobri mais prazer ao me aventurar mais e mais fundo nesses jogos. Juliana me solta, e eu sinto o casal mudar de posição, mas estou perdida em algum lugar agora.

De repente, lábios tomam os meus. O beijo tem uma delicadeza nova. Percebo que é invertido, como se me beijasse de ponta-cabeça. Reconheço aquela boca. Abro os olhos e percebo a cascata de cabelos castanhos caídos a meu redor e o pingente pendurado no pescoço de Ju. Sorrio, e ela aproveita para encostar a língua na minha. É diferente. Sempre quando fico com ela, acontece algo novo e inusitado.

Percebo que o irmão dois a está segurando firme para que o tranco da

batida de seus corpos não atrapalhe nosso lance. É mágico! Sou levada à beira de meu primeiro orgasmo quando o gêmeo um enfia os dedos dentro de mim enquanto chupa meu clitóris. E mais outro entra. Quero me contorcer, mas só consigo me contrair ao redor deles. Ele tira um e o enfia em meu ânus, movendo-os nos dois orifícios ao mesmo tempo.

Ah! Gemo na boca de Ju, que acelera mais nosso beijo. Meu clitóris está sensível e latejando sob a língua insistente do surfista, e eu gozo, agarrando os cabelos dela e os erguendo, em busca de ar. Acho que ver nós duas juntas fez o gêmeo um pirar, porque ele larga minha pélvis ainda pulsando pela sensação libertadora que me provocou e não demora a se encaixar em mim. Entra fundo, de uma vez só, escorregando com facilidade em mim.

Ju me solta, e então percebo que é o gêmeo um quem puxa seus cabelos. Ele a beija a centímetros de mim, e sinto vontade de me meter entre eles, como fizemos com Lucas. Eles se movimentam um contra o outro e o pau dele afunda entre minhas pernas, saindo e voltando, saindo e voltando, com força. Eu me contorço sob eles, apertando os olhos, e ergo os seios contra o tórax dele.

Quando os abro, estão me olhando, sorrindo. Juliana morde o lábio inferior. Ela está se contendo para não gozar, e meu gêmeo me dá um beijo de tirar o fôlego, tornando sua metida mais firme e rápida. Resfolego em seus lábios, e ele me solta, puxando Ju para ficar entre nós. O beijo que eu quis acontece, mas não dura muito, porque eu e ela gozamos. Trocamos de posição depressa; é instintivo.

Eu fico de quatro agora, e Juliana de barriga para cima, ao contrário no sofá. Enfio a cabeça entre suas pernas enquanto ela chupa o pau do gêmeo dois, ajoelhado sobre os próprios pés ao seu lado. Ela o engole, posso ver de camarote, bruta e precisa, depois o tira da boca tão lentamente que ele geme entre os dentes. Com a outra mão, aperta seu saco.

O irmão um mete duro e fundo para dentro de mim e depois sai devagar, me deixando respirar por alguns segundos antes de entrar de novo. Vai tão fundo! Socorro! Que delícia! Ele repete o processo mais algumas vezes enquanto chupo Juliana, enfiando um dedo dentro dela e me movendo devagar, para se recuperar dos dois orgasmos. O meu gêmeo enfia o dedo lambuzado em meu ânus e, quando mete, não para mais.

Acelero meus próprios movimentos em minha amiga, impossível nos conter agora. Se eu gozar, quero que ela vá comigo, e não demora muito. Ambas gritamos, as bocas sufocadas. Então eles se afastam por meio minuto. Quando volta, meu gêmeo abaixa um pouco meu quadril e pressiona o pênis contra meu ânus. Lá vamos nós!

O surfista dois se senta tão perto de mim, as pernas abertas ao lado de minha cabeça. Ops. Juliana sobe em cima dele, em posição de meia-nove, e volta a chupá-lo, enquanto ele faz o mesmo nela. Eu abocanho seu saco no mesmo momento em que a cabeça do outro gêmeo entra em mim. Contenho um gemido de prazer engolindo uma das bolas e acariciando a outra. As respirações, minha e de Ju, se misturam contra a pele suada deste gostoso.

O cheiro de sexo é intenso no pequeno espaço onde meu rosto está enfiado. Sinto os dois à minha frente se movendo e gemendo de prazer, enquanto eu mesma sou possuída, no lugar mais proibido de meu corpo, mas que eu amo que seja conquistado. Ele é lento de novo quando se move para o fim, e está inteiro agora. Uma mão passa por baixo de meu quadril e agarra meu clitóris. Quero gritar!

Ele começa a se movimentar, e sou levada pelas sensações ao meu redor. Quero gozar deliciosamente no pau e na mão dele, quero fazê-lo se derreter dentro de mim, quero ver Ju se acabar também e ajudá-la a proporcionar um orgasmo fodástico ao gêmeo mais safadinho, que se aproveita de nós duas neste amanhecer. Mas só o meu surfista tem o que mais deseja.

Eu me entrego, sentindo seu ritmo alucinado levá-lo a gozar junto comigo. Minha amiga geme enquanto suga vorazmente o pau do irmão dois, e ele grita, desesperadamente, apertando minha mão contra sua pele sensível. Ju o lambe da base à cabeça de um lado, e eu faço o mesmo do outro. Ele tem espasmos violentos que contraem seus músculos.

— Ah, meritíssima. Que gostosa! — sussurra meu gêmeo, enquanto se acaba em mim.

SEIS DIAS COM UM ESTRANHO

EU ME DESPEÇO DE JULIANA NO AEROPORTO DEPOIS DE UMA CONVERSA INSPIRADA.

Ela está mais leve e positiva, pronta para recomeçar a vida longe de pessoas que lhe fazem mal. Esta jornada do bem já está me fazendo colher frutos — e dos mais saborosos. Estou tão feliz pela determinação dela!

— Quando eu voltar, a gente marca alguma coisa, amiga. — Um abraço apertado. — Fica bem, tá?

— Obrigada outra vez, Sara. A sua amizade é muito importante para mim. Estou feliz por ele ter me dado isso.

— É assim que se fala, Juliana. Em meio à dor e à tristeza, sempre existe algo bom pra olhar.

Pisco para ela. “Vou sentir saudade”, sussurra, e eu sorrio de volta, grata por ter esbarrado em tanta gente boa durante este ano. Posso fazer uma lista, e ela vai ser imensa. Me sinto abençoada pela vida, pelo universo, pelo Ser Supremo que nos rege. Alguém tem que estar olhando por nós e nos inspirando a viver um amor incondicional. Isso é amor, é assim que tem que ser. Não tem que haver motivo para doá-lo.

Ninguém tem o poder de mudar o outro, ainda que tenha o maior amor do mundo. Se fosse assim, as mães seriam as primeiras a exercer esse direito. Ao contrário, elas amam seus filhos apesar das falhas deles, de não serem como elas gostariam e não escolherem o mesmo caminho que elas. Ficam contentes quando estão felizes, e tristes quando estão sofrendo. É assim que o amor deve ser em qualquer relacionamento.

Tiro o celular da bolsa e mando uma mensagem para Gabriel. Ele está

ansioso pela minha resposta, e eu já decidi, para fechar as férias com ousadia.

...

É a minha primeira vez em um navio de cruzeiro. Ele é tão grande! Acho que não consigo ver tudo em uma semana. É fim de tarde, e a luz do crepúsculo invade a varanda aconchegante da cabine. Eu adoro o mar. Sempre gostei do infinito, apesar de estar aproveitando o momento agora. Ínfimo, mas intenso e feliz! Não estou errada: vivo o presente, não deixo a vida passar.

Ouçó o som de coisas caindo e me viro para dentro do quarto. Gabriel se esconde atrás da porta do armário. Dou um passo para dentro, divertida.

— O que você está fazendo?

Ele espia por trás da madeira, constrangido.

— Fique aí, por favor, coração.

— Não precisa de ajuda?

— Não!

Tudo bem. Eu paro de caminhar, franzindo o cenho.

— Por favor, não faça essa cara. Me desculpe. É que eu trouxe algumas coisas pra fazer uma surpresa e não quero que você veja antes da hora. Você não perde por esperar.

Ah! Minhas sobrancelhas se erguem.

— E quando vai ser a hora? — pergunto, curiosa.

— Já, já, paixão. Agora, pode voltar a admirar o oceano, por gentileza.

Seu sorriso me dispensa, e eu fico tentada a agir feito uma moleca e ir até lá desvendar este mistério. Suspiro, encarando o azul sem fim, me corroendo de curiosidade e algo mais. A música invade meus ouvidos, vinda da cabine. Nem penso duas vezes antes de me voltar para o som.

Lá está ele, sorrindo. Meu Deus, que visão! Acho que meu queixo cai. Fico sem palavras, olhando para Gabriel. Está lindo, vestido em um

smoking com gravata borboleta, chiquérrimo — e não parece um anjo, não mesmo! Mas o que ele pretende? Não consigo perguntar em voz alta enquanto analiso o quanto seu corpo preenche a calça. A roupa lhe cai tão bem! Raspa a garganta, esperando que eu pronuncie um veredito.

— Você está incrível! Nossa! — falo de forma pausada, para salientar que estou impressionada. — O que você vai fazer? Devo me arrumar também?

Ele sorri, prendendo minha atenção em sua boca.

— Fique sentada na cama e assista ao espetáculo.

A batida da música eletrônica se intensifica, e Gabriel começa a se mexer. Ele está dançando... para mim? Ai, meu Deus! Rio, inquieta, sobre o colchão, sem desgrudar os olhos dele. Não quero perder nenhum detalhe do meu show particular. Ele alisa o cabelo e agarra a frente da camisa, puxando-a para a frente. Seu peito nu fica exposto para meus olhos sedentos.

Roupa com velcro? Me lembra o Channing Tatum em *Magic Mike*. Bato palmas, animada e sedenta pela sua nudez. Ele dança, pula, vira de costas, balança os braços, socando o ar e me surpreendendo com tanta criatividade. Ele joga o quadril para a frente, gemendo — MEU DEUS! —, e arranca a calça em um único puxão.

Estou inclinada em sua direção, os olhos vidrados no volume de sua cueca boxer. Caraca! É grande! Tudo bem que já vi pela câmera, mas é a primeira vez que chego tão perto, ao vivo. Sinto-me dentro de uma boate. O techno me alucina, tenho vontade de me juntar a ele e não perco tempo. Salto da cama direto para seus braços, e ele me segura.

Nossos corpos se movem juntos, seguindo a música, como que enfeitiçados. Nossos olhos estão presos um no outro enquanto dançamos sensualmente. Seu rosto se aproxima do meu, faz que vai me beijar, e seu hálito acaricia minha face antes de se afastar e sorrir para mim. Ele está me seduzindo? Seguro com firmeza sua nuca e o puxo para tomar seus lábios.

Os passos de dança se transformam em amassos em um estalar de dedos. Ele me aperta com tanta ânsia contra seu peito, sinto seu pau duro pulsar contra minha pele. É muita vontade reprimida. O mundo virtual faz isso, enlouquece as pessoas. Por mais saciada que eu esteja, sempre parece novidade.

Ele arranca meu vestido com violência, mordendo e sugando minha pele. As mãos apertam, fundem-se em mim. Vou ficar com marcas, mas nem penso que depois vai ser impossível usar biquíni. Só quero matar essa fome desesperada. Sou jogada contra a cama, e ele salta sobre mim, arrancando minha lingerie sem cuidado.

Abaixo sua cueca, guiando o grande e maravilhoso pênis para minha boca, e Gabriel me encara, sedento, gemendo, lambendo os lábios. Ah, delícia! Agarra minha cabeça, enlaçando os dedos em meus cabelos até repuxar meu couro cabeludo. Solta um grito quando o enfio rapidamente até o fundo de minha garganta.

Pego uma camisinha na bolsa que larguei sobre a cama. Visto-o e o puxo para cima de mim, fazendo-o preencher rapidamente meu vazio. Eu me contorço sob ele quando me toma inteira, ágil, profunda e alucinadamente. Ele se move no ritmo angustiante de seu desespero, tocando cada vez mais fundo em mim.

— Ah, Deus, como eu quis estar aqui! — E dá uma estocada forte que me faz gritar.

A música ainda toca uma seleção de dance que guia nosso sexo em um ritmo selvagem. Gozo uma vez, e ele me gira para cavalgá-lo, facilmente levada pelo próximo orgasmo. Eu me contraio em volta dele, ciente de sua espessura inacreditável. Continuo me movendo, perdendo-me do mundo terreno. Gritamos juntos quando atingimos o ápice de nossa primeira e inacreditável transa.

Eu me mexo devagar, fazendo-o estremecer e delirar. Ele me aperta, morde os lábios grossos e atraentes e me encara, o olhar mais sacana e

desejoso que já vi.

— O que fez você aceitar meu convite? A curiosidade de ver de perto este exemplar magnífico?

— Presunçoso.

— É sério, eu quero saber. Ah! — geme quando eu o engulo de repente, pegando-o de surpresa.

— Sexo matinal? — respondo, pendendo a cabeça para o lado, travessa.

Ele se senta, abraçando-me, e beija meu queixo antes de responder sorrindo.

— Hum, boa ideia, mas eu ainda não acabei com você esta... — espia pela sacada — noite.

Oito horas depois, estamos cansados e famintos. Ele pede uma refeição no quarto.

— Não acredito que perdemos a noite toda transando na cabine.

— Perdemos? Foi a melhor noite da minha vida.

— Ainda temos cinco dias pela frente. Não precisava desse desespero todo.

Ele dá de ombros. Está jogado sobre a cama, nu, as mãos atrás da cabeça e os olhos fixos em algo que não posso ver.

— No que você está pensando? — Eu me aninho em seu peito.

— Em como eu vou te acordar amanhã.

Ele rola para cima de mim, me salpicando de beijos.

— Está se divertindo? Eu sou tão bom quanto você esperava?

— Ei, uma pergunta de cada vez.

— Tudo bem.

E ele espera. Sorrio, sem jeito, e coloco uma mecha de meu cabelo bagunçado atrás da orelha.

— Estou me divertindo muito. Você conseguiu me surpreender.

— O quê? Consegui mexer com a impressionante Sara?

— Seu bobo!

Ficamos em silêncio de novo, e eu suspiro. — E você, no que está pensando? — É a vez dele me lançar a pergunta.

Não faço contato visual ao falar.

— Na minha vida. Tenho refletido muito nos últimos tempos.

— Coisas boas ou ruins?

— Só boas. E eu estou muito feliz por ter deixado as ruins pra trás.

— Que bom! — Ele rola para cima de mim, me dando um susto ao me jogar contra a cama larga. — Agora, por favor, trate de focar seus pensamentos neste quarto. Tenho muitos planos pra você.

O MUNDO PRECISA DE...

— AMOR!

As palavras de Valentina me vêm à mente agora que as férias estão acabando e eu preciso voltar à vida real. Está quase na hora do desembarque, e Gabriel está encerrando nossa conta no navio. Encaro a tela do notebook: o resultado do concurso, preto no branco. Não passei! Sinto vontade de quebrar tudo no camarote, gritar, chorar. Meus olhos ardem, e eu caio de joelhos no chão, querendo me atirar no mar.

Não consegui! Não acredito que me esforcei tanto para nada! Tanto estresse e sofrimento para quê, meu Deus?

Depositei todas as minhas fichas nesse concurso! Tinha certeza de que o tempo que dediquei ao estudo seria suficiente. O que foi que eu fiz de errado? Faltou foco, fé, força de vontade? Que merda! Deixo o choro arder e convulsionar meu corpo. Sinto uma fisgada nos pontos inexistentes e cicatrizados quando meu abdômen se contrai em espasmos violentos. Que porcaria de advogada eu sou, porra. O que estou fazendo com a minha vida?

Não está certo eu me sentir assim depois de tudo que superei este ano. Não posso me permitir me sentir um lixo humano de novo, nem duvidar de minha capacidade. Como sempre fiz, em cada um de meus tombos, me levanto mais forte e determinada do que antes. Eu só perdi uma batalha, mas ainda posso vencer a guerra. Pego o celular — minhas mãos tremem tanto! — e começo uma maratona de telefonemas.

É tão bom saber que existem pessoas que se preocupam de verdade com

minha felicidade. Tanto amor para receber da família e dos amigos, ainda que estejamos quilômetros distantes. É isso que falta. O mundo está cheio de sonhos destruídos porque as pessoas não se importam umas com as outras.

Nós estamos carentes de amor, aquele que se alegra e entristece junto, e se doa sem pedir nada em troca.

— Não estou falando do amor romântico, Sara. — A voz de Valentina povoa novamente meus pensamentos. — Amor é amor, é se importar, é estar atento, é querer ver o outro feliz, não interessa quem seja: sua família, amigos ou parceiro. Ou ser gentil com os seus vizinhos, o seu colega de trabalho, um estranho na rua. O universo devolve o que nós estamos distribuindo.

Dar amor para receber amor, simples assim. Parece tão perigoso, mas é reconfortante. Quantas vezes andamos pela rua e nem olhamos para o rosto das pessoas que passam por nós? Onde estão as gentilezas? Um cumprimento sem segundas intenções, um sorriso apenas para transbordar a felicidade interna, uma palavra amiga para quem precisa e; dar preferência a um pedestre, aguardar outro motorista estacionar em uma vaga. Gestos tão pequenos que na correria do dia a dia nos esquecemos de praticar.

— Jesus deixou apenas um ensinamento, só pediu para amar: primeiro a Deus e ao próximo como a nós mesmos. O amor é o que vai transformar este mundo em um lugar melhor, porque ele nos torna pessoas não egoístas, e o resto é consequência. Com amor, vai haver o fim da dor, do medo e da insegurança. Amor é uma escolha. Lembre sempre disso, Sara. A mudança está nas nossas mãos se cada um fizer a sua parte. Não podemos esperar que os outros salvem o mundo. Essa transformação começa dentro de cada um de nós.

As lágrimas ainda banham minha face quando tomo consciência do quanto quero viver esse amor universal cada dia de minha vida, até o fim.

Agora que aprendi a me amar, posso oferecer esse sentimento para outras pessoas. Sei que ainda vou cometer erros, mas pelo menos vou tentar não repeti-los e pedir perdão por eles quantas vezes forem necessárias. Isso faz toda a diferença.

Tanto percorri até aqui, nesta busca incansável de autoconhecimento. Descobri segredos tão bem escondidos de mim mesma, além, claro, de libertar minha sexualidade e meu corpo para sensações novas. Não me arrependo de nada, nem dos erros mais graves, porque eles me fizeram amadurecer e me tornar a mulher segura e lutadora que sou hoje.

Quando eu acho que nada mais pode me surpreender, é porque ainda não vi o amanhã. Se eu estiver disposta a viver e experimentar, sempre vai haver algo novo me esperando.

O fim de tarde reflexivo me faz acordar e parar de perder tempo com o que não importa. Quero ter mais do que orgasmos e momentos inesquecíveis, ainda que ínfimos, e eles são feitos de alegrias e pessoas especiais. Desejo profundamente recomeçar minha vida a sério, sem fugir de nada nem de ninguém, e, assim, ser feliz em plenitude, ainda que nem tudo seja perfeito.

Não passei no concurso, mas não posso desistir. Sei o que quero na vida profissional e na pessoal também: quero ser uma filha, irmã, tia e amiga melhor. Agora, quanto a um relacionamento a dois, tenho certeza apenas do que não quero. Não desejo cometer os mesmos erros, nem me frustrar nem sofrer, mas também não desejo mais ter medo. Cansei de ficar aqui parada, remoendo teorias e falhas. Eu quero viver e fazer cada minuto valer a pena.

Devo muito ao Luis pela dor, pelo sofrimento... Sem eles, eu ainda estaria escondida atrás de uma ilusão, incapaz de ser feliz de verdade.

O SONHO

ESTOU COBERTA POR UM MACACÃO DE LÁTEX QUE ADERE AO MEU CORPO COMO UMA SEGUNDA PELE.

A vara faz um zumbido antes de estalar na barriga marcada de Luis. Ele está completamente nu, amordaçado e amarrado a uma cruz na parede. A luz vermelha do quarto salienta os vergões que mudam a cor de sua pele.

Contrariando sua cara de espanto e o pavor de seus olhos, seu pênis está duro e pulsa toda vez que lhe machuco. Sinto o meio de minhas pernas melar de desejo toda vez que ouço seu gemido, abafado pela mordaca.

— Do que você precisa, verme?

Ele tenta responder, mas a tira em sua boca atrapalha. Puxo sem dó, e seu grito enche o ambiente, fazendo-me latejar de prazer.

— Por favor, Sar... — ameaço bater novamente e ele se corrige — ... senhora!

Adoro quando ele implora. Acaricio com a ponta da vara os meus mamilos duros, expostos por aberturas na roupa lustrosa, provocando-o. Seus olhos vidrados acompanham meus movimentos. Desço a vara por entre os seios, tocando meu abdômen, e a esfrego em meu sexo, lambuzando-a com minha excitação.

— É isso que você quer? — digo, levando o objeto até seu rosto.

Paro a centímetros de seu nariz, e nós dois sentimos o cheiro do meu corpo. Ele se contorce, mas está muito bem amarrado e não consegue alcançar a vara. De repente, me aproximo, abocanhando a ponta e sentindo meu gosto na língua. Ah! Ambos urramos; eu de prazer, ele de frustração. Solto a vara sem aviso, e ela acerta a face dele, deixando uma marca medonha.

— Vai ficar querendo, seu cachorro! — Minha voz é cruel. — Você não merece mais nenhuma chance! É um péssimo amante! Mas, como sou boazinha, vou te ensinar a foder bem.

Estalo os dedos, e um homem alto e forte se posta a meu lado.

— Senhora? — o homem diz.

— Quero que você me foda de todas as formas possíveis — respondo sem olhar para o tesudo a meu lado, encarando firmemente meu ex — e me faça gozar como eu mereço. Vamos mostrar para este lixo como se faz.

ACORDANDO COM SARA

SOU UMA IDIOTA! SÓ NÃO JOGO MEU CELULAR
NA PAREDE PORQUE GOSTO MUITO DELE.
VONTADE DE ESGANAR ALGUÉM!

De preferência o pentelho que está me importunando tão cedo. Fora o sonho, né? Na melhor parte, ele me acorda. Ai, que saco! Tudo bem que não sou nenhuma dominatrix, mas já notou que, quando a gente dorme, tudo é possível? Posso ser qualquer coisa nos sonhos, inclusive juíza, já que na vida real eu ainda estou longe disso.

Aproveito que levantei antes da hora para tomar um café da manhã decente. Sempre saio correndo de casa, e só dá tempo de virar um copo de leite ou um iogurte. É no escritório que eu como direito. Sempre carrego uma fruta ou barra de cereal para fazer um lanche entre as refeições. Saio da cama pisando duro, ainda irritada com Gabriel. Como ignorei a ligação, ele resolveu me perturbar com uma mensagem infame.

Oi, delícia. Louquinho de tesão e ansiedade para hoje
à noite

Deu para perceber, senhor impaciente! Aff! Há três meses eu fico com ele na última sexta-feira do mês. Como sempre acontece há um ano, nunca fico com o mesmo cara uma quarta vez. Eu enjojo, e hoje descobri por quê. Não gosto de ser tratada como objeto, apesar de ter feito isso com cada um dos peguetes em minha fase libertina. É, eu sei. Sou uma idiota de marca maior. Aff!

E esse sonho absurdo com meu ex-marido? Desde o acidente no ano passado que não o vejo e não sinto mais mágoa nem raiva dele. Também

não sou adepta de BDSM — Bondage, Disciplina, Dominação, Submissão, Sadismo e Masoquismo. — Não mesmo! Mas confesso que acordei excitada. Isso me deixa com mais raiva ainda, porque não quero ficar com Gabriel nem com ninguém só pelo sexo.

Estou em abstinência sexual, não posso negar, e o sonho é a maior prova disso. Eu me acostumei a transar toda semana. Acho que nunca mais vou ser morna. Basta uma faísca — pode ser qualquer estímulo, uma música, uma dança, um filme ou um sonho — e pronto: estou subindo pelas paredes.

A experiência sexual sem limites que vivi nos últimos meses me deu um gatilho, rápido e certo, que dispara minha libido em questão de segundos. Isso é bom, muito bom, mas quero curtir minha maturidade sexual ao lado de alguém que valha a pena.

Vou deletar e bloquear o número de Gabriel e de todos os outros da minha agenda. Quero ver me encherem no WhatsApp. Um choramingo me chama a atenção, e eu deixo de sentir raiva na hora. Todo esse agito atrapalhou o sono do meu bebê.

— Mamãe está aqui, Jojo.

O som dos passinhos enche a cozinha, e meu coração inflama de amor. Ele se enrosca em meus pés, e eu aliso seu pelo sedoso com as pontas dos dedos. Deita no chão, deixando-me acariciar sua barriguinha. É tão fofo e pequenino. Tem apenas alguns meses de vida, mas é esperto e apronta todas.

Jojo é meu filhote de shih-tzu. Seu pelo é lindo e encaracolado, branco e cinza. Ele dorme no quarto ao lado do meu, que é o escritório. Sua cama fica perto de minha mesa de estudo. Passo meu tempo livre lá, estudando para concursos. Estou prestando todos que encontro na área de direito para, um dia, me candidatar à vaga de juíza. Eu sou prioridade máxima nesta nova fase da minha vida, e espero que seja definitiva.

Como diria Ana Carolina, “não vou viver como alguém que só espera

um novo amor; há outras coisas no caminho aonde eu vou”. Suspiro ao sentir o corpinho do meu cachorro se acomodando. Fico parada e deixo que se ajeite para cochilar enquanto continuo comendo, perdida em pensamentos.

Minha vida nestes meses após as férias de fim de ano tem sido tranquila — até demais para uma baladeira como eu era. Arranjei um novo emprego, por isso nunca mais vi Cássio, meu colega — e peguete depois de uma desastrosa noite de tequila, que me rendeu duas tatuagens —, e Henrique, meu ex-chefe gostosão, que me pegou em sua sala depois do expediente. Ai. Essa lembrança tinha que me atormentar agora?

Confiro a hora no celular. Ainda tenho tempo. No escritório novo, a chefe é uma mulher, e há outras contratadas também. É diferente do anterior, onde eu era a única. Ganho o dobro, graças a Deus, e o lugar também é maior, com contas melhores que meu antigo emprego. Mesmo não passando no concurso que prestei antes das férias, evolui profissionalmente.

Nos fins de semana, dou uma folguinha para mim mesma — já que de segunda a sexta trabalho, estudo e treino na academia, além da aula de pole dance (estou ficando cada dia melhor!) — e curto minha família e as amigas. Ah! Comprei o bendito piano elétrico! Quando estou estressada, ele é um santo remédio. Sabe qual foi a primeira música que tirei nele? “Dream On”, do Aerosmith. Suspiro de novo. O despertador finalmente apita, lembrando que está na hora de me trocar e sair.

...

As meninas do trabalho resolveram me arrastar para um pub badaladíssimo que abriu em um hotel no centro da cidade. Desde que entrei no novo escritório, não participei de nenhum happy hour com elas, que saem todas as sextas à noite. Como estou levando a sério meu compromisso comigo mesma, recusei todos os convites. Mas hoje não

teve jeito! E estou mesmo precisando, já que me recusei a transar com Gabriel.

Brindo com meu copo de chope, satisfeita com a bebida que refresca a garganta. Está calor, e eu queria estar usando uma roupa mais confortável do que este terninho. Pelo menos eu vesti saia em vez de calça. O casaco ficou no carro; abri os dois primeiros botões da blusa, passei batom vermelho e penteei o cabelo com os dedos. Sempre uso salto alto — é mal de baixinha — e nunca estou menos do que sexy.

A música ambiente é rock nacional, e eu fico satisfeita por ouvir minhas bandas preferidas na voz original. Estamos distraídas, fazendo piada sobre os clientes mais estranhos do escritório, quando um garçom se aproxima com um bilhete. Estremeço com o déjà vu. Não, por favor. Eu imploro que mais ninguém do passado resolva se materializar no meu presente! Pego o guardanapo com as mãos trêmulas.

“Oi, gostaria de te conhecer. Se aceitar,
por favor, responda no verso. R.V.”

Só pode ser piada. Quem é o cretino? Seguro o garçom pela barra da camisa antes que se afaste demais e o obrigo a me apontar o autor daquele bilhete idiota. Hoje não é meu dia! Quando meus olhos cruzam com os dele, meu coração para de bater por um milésimo de segundo infinito. Ele ergue o copo para mim, sorrindo, em um gesto que conheço bem.

Ai, meu Deus do céu! O que foi que eu te pedi, Senhor? Nada de homens do passado!

Mas lá está ele, o cara misterioso com quem fiquei em um bar há muito tempo. Nossa trilha sonora ainda me assusta, e nossos encontros posteriores, apesar de nunca mais termos ido além de um beijo, foram especiais e marcantes. Ainda assim, eu não esperava encontrá-lo

novamente por aí e sentir essa atração louca e intensa outra vez. É tão absurda e inapropriada que me dá raiva. Hora de jogar, Sara. Você ainda sabe como se faz.

"Caro R.V., não fico animada em conhecer uma
pessoa
que não tem coragem de vir se apresentar
pessoalmente
e se esconde atrás de iniciais. S.M."

Com cara de poucos amigos, mando a resposta para ele através do mesmo garçom. Fico encarando-o, irritada, enquanto ele recebe o guardanapo. O sorriso não some de sua face; quando ele lê, gargalha. Não posso ouvir de onde estou, mas percebo. Levanta o olhar do papel e pisca para mim, perturbando uma ordem interna que deseja ser bagunçada. Aff! Volta a escrever e eu estreito os olhos, me corroendo de curiosidade.

O bilhete volta às minhas mãos, e eu nem agradeço o garçom que se presta ao serviço de pombo-correio. Abro o papel, e sua letra caprichada toma dois quadradinhos.

"Garanto a você, linda S.M., que posso chegar tão
perto que ficaremos misturados, sem saber onde um
começa e o outro termina. Estou te dando a chance
de me dizer o que quer."

Abusado, atrevido e muito, mas muito, seguro de si. Fico parada, olhando as letras e sentindo o significado delas vibrar no baixo-ventre. Ah, a expectativa pelo desconhecido... Há quanto tempo não sinto isso? O que ele pretende? O que devo responder? Dou ou não uma chance?

— Você tem o tempo de uma música para se decidir.

— O quê? — Ergo a cabeça e encaro o homem parado ao meu lado, músculos definidos e um rosto quadrado com a barba por fazer.

— Se quer me conhecer melhor ou não — ele emenda, como se falássemos sobre o tempo.

Me recupero depressa, destilando toda a minha ironia.

— E se eu não estiver nem um pouco interessada?

O sorriso jamais desaparece de sua boca linda, gostosa e... Ah, para, por favor!

— Dança comigo e eu prometo te convencer.

— Por que isso agora, Rodrigo? — Estou hipnotizada e sussurro, sem forças.

— Porque eu estou muito a fim de saber mais sobre você, Sara. Não quero que... isto que a gente tem seja apenas um sonho bom, uma lembrança que nunca vai ser esquecida. Prefiro que a gente aproveite o presente.

Que proposta é esta?